

Pontifícia Universidade Católica De São Paulo
PUC-SP

Mariana Jardim Andrade Leones

Mudança climática e deslocamento populacional na América Latina:
um mapeamento a partir da multidimensionalidade das migrações internacionais

Mestrado profissional em Governança Global e Formulação de Políticas Internacionais

São Paulo

2023

Pontifícia Universidade Católica De São Paulo
PUC-SP

Mariana Jardim Andrade Leones

Mudança climática e deslocamento populacional na América Latina:
um mapeamento a partir da multidimensionalidade das migrações internacionais

Mestrado profissional em Governança Global e Formulação de Políticas Internacionais

Dissertação à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE PROFISSIONAL em Governança Global e Formulação de Políticas Internacionais, sob a orientação da Profa. Dra. Cláudia Alvarenga Marconi.

São Paulo

2023

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

Jardim Andrade Leones, Mariana
/ Mariana Jardim Andrade Leones. -- São Paulo:
[s.n.], 2023.
100p. il. ; cm.

Orientador: Cláudia Alvarenga Marconi .
Trabalho Final (Mestrado Profissional) -- Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, Programa de
Estudos Pós-Graduados em Governança Global e
Formulação de Políticas Internacionais, 2023.

1. Migrações Internacionais. 2. Mudanças
Climáticas. 3. América Latina e Caribe. 4. Aspectos
Multidimensionais das migrações. I. Alvarenga
Marconi , Cláudia . II. Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo Faculdade de Ciências Médicas
e da Saúde, Mestrado Profissional em Governança
Global e Formulação de Políticas Internacionais. III.
Título.

Mariana Jardim Andrade Leones

Mudança climática e deslocamento populacional na América Latina:
um mapeamento a partir da multidimensionalidade das migrações internacionais

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE PROFISSIONAL em Governança Global e Formulação de Políticas Internacionais, sob a orientação da Profa. Dra. Cláudia Alvarenga Marconi.

Data da aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cláudia Alvarenga Marconi – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Profa. Dra. Elze Camila Ferreira Rodrigues – Universidade Estadual da Paraíba

Profa. Dra. Terra Friedrich Budini – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Este trabalho é dedicado à memória de minha mãe. Sem ela, nada disso seria possível ou faria sentido.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que contribuíram para a realização deste trabalho. Ao meu companheiro de todos os dias, Thiago, que me apoiou nesse percurso ajudando no possível e no impossível. Às minhas irmãs, Ana Karolina e Ana Beatriz, parceiras de vida, de alegrias, de tristezas e de conquistas, que me dão força em todos meus projetos. Ao nosso pequeno, Galeano, que torna os dias mais leves. Aos meus tios Carlos Andrade e Elza Andrade, que me dão o apoio que preciso para continuar. À minha prima-irmã Luciana Andrade, que compartilha de sonhos e que me ajuda a realizá-los. Aos colegas de turma, e em especial minha amiga Lirian Martins, que esteve presente em todos os momentos, me ajudando a superar as dificuldades, principalmente a da distância. À professora Terra Friedrich Budini, pela paciência e pelos ensinamentos que guiaram meu tema de pesquisa. À professora Elze Camila Ferreira Rodrigues, pela disponibilidade e pelas orientações tão pertinentes. À professora orientadora, Cláudia Alvarenga Marconi, pela dedicação, esforço e orientação em todos os momentos da pesquisa – sua competência me ajudou a organizar e concretizar minhas ideias. Aos professores William Torres Laureano da Rosa e Elaine Cristina Gonzaga da Silva por terem aceitado a participação na banca.

RESUMO

Os deslocamentos populacionais são um fenômeno amplo e complexo, que possui aspectos multidimensionais, com diversas motivações, diferentes causas, amplas consequências e múltiplos atores. Os efeitos do clima têm atuado como potencializador dos aspectos multidimensionais das migrações e contribuído para agravar a situação de vulnerabilidade na qual já se encontram as pessoas deslocadas. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), em 2021, havia aproximadamente 281 milhões de pessoas deslocadas dos seus países de origem, e parte desse número pode ser relacionada direta ou indiretamente aos efeitos climáticos. O relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, 2022) destaca que a América Latina e o Caribe são regiões potencialmente afetadas pelas mudanças climáticas. Segundo o relatório, os efeitos do clima agravarão os aspectos que envolvem as migrações na região, como o contexto político, econômico e social, a pobreza e a desigualdade de renda, por exemplo. Por esta razão, o objetivo desta dissertação é propor um mapeamento das migrações climáticas na região por meio de um olhar a partir dos aspectos multidimensionais das migrações internacionais.

Palavras-chave: Migrações Internacionais; Mudanças Climáticas; América Latina e Caribe; Aspectos Multidimensionais das migrações.

ABSTRACT

Population displacements are a broad and complex phenomenon, which has multidimensional aspects, with diverse motivations, different causes, broad consequences, and multiple actors. The effects of climate have acted as an enhancer of the multidimensional aspects of migration and contributed to aggravate the situation of vulnerability in which displaced people are already located. According to the United Nations (UN), in 2021, there were approximately 281 million people displaced from their countries of origin, and part of this number may be related directly or indirectly to climate effects. The report of the Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC, 2022) highlights that Latin America and the Caribbean are regions potentially affected by climate change. According to the report, the effects of climate will aggravate aspects involving migration in the region, such as the political, economic, and social context, poverty, and income inequality, for example. For this reason, the objective of this dissertation is to propose a mapping of climate migrations in the region through a look from the multidimensional aspects of international migrations.

Keywords: International Migrations; Climate Change; Latin America and the Caribbean; Multidimensional aspects of migrations.

LISTA DE FIGURAS

<u>Figura 1 – Estrutura conceitual do relatório do GO-Science (2011): 'impulsionadores' da migração e a influência da mudança ambiental</u>	20
<u>Figura 2 – Caracterização socioeconômica e biofísica da América do Sul e Central</u>	66
<u>Figura 3 – Número de migrantes internacionais por grupo de renda do Banco Mundial no destino, 2000 a 2020</u>	27
<u>Figura 4 – Número de migrantes internacionais, por grupo de renda do Banco Mundial no destino, 2000 a 2020</u>	28
<u>Figura 5 – Variação do número de migrantes internacionais, por região de destino, 2000 a 2020</u>	30
<u>Figura 6 – Número de migrantes internacionais, por grupo de renda do Banco Mundial de origem, 2000 a 2020</u>	31
<u>Figura 7 – Número de migrantes internacionais que se mudaram dentro ou entre os grupos de renda do Banco Mundial, 2000 e 2020</u>	33
<u>Figura 8 – Os dez principais países de origem de migrantes internacionais, por região, 2000 e 2020</u>	34
<u>Figura 9 – Percentual de migrantes intrarregionais entre todos os migrantes internacionais, por região de origem, 2000 e 2020</u>	35
<u>Figura 10 – Número de migrantes internacionais, por regiões de origem e destino, 2020</u>	36
<u>Figura 11 – Dez maiores corredores regionais de migração, por região de origem e destino, 2000 e 2020</u>	37
<u>Figura 12 – Proporção de mulheres e meninas entre todos os migrantes internacionais, por grupo de renda do Banco Mundial no destino, 2000 e 2020</u>	39
<u>Figura 13 – Parcela de migrantes internacionais na população total, por ampla faixa etária e região de destino, 2020</u>	40
<u>Figura 14 – Os 10 principais corredores de migração envolvendo países da América Latina e Caribe, 2019</u>	56
<u>Figura 15 – Populações nascidas no exterior na América Latina e no Caribe, por região de origem, 1969–2017</u>	56
<u>Figura 16 – Populações nascidas no exterior na América do Norte, por região de origem, 1969–2017</u>	57
<u>Figura 17 – Migração líquida para os EUA do México abaixo de zero após a grande recessão, em milhares</u>	58
<u>Figura 18 – Populações nascidas no exterior em países e territórios da América Latina e Caribe, por origem, 2017</u>	59
<u>Figura 19 – Migrantes para, dentro e da América Latina e Caribe, 1990–2020</u>	60
<u>Figura 20 – Principais países migrantes da América Latina e Caribe, 2020</u>	62
<u>Figura 21 – Principais países destinatários e de origem de remessas na América Latina e no Caribe, 2019 e 2020</u>	62

<u>Figura 22 – Principais países latinos e caribenhos por novos deslocamentos internos (desastres e conflitos), 2020</u>	63
---	----

LISTA DE TABELAS

<u>Tabela 1 – Migrantes internacionais (1970-2019)</u>	17
<u>Tabela 2 – Países que mais recebem remessas (2005–2018) (bilhões de dólares atuais)</u>	53
<u>Tabela 3 – Países que mais enviam remessas (2005–2018) (bilhões de dólares atuais)</u>	54

LISTA DE QUADROS

<u>Quadro 1 – Aspectos multidimensionais das migrações e os efeitos das mudanças climáticas</u> .	68
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR	Agência da ONU para Refugiados
IPCC	Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas
IRCA	<i>Immigration Reform and Control Act</i>
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
NAFTA	Tratado Norte-Americano de Livre-Comércio
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OIM ou IOM	Organização Internacional para Migração
OMM	Organização Meteorológica Mundial
ONU	Organização das Nações Unidas
UNDESA	Departamento das Nações Unidas para Assuntos Econômicos e Sociais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 TEORIAS, CONCEITOS E NOMEMCLATURA UTILIZADOS NA PESQUISA.....	14
3 ASPECTOS MULTIDIMENSIONAIS DAS MIGRAÇÕES	24
3.1 ASPECTOS MULTIDIMENSIONAIS GEOECONÔMICOS.....	28
3.2 ASPECTOS MULTIDIMENSIONAIS SOCIAIS	35
3.3 A DINÂMICA ENTRE OS ASPECTOS MULTIDIMENSIONAIS	43
3.4 COMO EFEITOS DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS PODEM AFETAR OU SEREM AFETADOS PELOS ASPECTOS MULTIDIMENSIONAIS DAS MIGRAÇÕES.....	44
4 A MIGRAÇÃO NA AMÉRICA LATINA E AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS	59
5 UM MAPEAMENTO A PARTIR DOS ASPECTOS MULTIDIMENSIONAIS DAS MIGRAÇÕES PARA COMPREENSÃO DOS EFEITOS DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NAS MIGRAÇÕES NA AMÉRICA LATINA	75
REFERÊNCIAS.....	86

1 INTRODUÇÃO

Em 2018, o Banco Mundial, no relatório *Groundswell*, estimou que três regiões do mundo, a saber, América Latina, África Subsaariana e o Sudeste da Ásia, gerariam, sozinhas, 143 milhões a mais de migrantes climáticos (RIGAUD *et al.*, 2018). Em 2021, a instituição publicou a Parte 2 do relatório, com atualização dos dados e afirmando que, sem nenhuma ação concreta para o desenvolvimento e mudanças climáticas, chegaríamos a 216 milhões a mais de migrantes climáticos no mundo. Desses, mais de 100 milhões seriam provenientes da África e 17 milhões da América Latina (CLEMENT *et al.*, 2021).

O último relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, 2022) também ressalta que a América Latina será uma das regiões que serão mais severamente afetadas pelas mudanças climáticas, pois terão seus efeitos agravados pela pobreza e pelas condições de desigualdades já existentes (IPCC, 2022), o que pode impactar diretamente nos fluxos migratórios intrarregionais.

A migração, de maneira geral, é um fenômeno complexo, com muitas nuances e que envolve uma variedade de aspectos e atores. Classificações generalistas, sem considerar as particularidades necessárias de cada cenário, cada contexto, cada localidade e cada grupo de pessoas, além de contribuir para invisibilizar esses migrantes, prejudica a tomada de decisões necessárias. Portanto, estabelecer a conexão desses dois amplos campos de estudo – migrações e mudanças climáticas – requer uma análise ampla e abrangente que considere todas as questões envolvidas.

Portanto, ao se observar o fenômeno migratório sob a lógica da agenda ambiental, é necessário reconhecer que esse processo possui múltiplos aspectos multidimensionais envolvidos. Esses aspectos envolvem diversas áreas, como crescimento econômico, cultura, desenvolvimento, segurança nacional, mercado de trabalho, entre outros. Os efeitos das mudanças climáticas impõem uma situação de vulnerabilidade ainda maior à condição já delicada do migrante, e por isso os desafios sociais e políticos para lidar com esse fenômeno se tornam ainda mais complexos (CHIN-YEE, 2019).

Dessa forma, a relação entre migração e mudanças climáticas na América Latina não deve ser analisada superficialmente. Pelo contrário, é necessária a produção de uma pesquisa com um olhar que melhor represente essa migração. Um mapeamento que considere os

múltiplos aspectos multidimensionais envolvidos, e que seja base para melhores as ações e políticas para lidar com a questão. Em outras palavras, é necessária uma perspectiva que represente melhor a complexidade da questão para a região latino-americana.

Logo, a presente dissertação tem por objetivo mostrar a necessidade de uma produção de pesquisa específica para os migrantes climáticos específica para a região da América Latina, que possui um histórico de intenso fluxo migratório, o qual está sendo afetado, com projeções de aumento nas próximas décadas, devido às mudanças climáticas. Esse olhar deve buscar avaliar e compreender a relação entre os dois campos – Mudanças Climáticas e Migrações – por meio da chave de análise dos aspectos multidimensionais que possuem as migrações.

Para tanto, a pesquisa está estruturada em quatro capítulos, além desta Introdução e das Considerações Finais. No Capítulo 2 é feita a análise geral das abordagens teóricas, conceitos e nomenclaturas sobre migrações e mudanças climáticas mobilizados na pesquisa.

Em seguida, o Capítulo 3 elenca alguns dos principais aspectos multidimensionais que envolvem as migrações. De maneira não exaustiva, os aspectos apresentados foram escolhidos baseados na pesquisa, na recorrência com que aparecem e na importância que cumprem para influenciar ou não as migrações, conforme apontaram as referências utilizadas.

Na sequência, os Capítulos 4 e 5 tratam especificamente do objetivo da pesquisa: a análise das migrações relacionadas aos efeitos climáticos na América Latina, bem como a necessidade de um olhar para compreendê-las e que se estruture a partir dos aspectos multidimensionais das migrações.

2 TEORIAS, CONCEITOS E NOMEMCLATURA UTILIZADOS NA PESQUISA

Os dois campos de estudos desta pesquisa, Migrações e Mudanças Climáticas, possuem muitos vieses e aspectos observáveis. Consequentemente, possuem também muitas pesquisas, teorias e conceitos envolvidos. É por essa razão que, tanto a título de esclarecimento, quanto para guiar o raciocínio proposto na pesquisa, serão apresentados a seguir os conceitos, nomenclaturas e teorias utilizados.

Ao analisarmos as migrações percebemos que, devido à sua complexidade, esse fenômeno pode ser observado e compreendido de diversas maneiras. De maneira geral, pessoas se deslocam todos os dias, em diferentes lugares, ao redor do mundo. Alguns deslocamentos se mantêm dentro dos limites geográficos dos Estados, outros cruzam as fronteiras, às vezes regiões e até continentes. As motivações, os caminhos e até as percepções das migrações podem variar por diversos motivos, por uma questão de época, de necessidade, de teoria, entre outros.

Atualmente, o número de pessoas deslocadas dos seus países de origem atingiu marcas impressionantes. De acordo com a Organização Internacional para Migração (OIM ou IOM), o mundo registrou cerca de 281 milhões de migrantes internacionais em 2021 (MCAULIFFE; TRIANDAFYLLIDOU, 2021). Neste cenário, esse processo se encontra atualmente entre as questões mais centrais e delicadas do mundo contemporâneo.

De acordo com a definição da Organização das Nações Unidas (ONU), migrantes internacionais podem ser considerados:

[...] qualquer pessoa que tenha mudado de seu país de residência, seja como migrantes temporários, aqueles que mudou de país de residência por um período de pelo menos três meses e de no máximo um ano, ou migrantes permanentes ou de longo prazo, aqueles que mudaram de seu país de residência por pelo menos um ano. (IOM, 2020).

Existem correntes teóricas que representam as migrações como um fenômeno natural, de movimentação de pessoas, que sempre esteve presente ao longo de toda a história da civilização. Sob essa perspectiva, migrar é parte do comportamento do ser humano para atingir suas necessidades, sejam elas quais forem e que, por isso, as fronteiras seriam uma criação artificial. Um exemplo seria os povos nômades que vivem há séculos em regiões que ultrapassam e independem dos limites dos Estados (ABAZOV, 2013).

Haas, Castles e Miller (2020), no livro “*The age of migration*”, analisam alguns aspectos do fenômeno da migração que ajudam a iniciar o caminho para a sua compreensão. Segundo os autores, as migrações não são um fenômeno recente, tampouco isolado. Elas possuem motivações e consequências diversas que foram potencializadas pelo processo de globalização:

Migrations are not isolated phenomena: movements of commodities, capital and ideas almost always give rise to movements of people, and vice versa. Global cultural interchange, facilitated by improved transport and the proliferation of print and electronic media, can also increase migration aspiration by diffusing images and information about life and opportunities in other places. International migration therefore ranks as one of the most important factors in global change – both as manifestation and a further cause of such change. (HAAS; CASTLES; MILLER, 2020, pp. 1-3).

Em seu livro “*Lines a brief history*”, o antropólogo Tim Ingold (2007) ressalta essa artificialidade das fronteiras criadas em contraste com a mobilidade natural que caracteriza o ser humano. Segundo Ingold (2007), linhas que dividem espaços, pessoas, formas, são criações não naturais. Já o movimento é natural, e a vida se dá no caminho ao longo do percurso.

Lines is everywhere as walking, talking, gesticulating creatures, human beings generate lines wherever they go...The other line of this coin it to Assume that life is lived authentically on the spot, in places rather than along paths. Yet how could there be places, I wondered, if people did not come and go. Life on the spot surely cannot yield an experience of a place, of being somewhere. (INGOLD, 2007, pp. 2-3).

Para Castro, Gomes e Lobato (1997), a migração, definida como mobilidade espacial da população, não pode ser considerada como um processo novo. Segundo os autores, os seres humanos sempre se locomoveram, seja pela conquista de novos territórios, seja em busca de melhores condições de vida, assim como de melhores oportunidades de trabalho e ascensão social; seja para fugir de perseguições e de conflitos; seja para escapar de desastre ou degradação ambiental (CASTRO; GOMES; LOBATO, 1997). Por diversos motivos, grupos populacionais sempre estiveram em movimento. Foi inclusive por meio de migração de populações que muitos Estados nacionais se formaram (HAAS; CASTLES; MILLER, 2020).

Como um processo de deslocamento populacional, a migração reflete alterações entre as pessoas em si, e entre elas e o espaço físico em que vivem. Ocorridos em escalas espaciais e contextos diferenciados ao longo das décadas, os deslocamentos populacionais ocasionaram

uma complexidade cada vez maior do conceito de mobilidade como expressão de um fenômeno social e de situação conjuntural específica (CASTRO; GOMES; LOBATO, 1997).

Do ponto de vista histórico, de maneira geral, a partir da expansão europeia, no século XVI, e da Revolução Industrial, a partir do XIX, a migração ganhou novos contornos e complexidade, com deslocamento populacional massivo de áreas rurais para as áreas urbanas dentro e fora das fronteiras dos Estados (HAAS; CASTLES; MILLER, 2020). O ponto alto dessa onda migratória ocorreu entre meados do século XIX até o início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando aproximadamente 59 milhões de pessoas deixaram a Europa em direção a diversas áreas como América do Norte, América do Sul, entre outras (HAAS; CASTLES; MILLER, 2020). Especialistas argumentam que essa “era da migração em massa” foi maior do que o atual movimento populacional (HAAS; CASTLES; MILLER, 2020). No entanto, as migrações foram ganhando outros aspectos e motivações.

Entre 1850 e 1914, devido principalmente às restrições tecnológicas, os deslocamentos populacionais eram principalmente transatlânticos. Porém, a partir de 1946, outros aspectos foram agregados às dinâmicas que influenciam as migrações e praticamente todas as regiões do mundo passaram a registrar movimentos populacionais. A partir do século XXI, Ásia, África e América Latina se tornaram cenários de importantes deslocamentos populacionais, principalmente pela complexidade dos fatores multidimensionais relacionadas às migrações nessas regiões (HAAS; CASTLES; MILLER, 2020).

A partir da segunda metade do século XX, aspectos geopolíticos foram fundamentais para influenciar os principais movimentos migratórios da época. Os eventos do pós-Guerra Fria, como as guerras no Oriente Médio, o fim da União Soviética e a emergência de blocos econômicos, como o Mercado Comum Europeu e o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), redesenharam o mapa mundial. Se por um lado essa nova geografia político-econômica permitiu o rearranjo da economia mundial, por outro evidenciou as disparidades e a pobreza, que deram origem a fluxos migratórios de grande magnitude que caracterizaram os anos 1990 (CASTRO; GOMES; LOBATO, 1997).

Tabela 1 – Migrantes internacionais (1970-2019)

Year	Number of migrants	Migrants as a % of the world's population
1970	84,460,125	2.3%
1975	90,368,010	2.2%
1980	101,983,149	2.3%
1985	113,206,691	2.3%
1990	153,011,473	2.9%
1995	161,316,895	2.8%
2000	173,588,441	2.8%
2005	191,615,574	2.9%
2010	220,781,909	3.2%
2015	248,861,296	3.4%
2019	271,642,105	3.5%

Source: UN DESA, 2008, 2019a, 2019b.

Note: The number of entities (such as States, territories and administrative regions) for which data were made available in the 2019 UN DESA Revision of International Migrant Stock was 232. In 1970, the number of entities was 135.

Fonte: IOM (2020, p. 21).

A Tabela 1 analisa a evolução da quantidade de migrantes da década de 1970 a 2019 e evidencia o aumento da quantidade dos deslocamentos populacionais ao longo das últimas décadas, principalmente devido ao avanço do processo de aceleração da globalização.

Assim, pode-se afirmar que expansão do processo da globalização mundial também se tornou um dos aspectos multidimensionais imprescindível para compreender o aumento do movimento de pessoas ao redor do mundo. O desenvolvimento de novos meios de transporte e de novas tecnologias passaram a permitir que familiares e entes próximos mantivessem contato constante, além de facilitar viagens mais frequentes para os locais de origem. Portanto, a migração internacional tornou-se uma dinâmica central com o avanço da globalização (HAAS; CASTLES; MILLER, 2020).

À medida que os fluxos foram aumentando, os processos migratórios foram se tornando mais complexos, envolvendo múltiplos aspectos. Com efeito, esse fenômeno que em algum momento foi considerado comum e natural entre os povos, passou a ser considerado um desafio e uma das maiores questões humanitárias das últimas décadas, além de muitas vezes ser visto e tratado como ameaça.

A esse respeito, Tim Ingold (2007) ressalta que o colonialismo criou a imposição de um tipo de linearidade sobre um mundo não linear, o qual converteu os caminhos ao longo dos quais a vida é construída em fronteiras que os interrompe e os une em comunidades enclausuradas, cada uma confinada a um lugar.

Alguns autores afirmam que, à medida que a mobilidade espontânea das pessoas foi se tornando uma questão complexa ao longo do século XX, pelo aumento do fluxo de migrantes não documentados, tornou-se fundamental tratar do assunto no âmbito bilateral, regional e internacional. A mobilidade permite, principalmente com o advento das tecnologias, que as pessoas mantenham relações econômicas e sociais em dois ou mais países ao mesmo tempo (HAAS; CASTLES; MILLER, 2020).

Ao observar as migrações no contexto das mudanças climáticas, percebemos que se trata de uma dinâmica ainda mais complexa, pois os aspectos multidimensionais das migrações são diretos ou indiretamente afetados pelos efeitos das mudanças climáticas. E à medida que os impactos dos efeitos do clima se intensificam, é cada vez maior, e de maior urgência compreender essa conexão.

No relatório publicado em 2022, o *Danish Refugee Council*, intitulado “*Asia Climate Framework*” (VIGIL; TORRE; KIM, 2022) assume um conceito de “*threat multiplier*”, que explica que as mudanças climáticas funcionam como um multiplicador ou intensificador de ameaças. Isso quer dizer que os efeitos das mudanças do clima, ao afetar os recursos para vida e sobrevivência das pessoas, e ao provocar o aumento da incidência e da potência dos eventos climáticos extremos, acentua a vulnerabilidade das populações assim como a possibilidade de deslocamentos.

A common view among policy-makers and researchers is that climate change is a ‘threat multiplier’: by affecting livelihood resources and increasing the incidence and severity of extreme events, it intensifies human insecurity, which can lead to conflicts as well as migration. (VIGIL; TORRE; KIM, 2022).

O relatório também destaca que tem crescido e se tornado cada vez mais comum a associação de causa e efeito entre mudanças climáticas e migrações, e que essa relação não deve ser analisada de forma isolada, sem que sejam considerados outros aspectos e fatores sociais, políticos e econômicos que são fundamentais para a decisão de migrar ou de permanecer. Dessa maneira, é imprescindível identificar a interconexão desses fatores, assim como onde e como as mudanças climáticas podem atuar como intensificadoras e propulsoras de movimentos migratórios.

Too often climate change is identified as the cause of migration or conflict when, in reality, it cannot be isolated from all the other socio-political and economic factors that together affect migration decisions (Zetter and Morrissey 2014) and spur conflicts. People often migrate for a mix of reasons (in search of jobs, to flee violence and persecution, to join

family), with elements of compulsion and choice. Moreover, key motivations can change during migration journeys (Van Hear, Brubaker, and Bessa 2009). (VIGIL; TORRE; KIM, 2022).

Para analisar essa interrelação entre mudanças climáticas e migrações também é necessário considerar a característica interseccional como parte dos aspectos multidimensionais que podem contribuir para a compreensão dessa dinâmica. Logo, identidades e configurações sociais como idade, gênero e classe são aspectos necessários a se considerar na análise. De acordo com Vigil, Torre e Kim (2022):

[...] gender, age, ethnicity and class play key roles in shaping people's experiences with climate change, migration and conflict. Members of ethnic minorities are particularly likely to be marginalised, excluded from social protections, and even subjected to violence. Discriminatory policies and social norms sharply limit the mobility of Afghan and Rohingya women and girls and limits how much they can protect themselves from climate and disaster risks. Rohingya women and girls are also particularly exposed to violence during and after disaster events. (VIGIL; TORRE; KIM, 2022).

Portanto, do ponto de vista de Vigil, Torre e Kim (2022), as dinâmicas sociais podem colaborar para catalisar discriminações já existentes ou dificultar medidas de mitigação e adaptação devido aos desafios que podem impor as diferentes necessidades, principalmente das minorias mais vulneráveis, e são assumidas também nessa pesquisa como chave de análise.

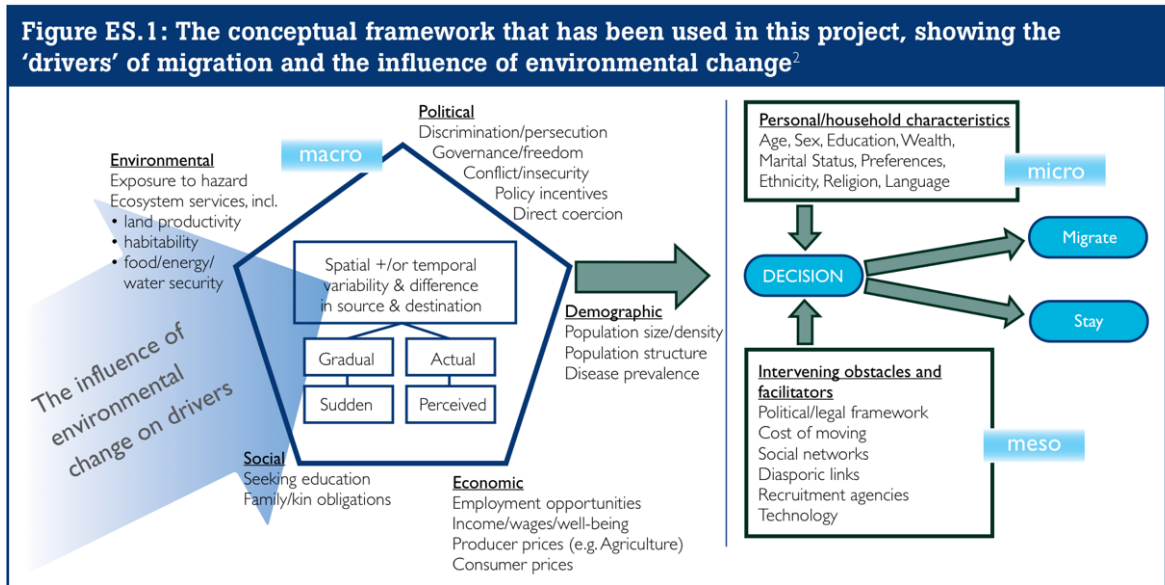
No relatório publicado em 2011, “*Migration and Global Environmental Change*”, pelo *The Government Office for Science* de Londres (GO-Science, 2011), está presente uma análise de algumas variáveis para se compreender como o deslocamento mundial de população pode ser afetado pelas mudanças globais no meio ambiente e que também foram usados nessa pesquisa como base. Para os autores do relatório, do ponto de vista dos organismos e organizações internacionais, o interesse da comunidade internacional pelo tema migração e mudanças climáticas teve início de maneira geral nas décadas de 1970 e 1980, quando se iniciou a discussão sobre “*environmental refugees*” na ONU. Naquele momento, duas questões centrais relacionadas ao tema foram destacadas como preocupação: a questão da proteção legal e, portanto, da necessidade de se criar uma categoria para esses deslocamentos, e a questão da preocupação com os novos desafios de segurança que esse novo tipo de migração poderia trazer, em termos de guerra e conflito (GO-Science, 2011).

O relatório também destaca a questão das estimativas existentes sobre as migrações climáticas das próximas décadas. Segundo o relatório, existem números e estimativas alarmantes que apontam os números de possível deslocados mundialmente devido aos efeitos das mudanças climáticas. No entanto, essas estimativas podem ser metodologicamente incertas devido à característica multicausal de ambos os fenômenos – mudanças climáticas e migrações. Uma classificação determinista, assumindo a causalidade direta entre clima e migração, sem considerar os múltiplos aspectos que levam as pessoas a migrarem, é negligente com o papel do migrante e sua capacidade de escolha e de tomada de decisões (GO-Science, 2011).

There are a number of existing estimates of the ‘numbers of environmental/ climate migrants’, yet this report argues that these estimates are methodologically unsound, as migration is a multi-causal phenomenon, and it is problematic to assign a proportion of the actual or predicted number of migrants as moving as a direct result of environmental change. A deterministic approach that assumes that all or a proportion of people living in an ‘at-risk’ zone in a low-income country will migrate neglects the pivotal role that humans take in dealing with environmental change, and also ignores other constraining factors which influence migration outcomes. (GO-Science, 2011).

O relatório não tem o objetivo de negar a importância da questão, tampouco afirma que as migrações não serão afetadas pelas mudanças climáticas, mas sim que o processo é muito mais complexo e envolve muitos fatores que são fundamentais para compreender a dinâmica. Para os autores, os aspectos econômicos e políticos são os principais motivadores de deslocamentos populacionais e continuarão sendo, mas também serão afetados pelas mudanças climáticas.

Figura 1 – Estrutura conceitual do relatório do GO-Science (2011): 'impulsionadores' da migração e a influência da mudança ambiental



Fonte: GO-Science (2011, p. 12)

O modelo da Figura 1 ilustra a premissa defendida pelo relatório “*Migration and Global Environmental Change*” (GO-Science, 2011) de que a decisão de migrar é influenciada por cinco categorias gerais, que estão posicionadas nos vértices do pentágono da figura. Esse desenho mostra que as migrações já ocorrem na maior parte do mundo influenciadas por essas categorias e que as mudanças climáticas influenciarão as migrações afetando essas categorias já existentes. Além disso, vários outros aspectos, como social, econômico e humano, por exemplo, serão envolvidos para ocasionar as migrações, especialmente as internacionais, de acordo com o relatório.

O relatório usa como exemplo os efeitos das mudanças climáticas na produtividade agrícola, que pode ser altamente prejudicada em algumas localidades, mas que sua população local pode não conseguir migrar devido à sua condição financeira, criando uma situação de vulnerabilidade ainda maior para aquela população.

This may mean that environmental change affects a driver, for example agricultural productivity, yet affected individuals do not have the financial capacity to respond to this change by migrating. Environmental change may also erode important assets, meaning that in some situations environmental change can make migration less likely. This has important implications for poorer individuals who are unable to finance migration, but are also vulnerable to environmental change. (GO-Science, 2011).

Outro ponto importante a salientar como embasamento teórico utilizado na pesquisa é o debate existente em relação à nomenclatura utilizada para fazer referência às migrações causadas ou potencializadas pelos efeitos da mudança no clima.

Em estudo publicado no *Council no Hemispheric Affairs*, a pesquisadora Alexandra Deprez (2010) ressalta que a complexidade da situação dos migrantes por motivos climáticos começa no debate em torno da questão da própria nomenclatura. Segundo ela, não existe consenso entre os pesquisadores a respeito de como esse grupo de pessoas deve ser nomeado. As expressões mais encontradas nas fontes a respeito do assunto são “migrante induzido por motivos ambientais”, “pessoa deslocada por motivos ambientais”, “refugiados climáticos”, “migrantes climáticos”, entre outros (DEPREZ, 2010).

Segundo Deprez (2010), algumas definições buscam enfatizar, como causa para essa migração, os processos ambientais de origem antropogênica, enquanto outros buscam definir de forma mais abrangente modificações no meio ambiente como um todo e não diretamente relacionado a atividade humana.

Essa situação é uma das questões que causam mais instabilidade e desafios ao processo de proteção a esses grupos, pois pode causar interpretação inadequada da complexidade estrutural do tema, além de não estar contemplado pelas nomenclaturas da própria ONU. Segundo Deprez (2010):

The first and basic point of contention in this debate is how to characterize those affected by environmental change: are they migrants or refugees? The expression ‘environmental refugees’ was first used in the 1970s as a way to depoliticize the displacement of populations within their own country – due, for example, to famines or droughts– prior to the introduction of the term Internally Displaced Person (IDP) in 1998. [...] Roger Zetter, the director of the Refugee Studies Centre (RSC) at Oxford University, notes that the use of ‘refugee’ here is problematic, “not least for its conceptual inadequacy in interpreting the complex structural causes and consequences of flight.” It is also legally incorrect, as ‘environmental persecution’ – to term it that way – is not part of the causes of persecution included in the 1951 United Nations Convention Relating to the Status of Refugee. (DEPREZ, 2010).

Conforme explica a autora, a expressão “refugiados ambientais” pode minimizar a real escala da complexidade, das causas e das consequências das migrações induzidas por motivações climáticas, uma vez que considera apenas grupos que saíram dos seus países de origem e não abrange os deslocados dentro dos países, que não cruzam fronteiras. Além disso, Deprez (2010) destaca que a caracterização como refugiado ambiental pode levar a uma pressão por parte da comunidade internacional devido ao direito adquirido dos migrantes caracterizados como refugiados, pois o alcance e os direitos seriam ampliados. Deprez (2010) continua:

Using the expression ‘environmental refugee’ may also strongly undermine the scale of the problem at hand as it only refers to those forced to leave

their country, thus failing to include the numerous individuals affected by climate change who either have been displaced within their own country or who choose to migrate abroad". Western governments are certainly not keen to expand the UN's definition, for fear that this would exponentially raise the number of asylum applicants to their countries, while refugee specialists oppose the inclusion of the environment as a cause of persecution, predicting it would place unnecessary stress on already strained resources devoted to those fleeing their countries from racial, religious, gender, membership of a particular social group, or political discrimination. (DEPREZ, 2010).

O ponto que o estudo da autora levanta é que, enquanto a discussão em torno do tema se prende na nomenclatura que deveria ser aplicada a esse tipo de migrante, o fundamental da questão vai sendo adiado, que é o fato de que cada vez mais indivíduos por motivos climáticos e ambientais continuam sem proteção internacional e, por consequência, sem a implementação da ajuda e das medidas de adaptação necessárias (DEPREZ, 2010). Segundo a autora:

What is certain is that no matter what designation is used, until it is given legal authority, individuals currently displaced by natural disasters and environmental degradation, as well as the future victims of 'climate migration' will continue to "fall through the cracks" of international protection and aid distribution. (DEPREZ, 2010).

Por fim, cabe mencionar as principais definições usadas pelos especialistas quando se trata do tema, utilizadas nessa pesquisa para facilitar a compreensão do assunto.

Para os autores do relatório "*Migration and Global Environmental Change*" (GO-Science, 2011), as migrações que possuem entre seus aspectos e causalidade as mudanças climáticas são, de maneira geral, referidas como migração ou deslocamentos – migração sendo geralmente entendida como movimento voluntário e de longa duração. Já os deslocamentos são tidos como movimentos menos voluntários, que na maioria das vezes envolve a necessidade de algum tipo de proteção e assistência. Segundo os autores, essa divisão reflete a existência de adoção de políticas e regimes para lidar com o fenômeno no âmbito interno ou internacional, mesmo que a divisão propriamente dita pode ser um pouco incerta (GO-Science, 2011).

O relatório acrescenta que, quando as pessoas mudam para outro país por conta de fundado temor de perseguição, podem ganhar outra categoria, de refugiados, de acordo com o enquadramento da Convenção de Genebra sobre Refugiados de 1951 e seu protocolo de 1967, reconhecido pelo Alto Comissariado da ONU para Refugiados (GO-Science, 2011).

Nessa pesquisa, será usado o termo migrante, de acordo com o Relatório de Desenvolvimento Humano de 2009, da ONU, que o caracteriza como indivíduos que saíram

dos seus lugares de origem ou residência, seja internacionalmente ou internamente, dentro dos seus países. Também será usada a ideia de mobilidade humana do relatório da ONU como sendo a habilidade das pessoas de escolherem seu local de residência. O termo migrante, neste trabalho, portanto, vai englobar as diferentes formas tanto de movimentação de pessoas, seja voluntária (migrante) ou forçada (deslocados) e podem ser usados de maneira intercambiada, para permitir uma compreensão mais ampla.

O relatório do GO-Science (2011) destaca que a IOM define alguns termos relacionados as migrações que são importantes noções básicas para melhor compreensão do tema (IOM, 2011). Segundo a IOM (2011), migração é o termo usado para movimento de grupos ou pessoas, seja cruzando fronteiras ou não. É um movimento populacional que engloba qualquer natureza do movimento, distância e causa. Inclui, portanto, refugiados, deslocados, migrantes econômicos, além de outros como reunificação familiar etc. A IOM diferencia evacuação de deslocamento. A evacuação, segundo a instituição, é o movimento rápido de pessoas para lugar distante da ameaça ou o impacto imediato de um desastre em busca de ajuda ou abrigo, e geralmente é caracterizado por períodos curtos, e em caráter de urgência. Já o deslocamento é a retirada ou movimento forçado das pessoas de sua residência devido a conflitos armados ou desastres naturais. A IOM destaca como migrantes ambientais as pessoas ou grupo de pessoas cujas vidas são afetadas por mudanças bruscas ou prolongadas no clima e que por isso são obrigadas ou escolhem deixar suas casas, por período temporário e permanente, dentro do seu país ou para outro (IOM, 2011).

Feita essa abordagem inicial do material teórico utilizado como base da pesquisa a seguir serão analisados alguns dos aspectos multidimensionais das migrações mencionados anteriormente e chave para entender a dinâmica do processo migratório com as mudanças climáticas.

3 ASPECTOS MULTIDIMENSIONAIS DAS MIGRAÇÕES

Os aspectos multidimensionais das migrações podem ser considerados como um conjunto de fatores e o contexto em que estão inseridos, os quais, de forma conjunta ou separada, podem levar as pessoas a migrarem. Esses aspectos podem ser de diversos tipos:

geográficos, econômicos, sociais, entre muitos outros. Podem ser considerados os motivos que influenciam a decisão de deixar seus locais de origem, ou de residência, para buscar abrigo ou morada em outra localidade. Cada aspecto multidimensional abre possibilidades várias de interpretação das migrações internacionais devido à complexidade desse fenômeno. Por esta razão, compreender estes aspectos é fundamental para se analisar as migrações de forma abrangente e dentro da perspectiva que se pretende analisar, no caso desta pesquisa, as mudanças climáticas. Os aspectos multidimensionais são fundamentais para compreender os padrões de deslocamento e como esses padrões serão afetados pelas mudanças climáticas.

De acordo com o relatório “*Migration and global environmental change*” (GO-Science, 2011), os principais aspectos envolvidos nas migrações estão relacionados a algumas categorias principais, mas entre eles os aspectos econômicos e sociais são os mais determinantes. Segundo o relatório, as questões climáticas podem funcionar como potencializador desses aspectos, mesmo assim, mesmo em situação de catástrofes, questões individuais podem ser determinantes na decisão de migrar ou não (GO-Science, 2011).

Dessa forma, e com base nos conceitos teóricos anteriormente apresentados, o processo de migração não pode ser analisado como um evento isolado ou sob um aspecto único. Os deslocamentos populacionais possuem muitos aspectos envolvidos que precisam ser considerados para que se tenha uma visão ampla e abrangente desse processo, o que nessa pesquisa denomino de aspectos multidimensionais.

Quando se observa as migrações que possuem relações com os efeitos das mudanças climáticas, verifica-se que esse processo se torna ainda mais complexo, pois se trata de dois campos de estudos amplos e abrangentes. Logo, é fundamental que sejam analisados os múltiplos aspectos envolvidos para que se consiga compreender e propor e lidar com esse fenômeno.

Em relatório publicado em 2019 pelo Instituto Europeu de Economia e Meio Ambiente, denominado “*Human Migration in the Era of Climate Change*”, Cattaneo *et al.* (2019) ressaltam que muitos estudos buscam mostrar se as mudanças climáticas afetam as migrações, mas poucos conseguem contribuir para mostrar o ponto de encontro que mostra como esses dois fenômenos se conecta. Segundo os autores, “*The majority of papers aim at assessing if climate influences migration, and very few contributions shed lights on possible*

mediating channel through which climate change may affect migration” (CATTANEO *et al.*, 2019).

Diante disso, é necessário primeiramente que a literatura existente a respeito do tema busque compreender os aspectos envolvendo as migrações para então conseguir localizar os efeitos climáticos no processo. Conforme exposto na introdução teórica desta pesquisa, existe um conjunto preexistente de fatores multidimensionais que levam à migração ou influenciam a decisão de migrar ou de não migrar, pois se trata de um fenômeno que envolve seres humanos e a relação com o contexto que se coloca para suas opções de vida. Dessa forma, a existência desses fatores por si só não significa que os deslocamentos vão necessariamente ocorrer, nem que serão de permanentes, nem para longas distancias etc.

Se as migrações vão ocorrer ou não depende de uma série de fatores e da interconexão entre eles, e o mesmo vale para as mudanças climáticas. Conforme o relatório “*Migration and Global Environmental Change*” (GO-Science, 2011), se um país possui um controle de fronteiras rígido, por exemplo, isso limita o deslocamento naquela região. Da mesma maneira, as características individuais ou familiares também podem influenciar a decisão de migrar, ou seja, a causa dos deslocamentos podem sofrer influências de aspectos relacionados a diferentes esferas como idade, sexo, riqueza, educação, entre outros. Além disso, esses aspectos e a interação entre eles podem ser alteradas ou não pelas mudanças climáticas depois de um certo período (GO-Science, 2011).

Por essa razão é que se faz mais necessário compreender as migrações, os aspectos que envolve essas decisões de migrar, e quais fatores, que levaram ou não a migrações, podem estar razoavelmente relacionados as mudanças climáticas.

Conforme o relatório do GO-Science (2011):

This conceptual framework for the drivers of migration then allows a secondary, but crucial, question to be posed: whether environmental change over a certain time period is likely to alter the effect of these drivers. In this conceptualisation, rather than identifying a group of people who might be designated ‘environmental migrants’, it could be possible to identify a net volume of migration, the cause of which could reasonably be attributed to environmental change. (GO-Science, 2011).

De acordo com o relatório, por exemplo, as mudanças climáticas podem enfraquecer os aspectos causadores das migrações ao invés de fortalecê-los, ou seja, os efeitos poderiam ser negativos em alguns casos (GO-Science, 2011). Da mesma maneira, setores diferentes das

populações podem ser afetados de maneiras diferentes. Portanto, uma análise desse processo deve ser mais completa, ampla e abrangente.

Nesse contexto, a seguir, explicitarei alguns dos aspectos multidimensionais que estão envolvidos nas migrações e que podem ser ou não afetados pelas mudanças climáticas, partindo pela premissa de que é necessário primeiro compreender as migrações como um fenômeno complexo por si só. Dessa maneira, busco compreender como esses aspectos e sua interação afetam o movimento das pessoas primeiramente para que então seja possível compreender o efeito das mudanças climáticas sobre essa dinâmica.

As diásporas modernas estão, de maneira geral, relacionadas ao desenvolvimento e às mudanças políticas sociais e econômicas do mundo atual, como movimento de produtos, de capital e de ideias, fomentadas pela maior facilidade de comunicação e deslocamento. Por esta razão, a percepção descontextualizada e incompleta do fenômeno da migração na sociedade, além de nociva, é injusta.

Nem toda migração é para fugir da pobreza e violência, como costuma mostrar a grande mídia. O famoso movimento migratório sul-norte, por exemplo, não pode ser caracterizado apenas pela migração de pessoas de classes baixas. As pessoas migram por inúmeros motivos: busca por trabalho, um lugar seguro para viver com sua família, por opção, entre outros. Também estão entre as causas das migrações os conflitos armados, a violência, a perseguição política, étnica e religiosa etc. E, na maioria das vezes, o movimento migratório envolve mais de um desses aspectos (HAAS; CASTLES; MILLER, 2020).

Novas formas de migração sempre surgem de acordo com as anseios e necessidades das populações. Recentemente, alguns novos aspectos envolvendo as migrações têm se tornado mais comuns, como a migração para aposentadorias, pela procura por novos estilos de vida, migrações temporárias que viram permanentes, reunião familiar etc. Algumas delas, apesar de não novas, têm se intensificado e possui previsões preocupantes, como a migração provocada pelas alterações e o desequilíbrio ambiental ocasionados pelas mudanças climáticas (IOM, 2022).

A seguir são apresentados alguns desses aspectos multidimensionais envolvidos nas migrações. A escolha dos aspectos apresentados é devido à ênfase dada a esses aspectos multidimensionais nos textos e trabalhos pesquisados, e pela importância que apresentam para a migração.

3.1 Aspectos multidimensionais geoeconômicos

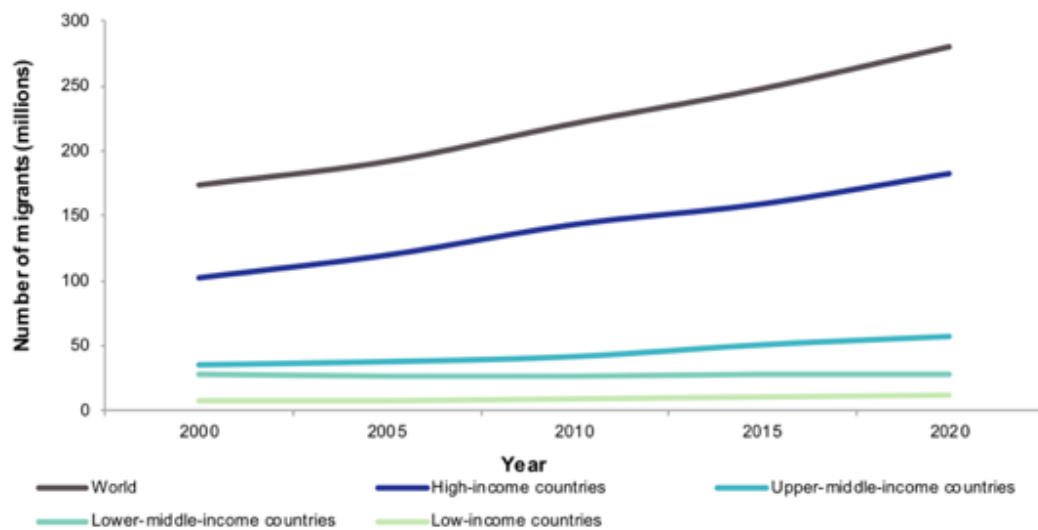
Os aspectos multidimensionais geoeconômicos envolvidos nas migrações estão relacionados tanto a questões espaciais, geográficas, quanto à interação desses com aspectos econômicos. Esses aspectos multidimensionais nos ajudam a compreender os motivos das escolhas de tais destinos, assim como as razões para que alguns lugares sejam mais emissores de migrantes que outros, como a renda tanto da origem quanto do destino influenciam essa dinâmica, entre outros.

Do ponto de vista econômico, os aspectos multidimensionais estão relacionados tanto aos efeitos que a situação econômica das pessoas influencia sua decisão de migrar, quanto a capacidade de influência nas economias que os fluxos migratórios possuem.

Em relação ao destino, o local para o qual os migrantes se destinam é um dos aspectos multidimensionais mais complexos envolvendo as migrações. Seja por opção, por fuga, destino temporário ou outros, o lugar para onde os migrantes se dirige é ao mesmo tempo de extrema importância para essas pessoas, mas também motivo de muita insegurança.

De maneira geral, os países de alta renda representam o destino de dois terços de todos os migrantes internacionais. A maior parte dos migrantes busca lugares que oferecem melhores oportunidades de vida para eles e para seus familiares. Em 2020, 180 milhões de pessoas (65% de todos os migrantes do mundo) viviam em países de alta renda. Uma em cada seis pessoas desses países eram migrantes. Outras 85 milhões de pessoas (31% de todos os migrantes do mundo) viviam em países de renda média, com apenas 4% desses nos países de baixa renda (UNDESA, 2020).

Figura 3 – Número de migrantes internacionais por grupo de renda do Banco Mundial no destino, 2000 a 2020



Fonte: UNDESA (2020, p. 6).

A Figura 3 mostra a porcentagem dos migrantes totais e que a maioria se destina para países de alta renda, indicando uma grande tendência dos migrantes se dirigirem a esses países, quando se trata de deslocamento voluntário. Logo, como pode ser observado pela Figura 3, os países de alta renda foram os principais destinos dos migrantes internacionais nas duas últimas décadas. Houve um aumento de 80 milhões de pessoas entre 2000 e 2020 (ou 75% do total de migrantes no período) em comparação ao aumento de 22 milhões nos países de renda média e cinco milhões nos países de baixa renda (UNDESA, 2020).

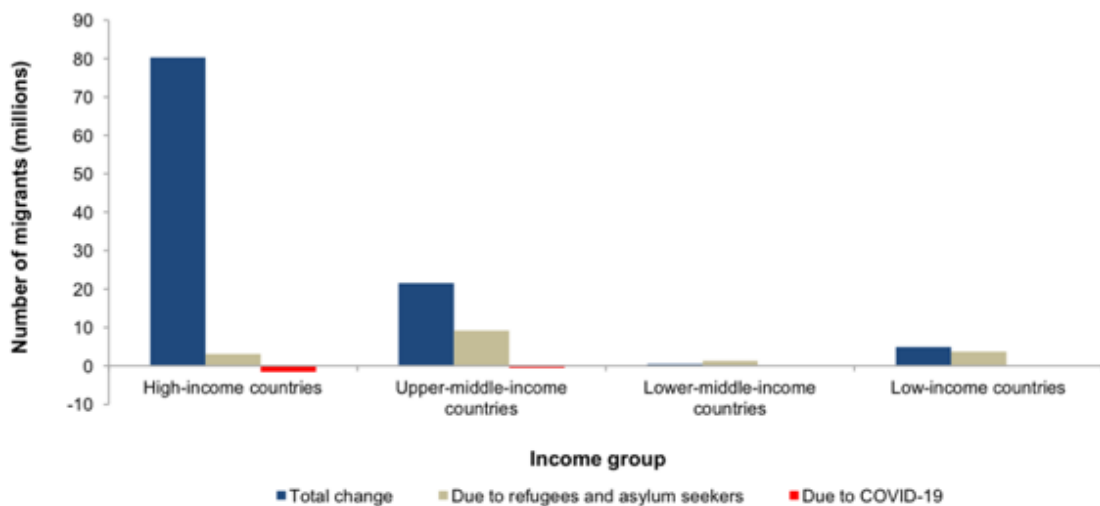
No entanto, quando se observa os deslocados internacionais por razão de conflitos, perseguição, violência ou violação de direitos humanos, o quadro é outro. Nessas circunstâncias, os países de renda média e baixa absorvem mais de 80% dos refugiados e requerentes de asilo do mundo, que representam mais da metade de todos os migrantes nesses países (UNDESA, 2020).

Em comparação, os países de alta renda, onde ocorreu o maior aumento de migrantes nas últimas duas décadas, absorveram migrantes de outros tipos, como aqueles buscando oportunidades de trabalho, reunificação familiar ou educação (OECD, 2022). Em 2020, apenas 3% de todos os migrantes nos países de renda elevada eram refugiados ou solicitantes de refúgio, em comparação com os 25% nos países de renda média e 50% nos países de renda baixa (UNDESA, 2020).

Com base nos dados do relatório do Departamento das Nações Unidas para Assuntos Econômicos e Sociais (UNDESA, 2020), podem ser observadas, a princípio, algumas características que vêm moldando os padrões das migrações internacionais nas duas últimas décadas. Uma dessas características é que os países com alta renda têm tido vantagem com a possibilidade de ganhos com a absorção de trabalhadores imigrantes, enquanto os países de renda média e baixa tem absorvido desproporcionalmente a responsabilidade de receber, e de dar assistência aos imigrantes que adentram suas fronteiras fugidos de conflitos ou perseguições (UNDESA, 2020).

A seguir, a Figura 4 mostra a quantidade de migrantes destinados a países de alta, média e baixa renda no período de 2000 a 2020, indicando concentração maior nos países de alta renda.

Figura 4 – Número de migrantes internacionais, por grupo de renda do Banco Mundial no destino, 2000 a 2020



Fonte: UNDESA (2020, p. 7).

Uma outra questão que é necessário levar em conta, em relação à diferença entre os migrantes que se dirigem aos países com renda mais elevadas e os que se dirigem aos países com menores renda, é o desafio que esse últimos encontram ao absorverem o montante dessa

categoria de migrantes. É necessário, portanto, a adoção de políticas em conjunto com comunidade internacional para atender a necessidade dessas pessoas nesses países.

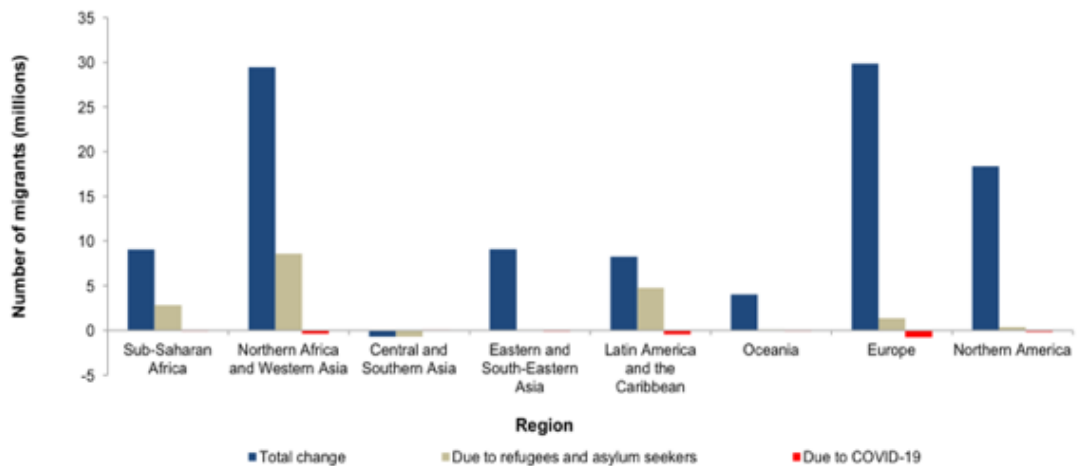
Outra característica importante em relação ao destino da maioria dos migrantes internacionais é que alguns padrões migratórios já estabelecidos permanecem. Por exemplo, a Europa segue sendo o destino da maioria dos migrantes no mundo. Nas últimas décadas, as regiões que mais se destacaram como destino dos migrantes internacionais foram Europa, América do Norte, norte da África e Ásia ocidental. Em 2020, na Europa viviam 87 milhões de migrantes, a maior quantidade em comparação às outras regiões do mundo (UNDESA, 2020).

A América do Norte vem em segundo lugar, com um total de 59 milhões. O norte da África e a Ásia ocidental, com aproximadamente 50 milhões juntos (UNDESA, 2020), tiveram um aumento de 29 milhões de migrantes nas últimas duas décadas, enquanto a América do Norte teve um aumento de 18 milhões. Caso esse padrão permaneça, essas duas últimas regiões vão superar a América do Norte como segundo destino nas próximas décadas (UNDESA, 2020).

Outras regiões tiveram aumento da parcela de migrantes na população, como a África subsaariana, por exemplo. É dado destaque para a América Latina e Caribe, onde a quantidade de migrantes quase dobrou, principalmente devido aos deslocados venezuelanos (UNDESA, 2020). Apenas as regiões da Ásia Central e do Sul registraram queda na quantidade de migrantes entre 2000 e 2020.

Abaixo, a Figura 5 ilustra a distribuição de migrantes internacionais, evidenciando a concentração da maioria na Europa em primeiro lugar e nos Estados Unidos da América em segundo lugar.

Figura 5 – Variação do número de migrantes internacionais, por região de destino, 2000 a 2020



Fonte: UNDESA (2020, p. 9).

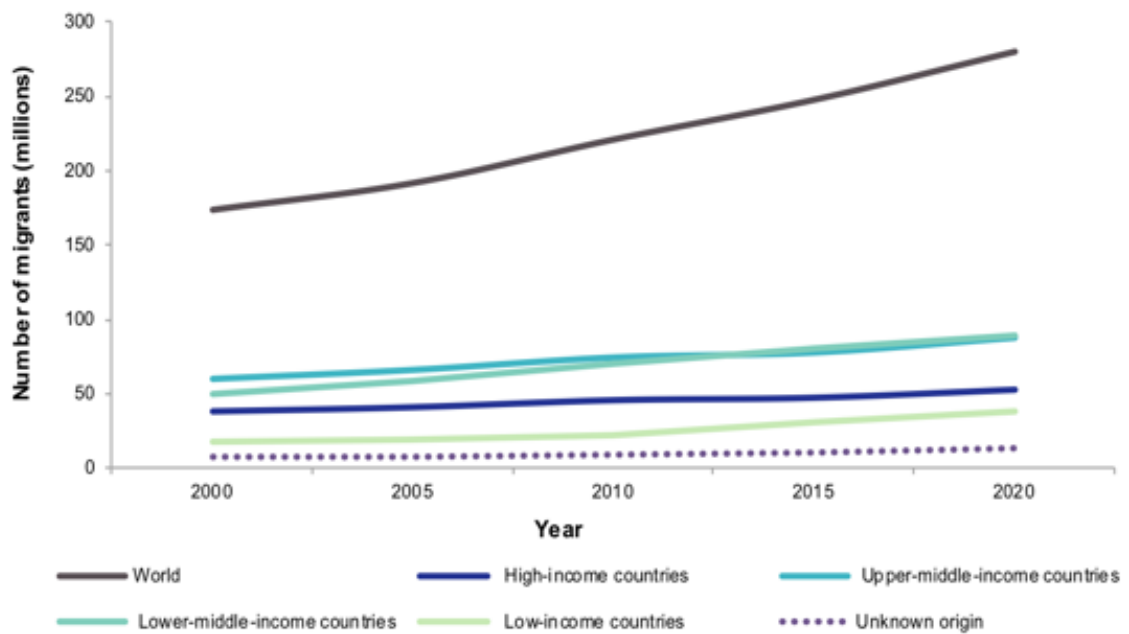
A origem dos migrantes internacionais também é um dos aspectos fundamentais para entender as dinâmicas dos deslocamentos. Ela representa de quais países a maioria dos migrantes partem, o que pode significar muita coisa, como capacidade de expulsão, nível de vulnerabilidade, entre outros.

A origem dos imigrantes demonstra que apenas uma pequena parte do total de migrantes do mundo todo são originários de países pobres. Em 2020, aproximadamente 177 milhões de migrantes tinham origem em países de renda média, aproximadamente 63% do total, comparados com os 37 milhões de migrantes originários de países de baixa renda, ou perto de 13% do total (UNDESA, 2020). Essa observação por si só já é importantíssima, porque contesta o senso comum de que os migrantes em sua maioria são pobres.

A crise humanitária das últimas décadas, no entanto, tem aumentado a participação dos migrantes de países de baixa renda no total dos migrantes internacionais. Em 2020, aproximadamente metade de todos os imigrantes de origem de países de baixa renda eram refugiados ou solicitantes de asilo, muito maior do que todos os outros grupos provenientes de outras faixas de renda (UNDESA, 2020).

A seguir, a Figura 6 demonstra a porcentagem dos migrantes internacionais de acordo com sua origem, revelando que os países pobres são os menores emissores e os países de renda média são os maiores.

Figura 6 – Número de migrantes internacionais, por grupo de renda do Banco Mundial de origem, 2000 a 2020



Fonte: UNDESA (2020, p. 14).

Em 2020, dos 281 milhões de migrantes no mundo, 63 milhões (23%) nasceram na Europa, 51 milhões na Ásia central e na Ásia do Sul, 43 milhões nasceram na América Latina e Caribe, 38 milhões nasceram na Ásia oriental, 38 milhões no norte da África e na Ásia ocidental e 28 milhões na África Subsaariana. Apenas 4 milhões nasceram na América do Norte e 2 milhões na Oceania (UNDESA, 2020).

Entre 2000 e 2020, aproximadamente todas as regiões tiveram aumento de quase 12 milhões de sua população transnacional, com exceção da América do Norte e Oceania. Ásia central e do Sul foram as regiões com maior aumento, seguidas da América Latina e Caribe e Norte da África e Ásia Ocidental (UNDESA, 2020).

A maior parte do aumento dos migrantes originais da Ásia central e do sul e da Europa foi ocasionada por busca por trabalho e reunificação familiar. Em comparação, nas regiões da América Latina e Caribe, Norte da África, Ásia ocidental e África Subsaariana, a principal razão da maior parte do aumento dos migrantes foi humanitária. De todos os migrantes em 2020, 38% originais do norte da África e Ásia ocidental eram refugiados ou solicitantes de asilo, enquanto na América Latina e Caribe 13% e na África Subsaariana 13%. Os deslocados forçados representam, portanto, significativa parcela da população transnacional nessas regiões (UNDESA, 2020).

O quadro da situação das migrações internacionais das últimas duas décadas pode ser indício de uma crescente geografia da desigualdade, na qual a comparação entre a origem e a motivação da migração mostra as condições e a situação humanitária em que se encontram os migrantes.

Quando se observa a participação dos fluxos migratórios nas estruturas econômicas, tanto dos locais que os recebem quanto dos locais de partida, podemos perceber que, de maneira geral, os migrantes contribuem positivamente para as economias dos países de destino, pois contribuem para a atividade econômica local. A presença deles pode ser muito positiva, primeiro porque os migrantes tendem a preencher as lacunas do mercado de trabalho que os nacionais do país não têm interesse em preencher. Esse suprimento de mão de obra contribui para dinamizar o mercado de trabalho e aquecer a economia (UNDESA, 2020).

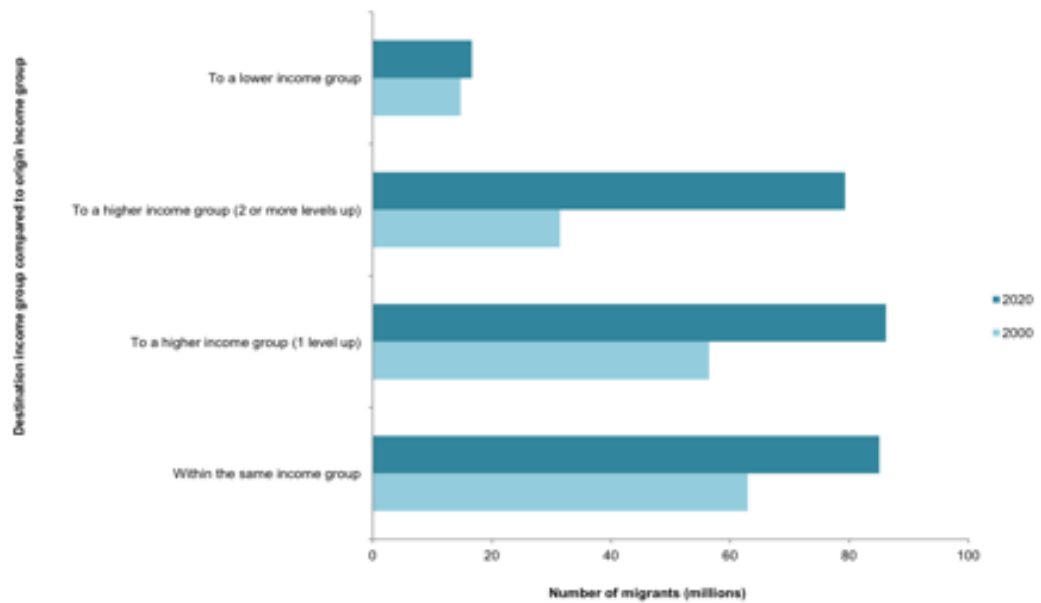
A presença de migrantes trabalhadores e remunerados aumenta a demanda por produtos e serviços. Muitos deles também são empreendedores, contribuindo para gerar renda e serviços para outros migrantes ou para a população local. Além disso, a arrecadação de impostos e as contribuições para previdência social, pagos pelos imigrantes, tendem a ser maiores do que os gastos que eles demandam dos serviços sociais locais (UNDESA, 2020).

Por esse motivo, a renda dos países é um dos aspectos que influenciam a tomada de decisão da população em relação a migrar ou não. Em 2020, quase dois terços do total de migrantes, 165 milhões de pessoas, viviam em um país ou área com renda mais elevada do que seu país de origem (UNDESA, 2020).

No geral tende-se a pensar que as migrações ocorrem dos países pobres para os países ricos, no entanto, uma certa heterogeneidade nesse padrão tem aumentado. Em 2020, dos 53 milhões de migrantes originais de países ricos, 9 em cada 10 migraram para outro país rico (UNDESA, 2020).

A seguir, a Figura 7 demonstra que a parcela de migrantes internacionais que deslocaram para destinos de maior renda, ou pelo menos de renda semelhante, é maior que a que se deslocou para destinos de menores renda que seus países de origem.

Figura 7 – Número de migrantes internacionais que se mudaram dentro ou entre os grupos de renda do Banco Mundial, 2000 e 2020



Fonte: UNDESA (2020, p. 19).

O fato de que a maior parte dos migrantes internacionais vivendo em países de baixa renda sejam originais de países também de baixa renda é condizente com a teoria de que existe um padrão migratório de que os migrantes de sociedades pobres geralmente se movem em distâncias pequenas, para países vizinhos (UNDESA, 2020). É por esta razão que a migração para os Estados Unidos da América tem como causa aspectos econômicos, conforme aponta o relatório “*Migration and global environmental change*” (GO-Science, 2011).

3.2 Aspectos multidimensionais sociais

Os aspectos multidimensionais sociais estão relacionados à estrutura social que caracteriza tanto as sociedades de origem dos migrantes e as de destino, quanto as condições sociais dos imigrantes individualmente. Estes aspectos envolvem questões relacionadas a gênero, faixa etária, nacionalidade, vulnerabilidade social, desenvolvimento social, etc.

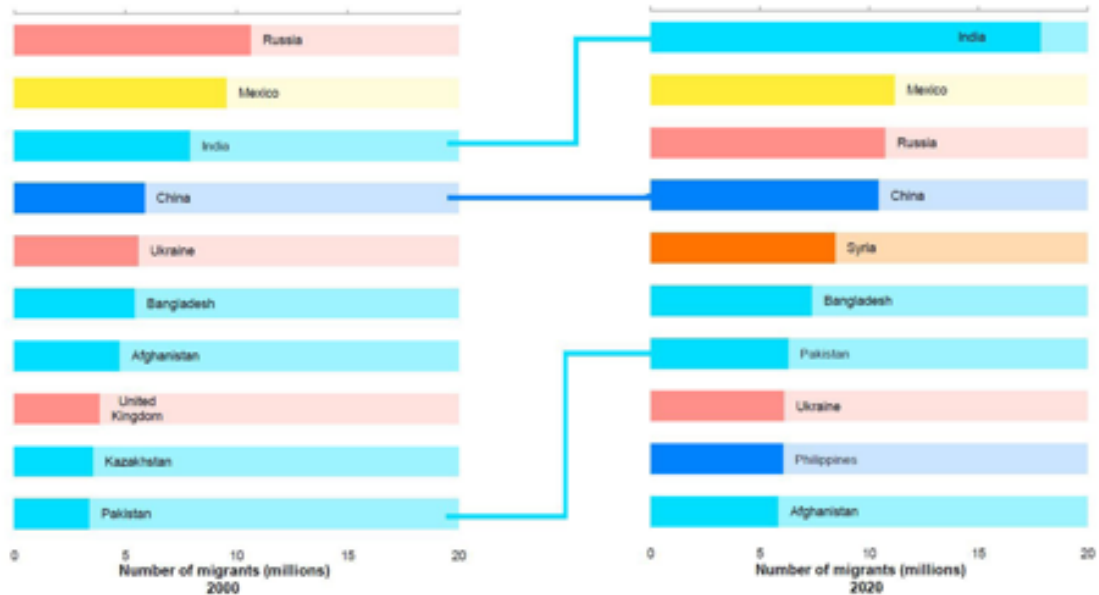
Em relação à nacionalidade dos migrantes, alguns padrões podem ser percebidos. Em 2020, do total de população vivendo fora de seu país de origem, os indianos tiveram a maior parcela, chegando ao número de 18 milhões de pessoas. O segundo grupo são de mexicanos e russos, com 11 milhões cada grupo. A China, terceiro país com a maior quantidade de

nacionais vivendo fora, tinha 10 milhões em 2020. A Síria atingiu a marca de 8 milhões vivendo fora do país em 2020 (UNDESA, 2020).

Dos 20 países com a maior quantidade de nacionais vivendo fora, somente dois deles, Síria e Afeganistão, são países de baixas renda, ao passo que todos os demais são de média e alta renda (UNDESA, 2020). Dos 20 países, seis eram europeus, cinco eram da Ásia central e do sul e quatro da Ásia oriental (UNDESA, 2020).

Entre 2000 e 2020, a parcela de migrantes vivendo fora de seu país de origem aumentou em quase todas as regiões. Índia, Síria, Venezuela, seguidas de China e Filipinas, foram as que tiveram maior aumento (UNDESA, 2020). Em 2020, uma em cada cinco pessoas (6,7 milhões) de todos os deslocados internacionais por conflito e perseguição humanitária nasceu na Síria (UNDESA, 2020). O segundo maior grupo de refugiados e solicitantes de asilo são os palestinos (5,6 milhões) e o terceiro grupo são os venezuelanos, que atingiram 3,6 milhões (UNDESA, 2020).

Figura 8 – Os dez principais países de origem de migrantes internacionais, por região, 2000 e 2020



Fonte: UNDESA (2020, p. 16).

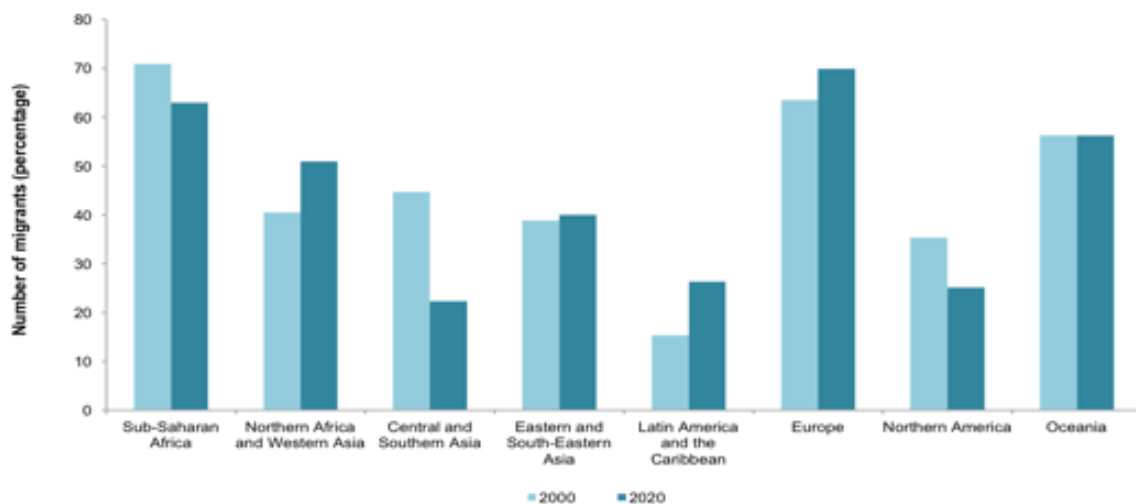
A Figura 7 acima revela os dez primeiros países dos quais a maioria dos migrantes se originam, representando algumas mudanças de 2000 para 2020 como por exemplo a posição de Índia, China e Paquistão. A Índia passa a ser a maior origem de migrantes internacionais em 2020.

No período analisado, entre 2000 e 2020, na maioria dos países houve aumento da participação da comunidade transnacional no total da sua população. No entanto, 12% tiveram redução por motivos diversos, como retorno voluntário, repatriação de refugiados, entre outros, como os casos de Angola e Sérvia, por exemplo (UNDESA, 2020).

Quando se analisa a origem das migrações em um recorte regional, percebe-se que aproximadamente metade dos migrantes internacionais de 2020 viviam na mesma região de sua origem. A Europa tem a maior parte de migrantes intrarregionais, com 70% dos europeus vivendo em outro país europeu, principalmente dentro da União Europeia. Em segundo lugar está a África subsaariana, com 63% dos migrantes nascidos na região vivendo em outro país na mesma região (UNDESA, 2020).

Esse padrão regional dos migrantes na África subsaariana é um dos que contradiz o senso comum de que o principal destino dos migrantes africanos é a Europa. Outra questão que esse padrão levanta é a de que um terço dos migrantes na África subsaariana são refugiados ou solicitantes de asilo, evidenciando o grau de complexidade, principalmente humanitária, na região (UNDESA, 2020).

Figura 9 – Percentual de migrantes intrarregionais entre todos os migrantes internacionais, por região de origem, 2000 e 2020



Fonte: UNDESA (2020, p. 21).

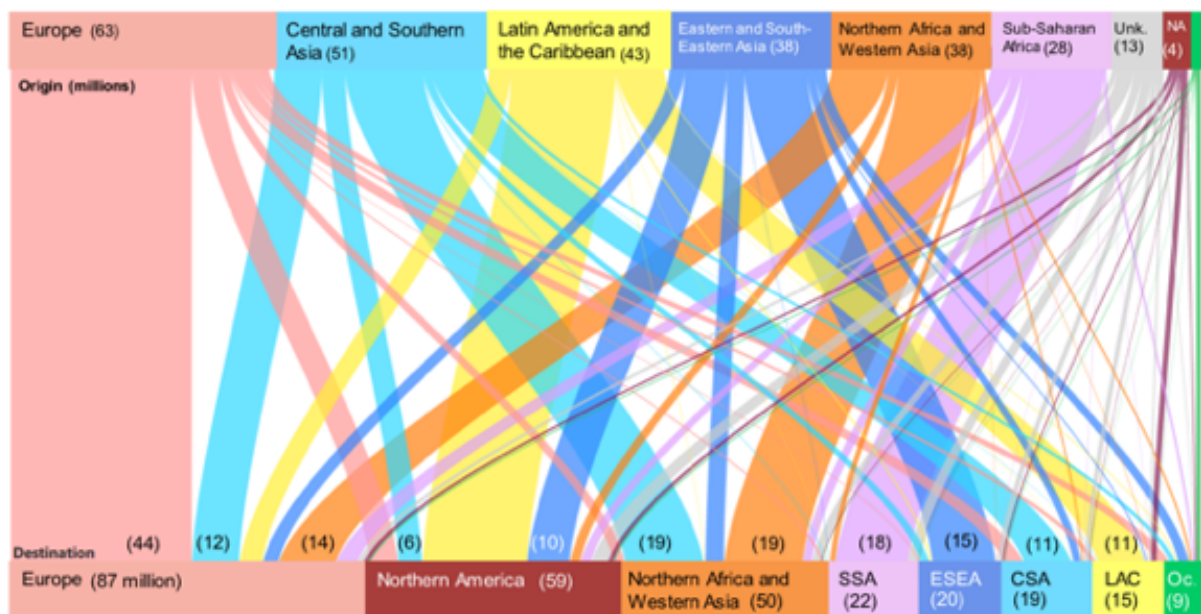
Por outro lado, a Ásia central e o Sul da Ásia têm a maior diáspora vivendo fora de sua região de origem, com cerca de 78% do total (UNDESA, 2020). A América Latina e Caribe e a América do Norte também possuem maior parte de seus migrantes vivendo fora da região de

origem, com uma relação complementar entre as duas regiões. A maior parte dos migrantes da América Latina e Caribe estão na região da América do Norte e vice-versa (UNDESA, 2020).

Em se tratando de corredores regionais de migração, o corredor Europa-Europa foi o maior, com 44 milhões de migrantes em 2020. Em segundo está o corredor América Latina e Caribe em direção à América do Norte, com aproximadamente 26 milhões de migrantes em 2020. O corredor da Ásia central e do Sul para o Norte da África e Ásia ocidental foi o que mais cresceu, em 13 milhões de migrantes, um aumento de três vezes entre 2000 e 2020 (UNDESA, 2020).

A seguir, as figuras 9 e 10 ilustram a relação entre a região de saída e a região de entrada dos movimentos migratórios, os chamados corredores migratórios, evidenciando alguns padrões e contradizendo alguns sentidos comuns a respeito das migrações.

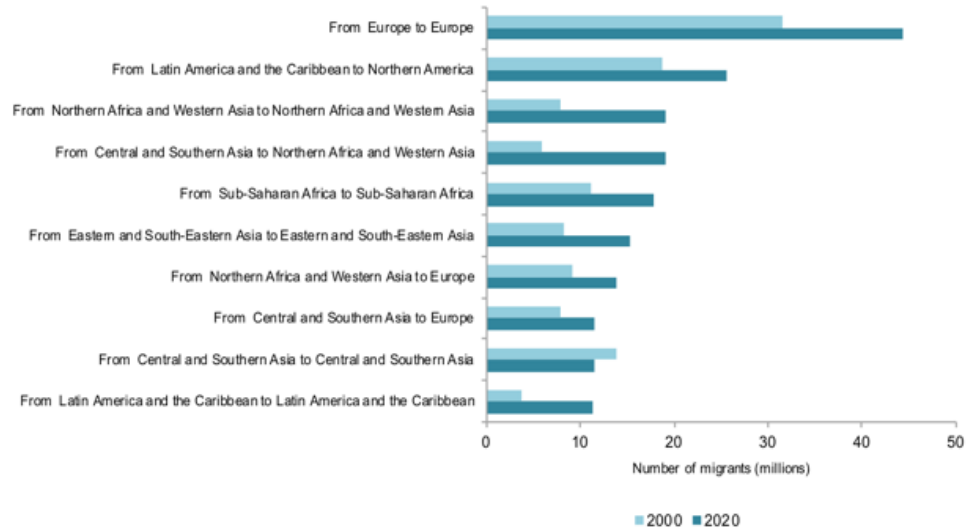
Figura 10 – Número de migrantes internacionais, por regiões de origem e destino, 2020



Fonte: UNDESA (2020, p. 22).

Enquanto o crescimento do corredor intereuropeu ocorreu principalmente por conta movimento de trabalhadores de baixo e alto conhecimento, estudantes e aposentados, o corredor Norte da África-Ásia Ocidental foi caracterizado principalmente por deslocados causados por conflito e perseguição (UNDESA, 2020).

Figura 11 – Dez maiores corredores regionais de migração, por região de origem e destino, 2000 e 2020



Fonte: UNDESA (2020, p. 23).

Em relação ao desenvolvimento social, as migrações podem ser benéficas, pois boa parte dos movimentos migratórios contribuem positivamente para a melhoria dos índices sociais dos países de origem dos migrantes. As migrações podem possibilitar aumento da renda disponível e, conseqüentemente, aumento dos investimentos, da melhoria do padrão de vida da população, do comércio internacional, da inovação e do acesso a tecnologias, entre outros ganhos (HAAS; CASTLES; MILLER, 2020). Além disso, os possíveis migrantes retornados trazem consigo experiência, conhecimento e podem se tornar empreendedores, criando empregos e circulação de renda (UNDESA, 2020).

Tabela 2 – Países que mais recebem remessas (2005–2018) (bilhões de dólares atuais)

2005		2010		2015		2018	
China	23.63	India	53.48	India	68.91	India	78.61
Mexico	22.74	China	52.46	China	63.94	China	67.41
India	22.13	Mexico	22.08	Philippines	29.80	Mexico	35.66
Nigeria	14.64	Philippines	21.56	Mexico	26.23	Philippines	33.83
France	14.21	France	19.90	France	24.06	Egypt	28.92
Philippines	13.73	Nigeria	19.75	Nigeria	21.16	France	26.43
Belgium	6.89	Germany	12.79	Pakistan	19.31	Nigeria	24.31
Germany	6.87	Egypt	12.45	Egypt	18.33	Pakistan	21.01
Spain	6.66	Bangladesh	10.85	Germany	15.81	Germany	17.36
Poland	6.47	Belgium	10.35	Bangladesh	15.30	Viet Nam	15.93

Fonte: IOM (2020, p. 36).

Tabela 3 – Países que mais enviam remessas (2005–2018) (bilhões de dólares atuais)

2005		2010		2015		2017*	
United States	47.25	United States	50.78	United States	61.86	United States	67.96
Saudi Arabia	14.30	Saudi Arabia	27.07	United Arab Emirates	40.33	United Arab Emirates	44.37
Germany	12.71	Russian Federation	21.45	Saudi Arabia	38.79	Saudi Arabia	36.12
Switzerland	10.52	Switzerland	17.76	Switzerland	25.40	Switzerland	26.60
United Kingdom	9.64	Germany	14.68	China	20.42	Germany	22.09
France	9.48	Italy	12.89	Russian Federation	19.69	Russian Federation	20.61
Republic of Korea	6.9	France	12.03	Germany	18.03	China	16.18
Russian Federation	6.83	Kuwait	11.86	Kuwait	15.20	Kuwait	13.76
Luxembourg	6.70	Luxembourg	10.65	France	12.79	France	13.50
Malaysia	5.68	United Arab Emirates	10.57	Qatar	12.19	Republic of Korea	12.89

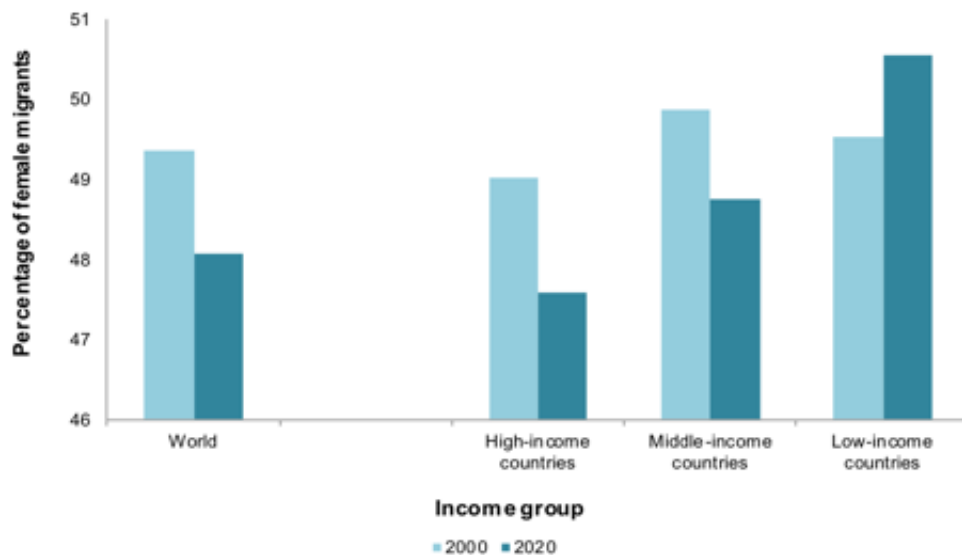
Fonte: IOM (2020, p. 37).

As remessas monetárias enviadas pelos migrantes para os países de origem, seja em forma de investimentos ou de transferências diretas, representa importante fonte econômica. Em alguns casos, os envios monetários são fundamentais para vida de familiares nos países de origem, principalmente em países afetados por conflitos (UNDESA, 2020).

Nos aspectos multidimensionais relacionados a gênero, alguns padrões migratórios também podem ser identificados, além de algumas mudanças nas últimas décadas. As mulheres, que antes se deslocavam na condição de dependentes de seus companheiros ou outros membros da família nas migrações, em 2020 representaram quase metade do total dos migrantes (48%). De todos os deslocados forçados, as mulheres e meninas representavam 50% em 2020 (UNDESA, 2020).

Registrou-se também uma diferença na proporção de mulheres entre os migrantes de baixa e alta renda. Enquanto no primeiro grupo as mulheres são em maior número, no último é maior a presença de homens (UNDESA, 2020).

Figura 12 – Proporção de mulheres e meninas entre todos os migrantes internacionais, por grupo de renda do Banco Mundial no destino, 2000 e 2020



Fonte: UNDESA (2020, p. 26).

Acima, a Figura 12 demonstra a evolução da participação das mulheres e meninas nas migrações internacionais em relação a renda do país de destino, demonstrando que elas geralmente se dirigem em maior número para países de baixa renda. Esse fato pode ser devido a uma combinação de outros fatores, como a proximidade e a responsabilidade pelo cuidado de filhos e familiares.

Quando se analisa os aspectos multidimensionais relacionados a faixa etária, algumas tendências são observáveis. De maneira geral, a maioria dos migrantes internacionais tende a

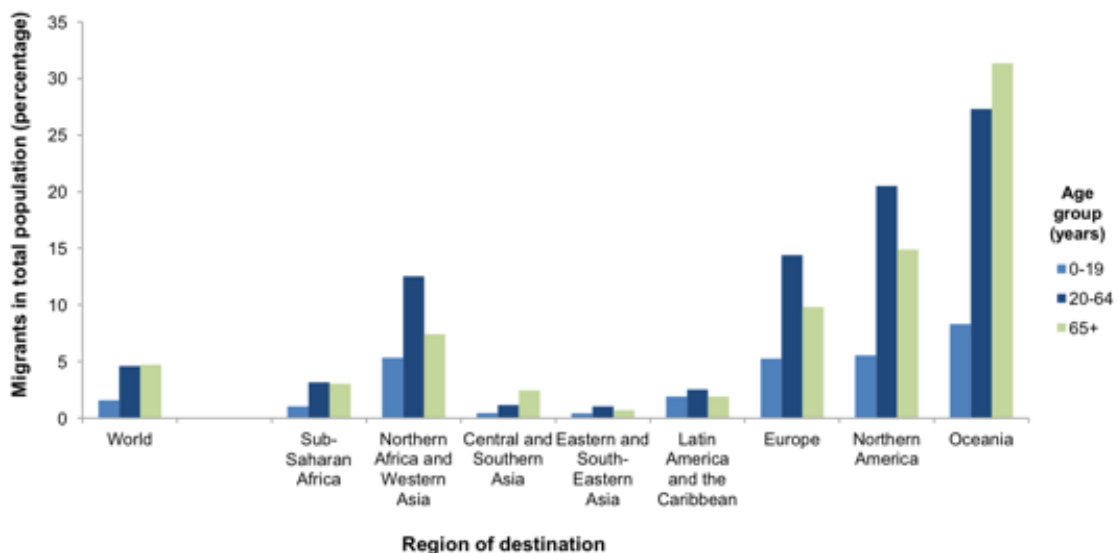
se concentrar na faixa etária de idade ativa. De todos os migrantes em 2020, 73% tinha idade entre 20 e 64 anos. Crianças e adolescentes representavam, em 2020, menos de 15% de todos os migrantes internacionais. Os migrantes com idade próxima a 65 anos eram 12% em 2020 (UNDESA, 2020).

A faixa etária dos migrantes também varia de acordo com a região e o nível de renda. Nos países com baixa taxa de fertilidade, ou que os migrantes representam grande parte da população, os migrantes tendem a representar boa parcela de crianças e adolescentes, como por exemplo nos países de alta renda, onde os migrantes são compostos em 7% de crianças e adolescentes (UNDESA, 2020).

Os migrantes também representam boa parcela da idade ativa do país de destino. Em 2020, aproximadamente 19% da população em idade ativa nos países ricos era migrante, em comparação com os países pobres onde a parcela era bem menor. Em 2020, Oceania e América do Norte tinham as maiores parcelas de migrantes na sua população em idade ativa (UNDESA, 2020).

Devido à sua participação na força laboral, os migrantes têm um importante papel para a economia do país que os recebe. Os migrantes podem contribuir ativamente para amenizar a pressão no sistema de aposentadoria e pensão públicas em países que estão vivenciando envelhecimento populacional, como a Europa e América do Norte, por exemplo (UNDESA, 2020).

Figura 13 – Parcela de migrantes internacionais na população total, por ampla faixa etária e região de destino, 2020



Fonte: UNDESA (2020, p. 30).

A Figura 13 ilustra a correlação entre faixa etária e destino dos migrantes, evidenciando para onde se deslocam os migrantes em idade ativa, por exemplo, que buscam oportunidades de trabalho.

3.3 A dinâmica entre os aspectos multidimensionais

A presente pesquisa não pretendeu esgotar todos os aspectos multidimensionais envolvendo as migrações. Os aspectos mencionados não são uma relação exaustiva, e sim a reunião de alguns dos principais aspectos envolvendo as migrações, principalmente dos que mais se tem informações e pesquisas a respeito, que podem, portanto, ser melhor analisados.

Como analisado anteriormente, os aspectos relacionados as migrações são muitos e envolvem bastante complexidade. Portanto, para melhor entender o processo é necessária uma análise completa que abranja as especificidades e as nuances de acordo com o grupo de migrantes que se propõe a analisar. Também é necessário ressaltar que dificilmente os aspectos que envolvem as migrações se comportam de maneira isolada. Na maioria dos padrões migratórios são identificados vários aspectos multidimensionais que atuam em conjunto como impulsionadores dos deslocamentos.

Conforme exposto no relatório “*Migration and global environmental change*” (GO-Science, 2011), é muito difícil desagregar os efeitos de cada aspecto isolado. Por exemplo, os aspectos políticos em alguns casos são mais decisivos para determinar as migrações quando conjugados com aspectos econômicos. Outra questão, segundo o relatório, é que os aspectos políticos muitas vezes são associados a migrações por motivos de conflito, porém é bem menos provável que conflitos levem a migrações quando isolados de outros aspectos ou de outras categorias (GO-Science, 2011).

Da mesma maneira, o relatório ressalta que outros aspectos como econômicos geográficos, políticos, demográficos, entre outros, podem influenciar direta e indiretamente migrações. Em alguns países, como a China, por exemplo, transformações políticas e econômicas levaram a um fluxo migratório interno de grande escala, das regiões rurais para as urbanas nas últimas décadas (GO-Science, 2011). Segundo o relatório:

In China, economic but also political transformation has led to large-scale internal movement from rural to urban areas in recent decades. Internal

migration is associated with rapid economic development, but it is also intimately linked to changes in the orientation of Chinese economic policy designed to stimulate export growth and attract FDI. The Chinese government has created special economic zones (SEZs), where there has been rapid population growth coupled with a diversification in the economic base away from agriculture. (GO-Science, 2011).

Ainda de acordo o relatório, os laços sociais em alguns contextos podem ser fundamentais para a decisão de migrar, como vínculos familiares e rede de apoio, por exemplo. Em algumas sociedades, a migração é reconhecida como capacidade, em outras um rito de passagem, fonte de educação, entre outros. Para os autores do relatório, o contexto político de alguns países pode agir como fator de expulsão ou atração, assim como regimes de governos, políticas públicas e questões raciais. O relatório ainda destaca outros aspectos, como demografia e meio ambiente, como fatores causadores ou impulsionadores de movimentos migratórios (GO-Science, 2011).

Pelas razões expostas, é importante que, para seja possível a análise e compreensão das migrações causadas ou com alguma relação às mudanças climáticas, é necessário compreender os vários aspectos envolvidos. Por esse motivo, na sequência esta pesquisa analisa como os efeitos das mudanças do clima podem atingir e contribuir para alterações nos aspectos multidimensionais e os padrões envolvidos no processo de deslocamento de pessoas.

3.4 Como efeitos das mudanças climáticas podem afetar ou serem afetados pelos aspectos multidimensionais das migrações

Conforme exposto anteriormente, é cada vez maior a atenção da comunidade internacional, dos organismos internacionais e da sociedade civil para a relação entre as mudanças climáticas e as migrações. As estatísticas sobre populações afetadas são emblemáticas e as projeções são preocupantes em vários aspectos. No entanto, falta consenso em torno da magnitude do problema e das políticas a serem adotadas.

Para Burrows e Kinney (2016), autores do artigo “*Exploring the Climate Change, Migration and Conflict Nexus*”, falta consenso em relação a quão substancial o impacto das mudanças climáticas terá nas migrações. Contudo, apesar dessas incertezas, é evidente que essa será uma das mudanças mais significativas com a qual a humanidade precisará lidar nas próximas décadas e, portanto, é um tema que deve ser muito pesquisado e explorado. Burrows

e Kinney (2016) defendem que, devido à sua complexidade, as pesquisas futuras sobre o tema devem buscar compreender como o clima interage com os diversos aspectos relacionados às migrações, como governança, economia, cultura e fatores sociais em específicos lugares, para que as informações possam ser mais objetivas.

De acordo com o último relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, 2023), existem evidências crescentes de que desastres climáticos, seja na forma de eventos extremos ou na forma de mudanças de longo prazo associadas ao clima, agem como condutores de migrações e deslocamentos populacionais. O IPCC (2022) também destaca que a maioria dos deslocados por efeitos climáticos são relacionados a migrações internas, ou seja, ocorrem dentro dos territórios nacionais. No entanto, há um crescente movimento entre países, principalmente entre países vizinhos. Segundo o IPCC (2022), desde 2008, uma média anual de 20 milhões de pessoas tem sido deslocada devido a eventos climáticos extremos, sendo tempestades e alagamentos as causas mais comuns.

Uma pesquisa do Banco Mundial, em 2010, já mostrara que os efeitos das mudanças climáticas, além das profundas alterações no meio ambiente, dos desastres físicos, das consequências econômicas, entre outros, têm provocado significativos impactos para as populações.

The decision to migrate is complex. The influencing factors change over time and vary across individuals and their larger households. Climate change adds complexity to the already difficult decision to stay in or leave one's home. Understanding of four elements—the impacts of climate change on resource quality and availability; the implications for livelihood strategies in particular ecological regions; the role migration plays in supporting livelihoods; and how migration patterns may shift as people attempt to adapt to the changes they experience—is necessary. (WORLD BANK, 2010).

No artigo “*A complex social-ecological disaster: Environmentally induced forced migration*”, Rechkemmer *et al.* (2016) ressaltam que, já na década de 1990, o IPCC alertava que o maior impacto das mudanças climáticas seria sobre as migrações. Segundo os autores, um estudo da Organização Internacional para Migração (IOM, 2009) evidenciou que os efeitos do clima afetariam milhões de pessoas, por diferentes motivos, mas principalmente devido à erosão das regiões costeiras, ao alagamento dos países costeiros, ao aumento do nível do mar e às consequências para a agricultura. Para Rechkemmer *et al.* (2016), a previsão comum entre os pesquisadores sobre esses impactos era a de que o mundo presenciaria cerca de 200 milhões de pessoas deslocadas pelas mudanças no clima em 2050.

De acordo com o relatório do *World Bank Group*, de 2018, os impactos associados as mudanças do clima já estão provocando mudança nos padrões de deslocamento populacional e esse quadro se intensificará nos próximos anos (RIGAUD *et al.*, 2018). Isso se deve ao fato de uma das dimensões das migrações estar relacionada à necessidade de adaptação a grandes mudanças. Segundo o relatório, as migrações são uma estratégia comum para sobrevivência, e os governos precisam antecipar a escala desses deslocamentos para conseguirem lidar com suas implicações:

Migration is a common strategy for survival, coping, income diversification, risk management, and adaptation for people facing economic stress and adverse climate conditions. Policy makers in countries need to anticipate the scale of internal climate migration over time, the places people will go to or stay in, and the development implications of their movements. (RIGAUD et al., 2018).

O artigo “*Human Migration in the Era of Climate Change*”, publicado em 2019 pelo *European Institute on Economics and the Environment* (EIEE), destaca alguns aspectos relacionados entre migração e mudanças climáticas para entender o processo antes de analisar a dinâmica (CATTANEO *et al.*, 2019). Em primeiro lugar, os autores ressaltam que a relação entre migração e clima é influenciada pelos tipos de eventos climáticos envolvidos, se de longo prazo ou inesperados, e pelas características socioeconômicas e políticas dos indivíduos e das comunidades expostas aos eventos climáticos (CATTANEO *et al.*, 2019). Isso significa que a relação causa e efeito entre clima e migrações é influenciada pela vulnerabilidade aos efeitos das mudanças, mas também pelo nível de vulnerabilidade a esses efeitos. Dessa maneira, devido à interligação de todos esses aspectos, os padrões migracionais relacionados às mudanças climáticas são heterogêneos em relação ao nível de renda, capital humano e financeiro, gênero, idade, os lugares de destino e os lugares de origem, entre outros (CATTANEO *et al.*, 2019).

Em segundo lugar, Cattaneo *et al.* (2019) destacam as diferenças entre os efeitos provocados nas migrações pelas variações climáticas de longo prazo e aquelas relacionadas a eventos inesperados. Eles também apontam a existência de efeitos diretos, como deslocamentos provocados por alagamentos ou furacões, e indiretos, como aumento da temperatura atmosférica e desertificação, por exemplo.

Em seguida, Cattaneo *et al.* (2019) ressaltam que deve ser considerado que os efeitos do clima podem gerar movimentos populacionais temporários ou permanentes a depender do

evento climático relacionado. Para os autores, nas catástrofes imediatas, na maioria dos casos, a migração tende a ser temporária, em distâncias curtas e involuntárias. Isso se deve ao fato de que a maioria das pessoas atingidas pelas mudanças climáticas desse tipo são provenientes de países de baixa e baixíssima renda e por isso possuem poucos recursos para se deslocarem em grandes distâncias ou de forma planejada. Por outro lado, os eventos de longo prazo, menos imediatos, geram migrações mais distantes, mais demoradas ou permanentes, na maioria das vezes voluntária e economicamente motivada (CATTANEO *et al.*, 2019).

Por fim, Cattaneo *et al.* (2019) concluem, que apesar do número de pesquisas sobre a relação entre mudanças climáticas e migração estar crescendo, muitas incertezas ainda permanecem sobre o futuro desses deslocamentos. Para eles, muitas projeções existem, porém poucas são robustas o suficiente em termos científicos e metodológicos, ou que ignoram as multidimensões envolvidas nas migrações. Por exemplo, segundo os autores, há pesquisas que identificam migrações de pessoas em áreas de risco, sem considerar que estar exposto aos efeitos do clima não implica na migração, porque outros fatores estão envolvidos na decisão de migrar. Também mencionam a existência de pesquisas pouco específicas para dois temas tão complexos, como migrações e mudanças climáticas (CATTANEO *et al.*, 2019). Portanto, muitas incertezas ainda envolvem o tema, tanto do aspecto do clima, das migrações ou das condições socioeconômicas dos envolvidos, o que é um problema importantíssimo já que o tema envolve exatamente a relação entre esses aspectos, que possuem um contexto agora, mas que vai mudar com o passar do tempo.

Diante desse cenário, e desde que o relatório do IPCC de 1990 ressaltou que uma das maiores consequências das mudanças climáticas poderiam ser as milhões de pessoas deslocadas que elas poderiam causar, estudos vêm buscando entender como se daria esse processo, embora ainda com muitas lacunas, mas que servem como início.

Segundo relatório da Organização Internacional para Migração (IOM, 2015), “*Migration and Climate Change*”, as migrações induzidas por motivos climáticos não são um fenômeno novo. De acordo com a IOM (2015), descobertas arqueológicas sugerem antigas formações de assentamentos humanos como forma de adaptação a mudanças no clima, e algumas civilizações foram criadas inclusive a partir desses assentamentos.

The complex societies of Egypt and Mesopotamia, for example, emerged as people migrated away from desiccating rangelands and into riverine areas. The resulting need to organize densely packed populations in order to manage scarce re- sources in restricted areas

has been identified as one of the main driving forces behind the development of the first civilizations [...]. Likewise, the 8th century Muslim expansion into the Mediterranean and southern Europe was, to some extent, driven by drought in the Middle East. (IOM, 2015).

De acordo com o relatório do *World Bank Group*, de 2018, as mudanças climáticas induzirão o deslocamento de pessoas para fugir do aquecimento global e da seca, que afetarão severamente a produção agrícola; do aumento do nível do mar, que tornará costas e ilhas inabitáveis; do aumento da intensidade e frequência dos desastres naturais; e da competição por recursos naturais, que contribuirá para o aumento dos conflitos (RIGAUD *et al.*, 2018).

Segundo o relatório, as mudanças no clima vão aumentar os padrões migratórios sazonais, os fixos e os do campo para a cidade. O estudo também aponta que a maior parte da migração será interna, ou seja, dentro da fronteira dos países, mas que uma grande quantidade cruzará fronteiras, principalmente para países vizinhos, devido a proximidade e a urgência do deslocamento. Ele aponta também que a migração será frequentemente de países de baixa renda para outros países de baixa renda (RIGAUD *et al.*, 2018).

O relatório do *World Bank Group* mostra, por exemplo, que nas áreas de florestas tropicais a mudança do clima provocará o aumento das migrações de jovens adultos em busca de trabalho em outras regiões mais estáveis, assim como, nas áreas costeiras, aumentará a taxa de migração para áreas urbanas. Nas áreas montanhosas, haverá um aumento nas taxas já altas de migração para áreas mais urbanas e outros países. Regiões de pequenas plantações também terão aumento de migração em direção às cidades (RIGAUD *et al.*, 2018).

No relatório sobre 2022, a Organização Internacional para Migração mostra que, em 2020, 30,7 milhões de novos deslocamentos foram provocados por desastres em 145 países e territórios, ressaltando que esse número representa os desastres imediatos, ocorridos de forma imprevista ou de intensidade inesperada (MCAULIFFE; TRIANDAFYLLIDOU, 2021). Os desastres que são provocados ao longo do tempo ainda não possuem os dados dos deslocados totalmente contabilizados, mas o que se tem até o momento é que há uma estimativa de 46 mil novos deslocados devido a temperaturas extremas e 32 mil devido a secas, em 2020. Embora ainda incompleto, o relatório mostra, com as informações já disponibilizadas, que no período de 2008 a 2020, mais de 2,4 milhões de novos deslocados foram causados pela seca e 1,1 milhão devido a temperaturas extremas, e que essas são contabilizações de grande escala. Os pequenos eventos quase não são contabilizados, o que faria o número ser muito maior. Apesar das imprecisões, o próprio relatório afirma sua importância para identificar os possíveis “hot

spots”, tanto para desastres imediatos, quanto de longo prazo (MCAULIFFE; TRIANDAFYLLIDOU, 2021).

Em relação a projeções futuras, os autores do relatório da OIM (MCAULIFFE; TRIANDAFYLLIDOU, 2021) reafirmam algumas projeções já existentes, como a do *World Bank*, de 2018, de que a estimativa é de aproximadamente 143 milhões de pessoas podem estar em situação de migração em 2050 devido aos impactos das mudanças adversas do clima, principalmente em três regiões: África Subsaariana, Sul da Ásia e América Latina. O relatório também destaca que a população mais pobre terá como causa principal as mudanças climáticas de longo prazo, como queda da produtividade nas plantações, racionamento de água e elevação do nível do mar, e que a seca provocará a migração de aproximadamente 22 milhões de pessoas na África, 12 milhões da América do Sul e 10 milhões na Ásia até 2059, caso políticas mais assertivas não sejam adotadas para interromper o processo (MCAULIFFE; TRIANDAFYLLIDOU, 2021).

As consequências das mudanças climáticas sobre as migrações estão relacionadas diretamente com os efeitos das mudanças do clima, mas também indiretamente com as dinâmicas que esses efeitos impõem sobre outros causadores das migrações. Conforme dito anteriormente, as mudanças climáticas têm a capacidade de atuar como impulsionador e potencializador dos aspectos causadores ou que estão envolvidos com as migrações.

De acordo com o Go-Science (2011), tentar analisar os possíveis efeitos das mudanças climáticas nas migrações é lidar com cenários incertos, devido à complexidade de ambos os campos de pesquisa. No entanto, o relatório elenca algumas projeções de acordo com pesquisas feitas para tentar entender minimamente o comportamento ou as consequências para as migrações diante dos desafios impostos pelas mudanças climáticas nas próximas décadas.

Segundo o GO-Science (2011), de maneira geral, as consequências do clima provocarão alterações climáticas importantes para algumas regiões, como mudanças nos padrões de chuva, aumento da temperatura, mudança na produtividade das lavouras, degradação do solo e derretimento das geleiras. Essas mudanças prejudicarão principalmente regiões que dependem do uso de recursos naturais, as regiões montanhosas, as zonas costeiras e as regiões de seca (áridas e semiáridas), que possuem populações em situação de maior fragilidade. No entanto, o relatório afirma que, devido à influência de outros fatores,

principalmente políticos e econômicos, as mudanças podem ter impactos diferentes para os países (GO-Science, 2011).

Já Cattaneo *et al.* (2019) destacam que muitas pesquisas demonstram que a capacidade para migrar é mais limitada do que geralmente se tem ideia e que as mudanças climáticas podem reduzir ainda mais as condições que permitem ou colaboram para o deslocamento das famílias, aumentando significativamente os inúmeros custos de migração no contexto climático.

A questão da renda, como dito anteriormente, é fundamental para determinar as chances da população de migrar ou de permanecer em seu território de origem ou de residência, assim como é decisiva para a decisão de escolha do destino. Para Cattaneo *et al.* (2019), se por um lado as pessoas mais pobres possuem incentivos maiores para migrar em função de estarem mais expostas e vulneráveis aos impactos das mudanças climáticas e, por consequência, com menos possibilidade de adaptação do próprio local, por outro, essas mesmas pessoas mais pobres não possuem condições necessárias para financiar o deslocamento. Segundo Cattaneo *et al.* (2019), a questão da renda também é um dos aspectos multidimensionais agravado pelas mudanças climáticas, pois os efeitos das mudanças climáticas podem levar a mudanças no uso da terra como fonte de renda, levando à necessidade de deslocamento para busca de outras fontes de renda, que não eram necessárias anteriormente.

Em função disso, segundo Cattaneo *et al.* (2019), as pessoas mais pobres estão sujeitas a um risco duplo: de estarem em especialmente em situação de vulnerabilidade aos efeitos das mudanças climáticas e não possuírem condições financeiras de migrarem. Nesse caso, os efeitos das mudanças climáticas atuam como catalizadores da vulnerabilidade já existente aos migrantes dessa região devido à sua renda disponível. No mesmo contexto, o relatório afirma que estudos comprovam que populações com renda menor tem menos capacidade de planejar deslocamentos de longa distância, em comparação a grupos de renda maior que possuem capacidade de planejar migrações para distâncias maiores e por períodos prolongados. Portanto, a necessidade e a capacidade migração para adaptação em contexto de mudanças climáticas atuam em maneiras diversas para diferentes os grupos (CATTANEO *et al.* (2019).

Outro aspecto que os autores destacam, que pode ser influenciado pelos efeitos das mudanças climáticas, é a questão das remessas. Como visto anteriormente, as remessas

enviadas pelos emigrados aos parentes ou entes próximos que permaneceram nos locais de origem exercem uma função importante em diversas questões: melhora a condição de vida, impulsiona a economia local, contribui para o desenvolvimento, entre outros. Conforme ressalta o artigo, o aumento ou a mudança na migração em determinada região em função das mudanças climáticas podem influenciar o recebimento de remessas, que podem aumentar ou não, dependendo da condição da migração e da capacidade dos migrantes de receber essa renda no destino. Isso porque, em caso de migração de emergência, em situação de catástrofe ambiental por exemplo, as condições e margens de escolha do destino da migração é menor, diferente do que seria em situação de migração planejada, afetando diretamente o possível ganho com as remessas em condições menos adversas (CATTANEO *et al.* (2019).

O artigo ressalta também que estudos recentes mostram que as migrações em função das mudanças climáticas ocasionam, em alguns casos, perda da fonte de renda dos migrantes, ou seja, essa migração provoca queda na agricultura e aumento na proporção da renda proveniente de outras fontes, não agricultoras. Isso muda não só a renda, mas também a forma de vida em algumas regiões e a relação com a terra. Além disso, o artigo ressalta que esse aspecto pode criar ou agravar uma dependência de recebimento de renda externa para sobrevivência que antes era menor ou menos necessária. Segundo Cattaneo *et al.* (2019):

*Marchiori, Maystadt and Schumacher (2015) specifically analyse the link between environmentally-induced income variability and human mobility in Sub-Saharan countries, but they find that income variability is only a negligible driver of migration decisions. A study by Dillon, Mueller and Salau (2011) on internal migration of Nigerian households shows that male household members migrate in response agricultural risk due to weather variability and shocks. Gröger and Zylberberg (2016) similarly find that households with settled migrants ex ante receive more remittances. Evidence from Ghana, in turn, suggests that human mobility as a climate change related risk management strategy can also be a driver of agricultural decline and shifts towards non-agricultural/natural-resource based livelihoods (Rademacher- Schulz, Schraven and Mahama, 2014). At a national scale, Couharde and Generoso (2015) show that remittances have an ambiguous role for the macroeconomic performance of West African countries facing climate variability, and may aggravate economic dependence, when drought conditions prevail. (CATTANEO *et al.*, 2019).*

O artigo também destaca que os impactos das mudanças climáticas nas migrações podem gerar efeitos nos salários e, portanto, na condição de vida dos imigrantes. Ao atrair ou expulsar populações em função das mudanças climáticas, as cidades oferecem salários maiores ou menores, o que tem impacto direto no padrão de vida dos migrantes e dos trabalhadores do local em geral. Essa dinâmica, segundo Cattaneo *et al.* (2019), acaba

gerando mais migrações a depender da diferença salarial entre o local de origem ou de destino. De acordo com o artigo:

In particular Dell, Jones and Olken (2009) document a positive impact of rainfall on GDP growth and a negative impact of temperature on per capita GDP, respectively. If income falls, then the gap between origin and destination income widens and this translates into higher migration. Marchiori, Maystadt and Schumacher (2012) show that, in Sub-Saharan Africa, weather anomalies tend to boost rural-urban migration through a decrease in rural wages. Also, an influx of workers into the cities results in downward pressure on urban wages, which in turn induces international mobile workers to move to other countries. (CATTANEO *et al.*, 2019).

É possível observar, portanto, que quando se analisa pelo aspecto da renda, o impacto das mudanças climáticas nas migrações é muito significativo, pois tem vários desdobramentos diretos e indiretos. Além disso, é possível observar que o aspecto renda é fundamental para definir o padrão da migração quando há a variante mudanças climáticas envolvida, pois a população de maior renda tem maior capacidade de adaptação a essas mudanças (CATTANEO *et al.* (2019).

De acordo com o estudo de Cattaneo *et al.* (2019), em se tratando do aspecto renda, os impactos das mudanças climáticas são maiores quanto mais vulneráveis e expostos as mudanças climáticas forem os países de origem, e cuja renda é direta ou indiretamente relacionados aos setores mais afetados, principalmente a agricultura, aumentando a migração por melhores rendas ou estimulando novos padrões migratórios antes inexistentes.

Em artigo intitulado “*Country-Specific Effects of Climate Variability on Human Migration*”, Clark Gray e Erika Wise (2016) destacam que as mudanças climáticas podem ter efeitos na relação entre migração e a distância percorrida. Segundo as autoras, as migrações de menores distâncias serão mais afetadas devido à necessidade de adaptação, seja permanente ou temporária, quando se comparada as migrações de longas distancias. Os autores destacam também que, de acordo com a pesquisa realizada, quando se observa a dinâmica entre migração e mudanças climáticas por essa lógica da escolha do destino e a distância a ser percorrida, os deslocamentos de curta distância são maiores que os de longa distância, por isso as migrações internas tendem a ser maiores (GRAY; WISE, 2016).

A questão de gênero é um dos aspectos multidimensionais que definem alguns padrões migratórios e que, portanto, está sujeito aos efeitos das mudanças climáticas. Cattaneo *et al.* (2019) destacam que a vulnerabilidade dos migrantes intensificada pelas mudanças climáticas é ainda maior na relação que se verifica sob o aspecto de gênero. Os autores destacam que a

mulheres e meninas estão mais vulneráveis aos efeitos das mudanças climáticas porque tem acesso desigual a recursos de maneira geral. As barreiras impostas pelas questões de gênero privam as mulheres de oportunidades de trabalho com melhores salários e, portanto, reduz sua capacidade de adaptação às mudanças do clima, e por essa razão o incentivo para migrar nessas condições acaba sendo maior. No entanto, como afirmam os autores, as mulheres têm menos oportunidade de trabalho temporário oferecido aos migrantes quando comparado aos homens, o que reduz as chances de uma migração eficiente no sentido de lhes garantir melhores oportunidades. Os autores afirmam ainda que existem muitas outras variáveis que estão relacionadas ao aspecto gênero e migração que aumenta a vulnerabilidade das mulheres em contexto de mudança climática, e que por isso aprofundar a pesquisa nesse aspecto é fundamental (CATTANEO *et al.* (2019).

Outro aspecto levantado por Cattaneo *et al.* (2019) são as pessoas vivendo em regiões de conflito. Essas áreas estão em condições mais vulneráveis porque tendem a receber poucos investimentos para adaptação e redução de riscos às mudanças climáticas, o que pode gerar mais conflitos e deslocamentos. Nessas situações, a questão de gênero também define a situação de maior vulnerabilidade das mulheres e meninas (CATTANEO *et al.* (2019).

Os autores do artigo também destacam como aspecto relacionado à migração, que deve ser observado em contexto de mudanças climáticas, é a questão do avanço econômico e de infraestrutura dos países. O nível de desenvolvimento social e econômico de um país é um dos aspectos que influenciam a decisão de migrar das pessoas, seja como origem ou destino. Nesse sentido, quanto maior o nível desse desenvolvimento, maior será a capacidade do país de se adaptar às mudanças climáticas, da mesma forma que quanto menor, mais vulnerável é o país, o que impacta o fluxo de migrantes de entrada ou saída desse país (CATTANEO *et al.* (2019).

O relatório “*Asia–Pacific Migration Data Report*”, publicado em 2022 pela OIM, afirma que a questão da capacidade de resiliência dos países, que é um dos aspectos multidimensionais determinantes para gerar ou não migração, pode ser decisiva em contexto de mudanças climáticas. Segundo o relatório:

Local communities across Afghanistan, Myanmar and Bangladesh have strategies they have used for a long time to cope with the challenges of the landscapes where they live: from water scarcity, to flood and landslide risks. As climate change greatly increases the strains on these communities, it is crucial to provide adaptation support that complements local approaches, rather than undermining them – especially for farmers. For those who

choose migration as an adaptation strategy, meanwhile, more support for safe and orderly migration – including long-distance and secondary migration – is sorely needed. (IOM, 2022).

O mesmo relatório também ressalta que um outro aspecto envolvendo as migrações que podem ser agravadas pelas mudanças climáticas é o fato de que a questão envolve os âmbitos nacionais, regionais e globais, e que, portanto, é necessário considerá-la em todas essas esferas. No entanto, apesar de ser um tema que tem sido tratado há algum tempo, o foco dado no aspecto relacionado à questão de segurança de fronteiras tem dificultado o tratamento devido em forma de colaboração regional (IOM, 2022).

Por fim, outro aspecto fundamental envolvendo as migrações e as mudanças climáticas que os autores destacam são as “*trapped populations*”, que são a parte da população que tem sua possibilidade de deslocamento prejudicadas pelas mudanças climáticas. Esse é um dos aspectos que necessita atenção de pesquisadores e formuladores de políticas públicas, pois coloca a população envolvida em extrema vulnerabilidade. Uma parcela da população que seria migrante não consegue se deslocar devido aos efeitos das mudanças climáticas, tendo que ficar em locais considerados de alto risco, por catástrofes climáticas, ou impossibilitados de manterem o mínimo necessário para a subsistência.

Segundo Cattaneo *et al.* (2019):

*A danger inherent in focusing on ‘numbers of environmental migrants’ is that it could mean neglecting the major humanitarian issues surrounding those who stay behind, and indeed those who are unable migrate and who become trapped in parlous environmental circumstances. There is much evidence that millions of people will reside in areas of high environmental risk over the next five decades; Other evidence reviewed in this report shows that a significant proportion of these people will lack the financial, social, political or even physical assets to migrate away from these environmentally dangerous areas, whilst those who have greater assets are more able to. Yet it is those who have low financial, social, political and physical assets who are likely to be most vulnerable to the effects of environmental change, and less able to protect themselves. Hence a significant group of people living in environmentally prone locations in the future face a double jeopardy: they will be unable to move away from danger because of a lack of assets, and it is this very feature which will make them even more vulnerable to environmental change. (CATTANEO *et al.*, 2019).*

Todos os estudos mobilizados nessa pesquisa ressaltam que os efeitos das mudanças climáticas podem impactar de diversas maneiras os diversos aspectos multidimensionais que envolvem as migrações, sejam elas internas ou internacionais, e que pesquisas mais aprofundadas são extremamente necessárias para compreender esse processo. Como enfatizado desde o início dessa pesquisa, e corroborado pelos estudos mencionados, as

dinâmicas envolvendo as consequências das mudanças climáticas para as migrações são complexas e, portanto, não devem ser analisadas de forma isolada.

O Quadro 1 a seguir sintetiza e organiza os aspectos multidimensionais das migrações aqui abordados e uma possível causalidade que os efeitos das mudanças climáticas podem trazer para os padrões migratórios já existentes.

Quadro 1 – Aspectos multidimensionais das migrações e os efeitos das mudanças climáticas

ASPECTOS MULTIDIMENSIONAIS	PADRÕES IDENTIFICADOS	EFEITOS DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS
---------------------------------------	------------------------------	--

<p>GEOECONÔMICOS (DESTINO, ORIGEM)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - A renda do país de destino é determinante para migração; - Países de alta renda são o maior destino de todos os migrantes do mundo; - A maioria da migração para os países de alta renda é voluntária; - Países de média e baixa renda são o destino principal de deslocados internacionais por razão de conflitos, perseguição, violência ou violação de direitos humanos; - Apenas aproximadamente 15% de migrantes do mundo todo são originários de países pobres; - Populações com renda menor têm menos capacidade de planejar deslocamentos voluntários e de longa distância; - A Europa segue como destino da maioria dos migrantes no mundo, seguida de América do Norte, norte da África e Ásia ocidental; - A quantidade de migrantes na América Latina dobrou nas últimas décadas, devido principalmente aos Venezuelanos. 	<ul style="list-style-type: none"> - A necessidade de urgência no deslocamento e necessidade de adaptação pode alterar os padrões de migrações em relação ao destino; - As mudanças climáticas podem ter efeitos na relação entre migração e a distância percorrida; - Devido às mudanças climáticas, as migrações de menores distâncias serão mais afetadas, com maiores fluxos, devido às mudanças climáticas em razão da necessidade de deslocamento rápido ou pela falta de recursos; - A migração por vulnerabilidade nos países pobres está aumentando devido às mudanças climáticas; - Nas regiões de conflito aumentará a vulnerabilidade das pessoas, assim como os fluxos migratórios, devido à baixa capacidade para investimentos em adaptação e redução de danos causados pelas mudanças climáticas; - O número de migrantes entre os países europeus aumentou nas últimas décadas devido às mudanças climáticas; - Existem projeções de aumento das migrações entre países das Américas devido as mudanças climáticas.
---	--	---

<p>ECONÔMICOS (RENDA, MÃO DE OBRA, FONTE DE RECURSOS)</p> <p>ECONÔMICOS (RENDA, MÃO DE OBRA, FONTE DE RECURSOS)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - A renda dos países é um dos aspectos que influenciam tanto a imigração quanto a emigração; - Os mais pobres possuem incentivos maiores para migrar, pois são mais expostos e vulneráveis; - A migração pode ser fonte de diversificação de renda e padrão de vida; - Os migrantes contribuem positivamente para as economias dos países de destino; - Os migrantes representam aumento da mão de obra disponível; - Diferenças entre mercados no trabalho e nas individuais exercem grande influência nos movimentos migratórios. 	<ul style="list-style-type: none"> - Os impactos das mudanças climáticas podem afetar a fonte de renda aumentando a migração para localidades com maiores rendas; - Os mais pobres ficam em situação de maior vulnerabilidade com os efeitos das mudanças climáticas e têm menos capacidade de deslocamento; - As mudanças no uso da terra provocadas pelas mudanças climáticas prejudicam essa fonte de renda, aumentando a migração; - As migrações em função das mudanças climáticas ocasionam mudança nas fontes de renda, da forma de vida e da relação com a terra, gerando outros padrões de comportamento e migração; - A redução da terra como fonte de renda aumenta o subemprego e o deslocamento para busca de melhores oportunidades; - O volume de mão de obra disponível causado pela migração em função das mudanças climáticas ocasiona redução dos salários e da condição de vida dos migrantes, criando um padrão de migração, aquele em busca de melhores salários.
---	--	---

<p>SOCIAIS (NACIONALIDADE, GÊNERO, FAIXA ETÁRIA, VULNERABILIDADE, DESENVOLVIMENTO SOCIAL)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Vulnerabilidade social é um fator promotor da migração; - Em relação às nacionalidade, os indianos possuem a maior quantidade de migrantes do mundo, seguido por mexicanos, russos, chineses e sírios; - Dos países maiores emissores de migrantes, somente Síria e Afeganistão são de baixa renda; - Pelo recorte regional, aproximadamente metade dos migrantes internacionais de 2020 viviam na mesma região de sua origem; 	<ul style="list-style-type: none"> - Os efeitos das mudanças climáticas aumentam a vulnerabilidade existente; - Quanto mais vulnerável a sociedade, mais afetada pelas mudanças climáticas e maior a necessidade de migração, aumentando ou criando padrões migratórios; - Países grandes emissores de migração e de baixo desenvolvimento, como a Índia, podem presenciar grandes fluxos migratórios nas próximas décadas;
<p>SOCIAIS (NACIONALIDADE, GÊNERO, FAIXA ETÁRIA, VULNERABILIDADE, DESENVOLVIMENTO SOCIAL)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - A Europa tem a maior parte de migrantes intrarregionais, isto é, de outros países europeus (70%), seguida de África subsaariana, com 63%; - A América Latina e Caribe e América do Norte possuem maior parte de seus migrantes vivendo fora da região de origem; - Existe uma relação complementar entre as duas regiões; - Migrações podem ser benéficas para os países de origem, pois possibilita aumento da renda disponível, dos investimentos, melhoria do padrão de vida, do comércio internacional, da inovação e do acesso a tecnologias, entre outros; - Aumento significativo da participação das mulheres no total das migrações nas últimas décadas (48%); - A participação das mulheres é maior no grupo de migrantes de baixa renda; - A maioria dos migrantes internacionais tende a se 	<ul style="list-style-type: none"> - O avanço econômico e de infraestrutura dos países aumenta a capacidade de resiliência e adaptação as mudanças climáticas, aumentando ou reduzindo a necessidade de migração; - As remessas enviadas pelos emigrados aos países de origem melhoram a renda e a condição de vida local, reduzindo a necessidade de migrar ou incentivando migração de retorno; - Mulheres e meninas estão mais vulneráveis aos efeitos das mudanças climáticas porque têm acesso desigual a recursos de maneira geral e se encontram em maior vulnerabilidade, aumentando a necessidade de migrar; - As diferenças de renda, de oportunidade de trabalho e sobrecarga no cuidado familiar reduz capacidade de adaptação às mudanças do clima das mulheres, aumentando o incentivo a migrar; - O menor acesso das mulheres aos trabalhos temporários geralmente oferecidos aos

Fonte: Elaboração da autora.

4 A MIGRAÇÃO NA AMÉRICA LATINA E AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

4.1 Panorama geral do histórico das migrações da região

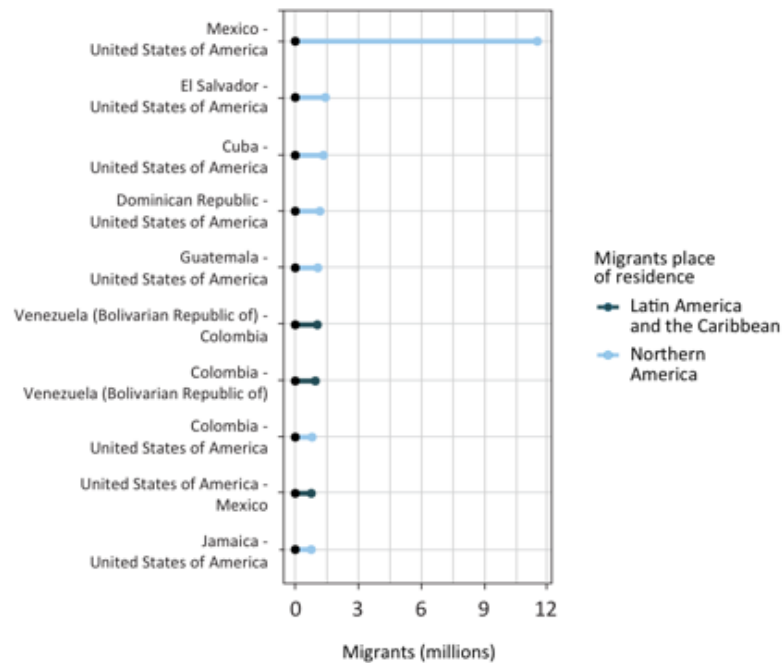
Entender o processo de migração na América Latina como um todo, os padrões migratórios da região, bem como os aspectos multidimensionais envolvidos, é um passo inicial e fundamental para compreender a sua dinâmica e a possível interconexão com as mudanças climáticas.

Conforme apontam Hass, Castles e Miller (2020), a migração tem sido parte fundamental da formação das sociedades das Américas há séculos. Desde o final do século XV, com o início do processo de colonização promovido pelos países europeus, principalmente Espanha, Portugal e Inglaterra, imigrantes vindos de diversas partes do mundo desembarcaram na região, por diversos motivos, e ajudaram a construir os países como hoje os conhecemos. Além disso, os autores identificam que os Estados Unidos têm um papel chave nos movimentos de migração da região (HAAS; CASTLES; MILLER, 2020).

A migração nas Américas, assim como em outras partes do mundo, ocorreu de diversas formas e passou por diversas fases decisivas na formação da identidade dos Estados da região. A migração europeia, a conquista territorial, a extração de produtos naturais como ouro, prata, açúcar, entre outros, assim como o processo de mestiçagem entre os indígenas locais e os imigrantes, desde o período colonial, geraram profundas mudanças e moldou a sociedades contemporâneas da América (GALEANO, 1973; HAAS; CASTLES; MILLER, 2020).

A migração para a região das Américas foi caracterizada principalmente por europeus até meados do século XX. Com o fim da Primeira Guerra Mundial, o acirramento da globalização mundial e a depressão econômica, o protecionismo e a xenofobia, que durariam até os anos 1930, reduziram a migração para as Américas. A redução dos migrantes europeus para a região causou a consolidação de um dos maiores corredores migratórios na região que é o deslocamento de mexicanos em direção a América do Norte, particularmente os EUA (HAAS; CASTLES; MILLER, 2020).

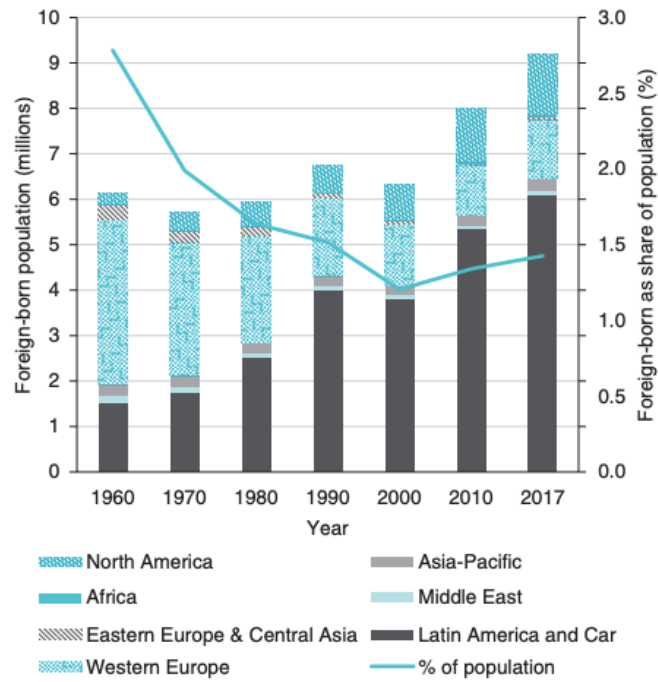
Figura 14 – Os 10 principais corredores de migração envolvendo países da América Latina e Caribe, 2019



Fonte: IOM (2020, p. 99).

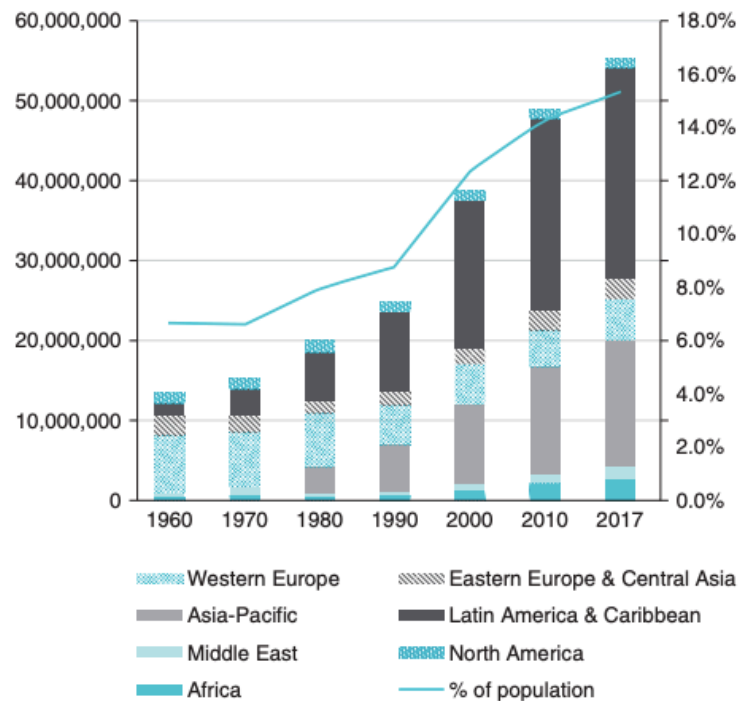
Os países da América do Sul foram profundamente afetados pelo processo migratório durante sua formação. Brasil, Argentina e Uruguai, por exemplo, receberam grandes levas de imigrantes de Espanha, Itália e Portugal. Assim como ocorrera nos EUA, a crise dos anos 1930 reduziu a imigração para a região e ocasionou a queda da diversidade da origem dos imigrantes. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, acentuaram-se as mudanças na migração na região, como a queda da migração europeia para as Américas, o fim da América do Sul como destino global de migrações, o aumento da migração intrarregional, e o crescimento da migração da América Latina e Caribe (e da Ásia) para os Estados Unidos e Canadá. A partir desse momento, acentuou-se o processo de migração entre países da América do Sul e Central, bem como dentro das próprias regiões. Aumentou também a migração da área rural para os centros urbanos, inclusive para além das fronteiras, como, por exemplo, do Equador para Venezuela e EUA, e da Bolívia para Argentina (HAAS; CASTLES; MILLER, 2020).

Figura 15 – Populações nascidas no exterior na América Latina e no Caribe, por região de origem, 1969–2017



Fonte: Hass, Castles e Miller (2020, p. 146).

Figura 16 – Populações nascidas no exterior na América do Norte, por região de origem, 1969–2017



Fonte: Hass, Castles e Miller (2020, p. 147).

Com as crises do fim do século XX, principalmente os choques do petróleo, a América Latina passou por instabilidades políticas e econômicas que aprofundou a emigração da

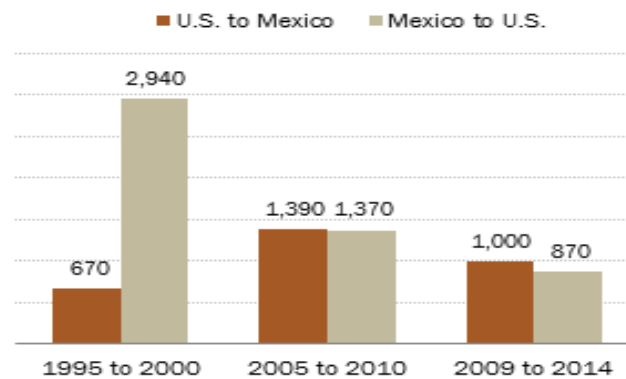
região. O México aumentou seu papel como país de destino e de trânsito dos migrantes da América Central para a América do Norte. Na América do Sul também houve aumento da emigração, principalmente em função da instalação de regimes militares autoritários na região. Por esses mesmos motivos, a região perdeu sua importância como destino de imigrantes. A região passou de um dos maiores receptores de imigrantes do mundo, até a Segunda Guerra Mundial, para a predominância de emigração (HAAS; CASTLES; MILLER, 2020).

De acordo com Hass, Castles e Miller (2020), a crise de 2008 afetou de forma geral a migração na região das Américas, mas não cessou os padrões de migração que vinham se estabelecendo desde a década de 1950. Os migrantes mais afetados foram os que migram em busca de trabalho, principalmente no setor da construção civil e manufaturas (RUIZ; VARGAS-SILVA, 2009 *apud* HAAS; CASTLES; MILLER, 2020, p. 160).

O grupo mais afetado pela crise foram os mexicanos. Segundo o *Pew Research Center*, desde a crise de 2008, mais mexicanos voltaram para o México do que migraram para os EUA (GONZALEZ-BARRERA, 2015). O estudo mostrou que esse “fluxo de retorno”¹ evidencia o menor número de migrantes mexicanos cruzando a fronteira em direção ao norte desde a década de 1990 (GONZALEZ-BARRERA, 2015).

Figura 17 – Migração líquida para os EUA do México abaixo de zero após a grande recessão, em milhares

¹ “[...] in a general sense, the act or process of going back or being taken back to the point of departure” (MDP, 2022).



Note: Estimates are for February 1995 through February 2000, June 2005 through June 2010, and August 2009 through August 2014. Migration from the U.S. to Mexico includes persons born in Mexico, the U.S., and elsewhere; Mexico to U.S. includes Mexican-born persons only.

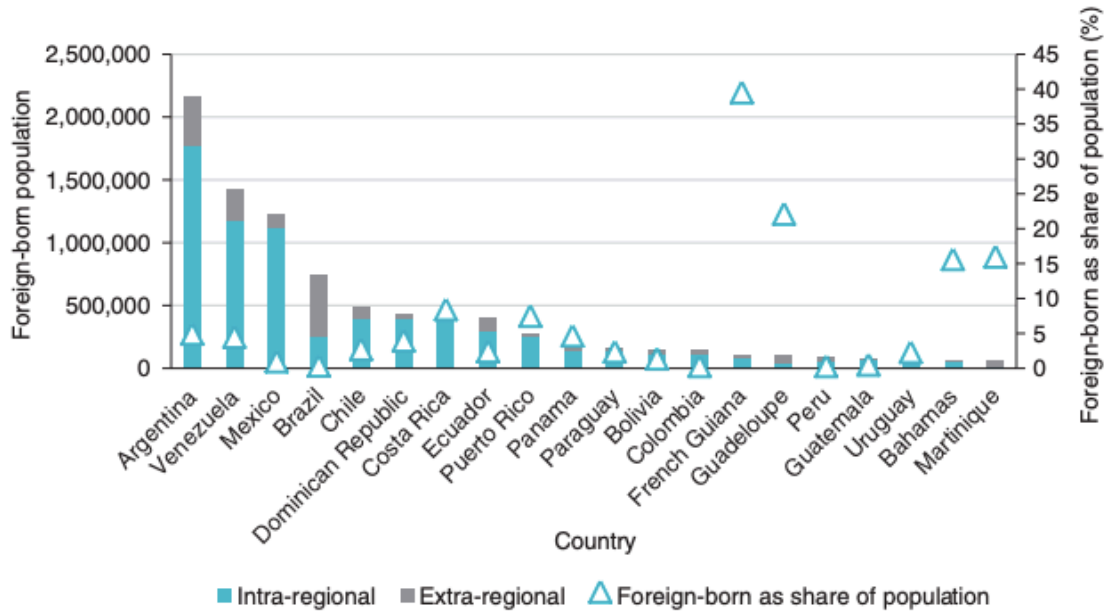
Source: 1995-2000 and 2005-2010: Passel, Cohn and Gonzalez-Barrera (2012); 2009-2014 U.S. to Mexico: Pew Research Center estimates from population, household and migrant microdata samples of 2014 ENADID; Mexico to U.S.: based on Pew Research Center estimates from augmented March supplement to the 2014 Current Population Survey and augmented 2012 American Community Survey; see Methodology for further detail.

PEW RESEARCH CENTER

Fonte: Gonzalez-Barrera (2015).

A redemocratização em vários países na América Latina na virada do século XX possibilitou a reorganização política e econômica e a flexibilização da política de controle de fronteiras e de imigração, incentivando o movimento migratório para os países do cone sul e destes para outras regiões do mundo (HAAS; CASTLES; MILLER, 2020).

Figura 18 – Populações nascidas no exterior em países e territórios da América Latina e Caribe, por origem, 2017

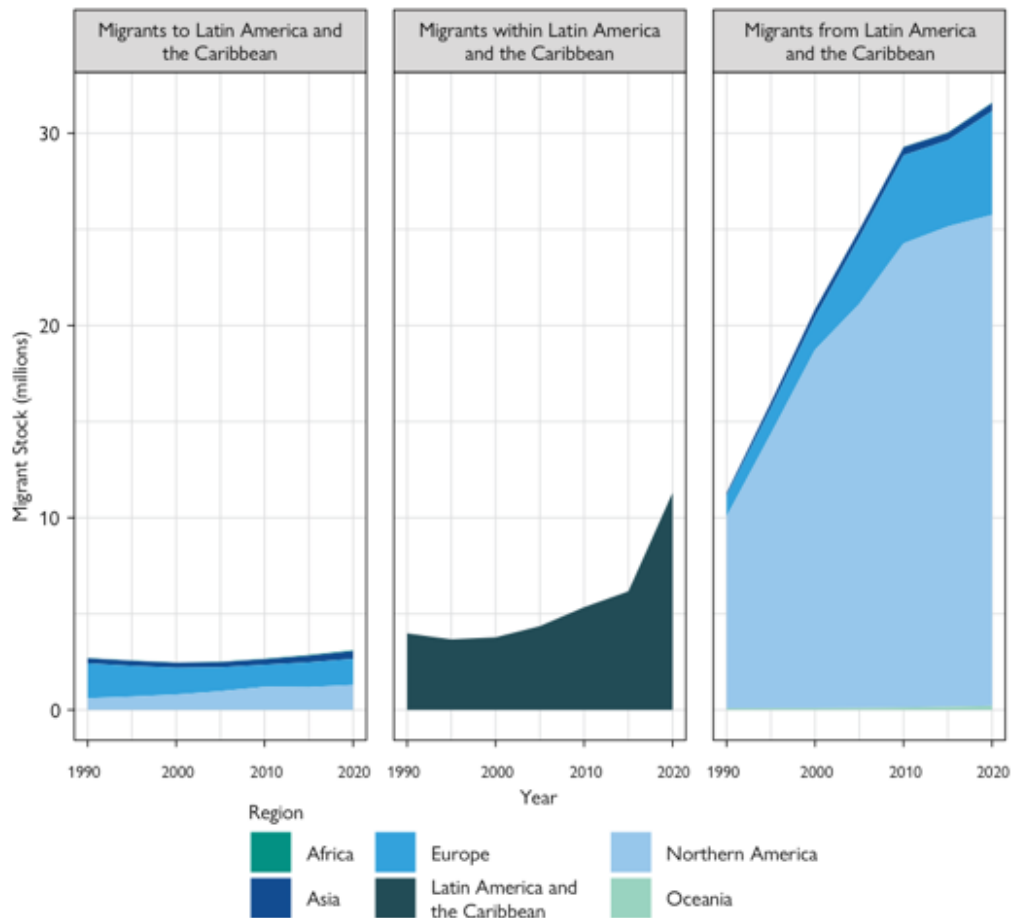


Fonte: Hass, Castles e Miller (2020, p. 163).

O início do século XXI foi marcado por grandes movimentos migrações na região. A crise política e econômica da região do caribe e dos Andes tem impulsionado significativo processo de emigração, principalmente para países de dentro da própria. Grandes crises migratórias têm aumentado desde então na Venezuela, Colômbia, e Haiti por exemplo, configurando algumas das maiores crises migratórias do mundo, na atualidade (HAAS; CASTLES; MILLER, 2020).

De acordo com dados da IOM (MCAULIFFE; TRIANDAFYLLIDOU, 2021), as migrações em direção a América no Norte continuam a ser central para a análise das migrações na América Latina e Caribe, nos anos 2000. Mais de 25 milhões de migrantes haviam se deslocado em direção a América do Norte em 2020, um aumento significativo quando comparado aos 10 milhões estimados em 1990 (MCAULIFFE; TRIANDAFYLLIDOU, 2021).

Figura 19 – Migrantes para, dentro e da América Latina e Caribe, 1990–2020



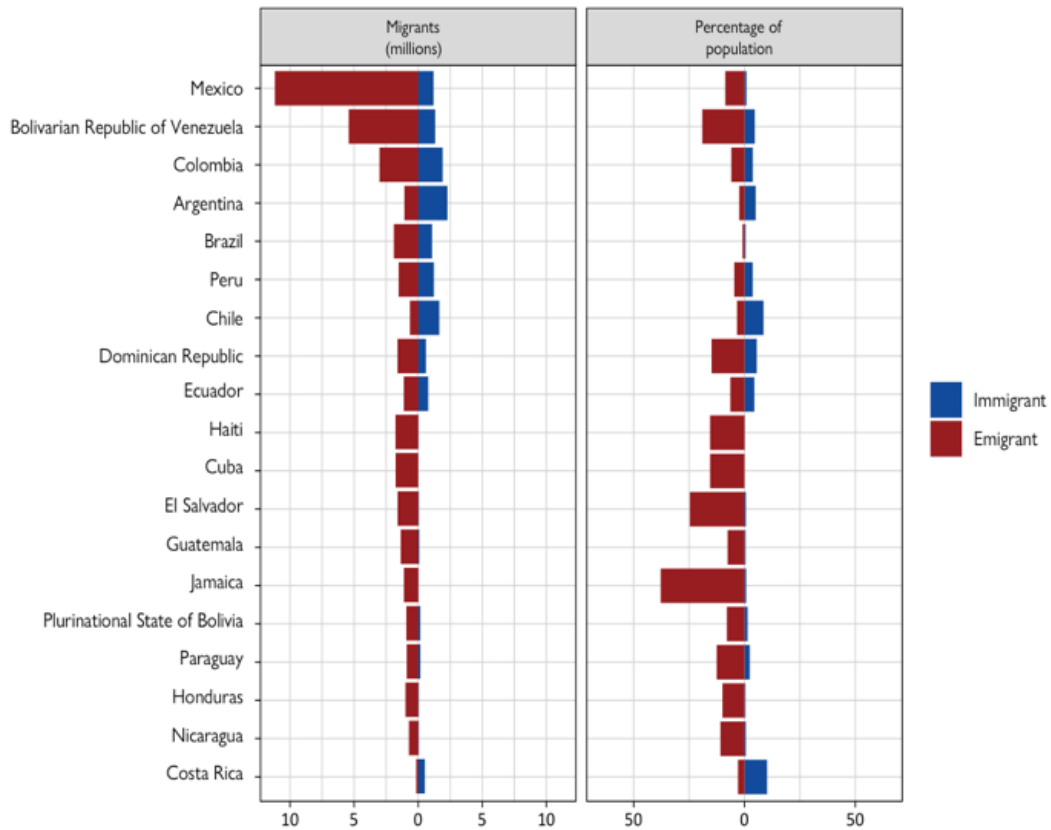
Fonte: McAuliffe e Triandafyllidou (2021, p. 99).

Em relação à Europa, o relatório mostra que em 2020, o total era de cinco milhões de migrados para aquele continente, número quatro vezes maior do que o da década de 1990 (MCAULIFFE; TRIANDAFYLLIDOU, 2021). Para outras regiões, como Ásia e Oceania, o acréscimo foi pequeno, totalizando, em 2020, 400 mil e 200 mil respectivamente. Por outro lado, o relatório mostra que o total de migrantes de outras regiões vivendo na América Latina e Caribe se manteve estável, de aproximadamente três milhões nos últimos 30 anos, a maioria europeus e norte-americanos (MCAULIFFE; TRIANDAFYLLIDOU, 2021).

No entanto, em 2020, 11 milhões de migrantes na América Latina eram de outros países de dentro da própria região, sendo os venezuelanos o maior grupo de deslocados da região, representando umas das maiores crises migratórias no mundo. Em meados de 2021, aproximadamente 5,6 milhões de Venezuelanos haviam deixado o país, a maioria nos últimos cinco anos. Desses, 85% se dirigiram para outro país dentro da própria região. Colômbia,

Peru, Chile, Equador e Brasil são os principais destinos dos venezuelanos na região (MCAULIFFE; TRIANDAFYLLIDOU, 2021).

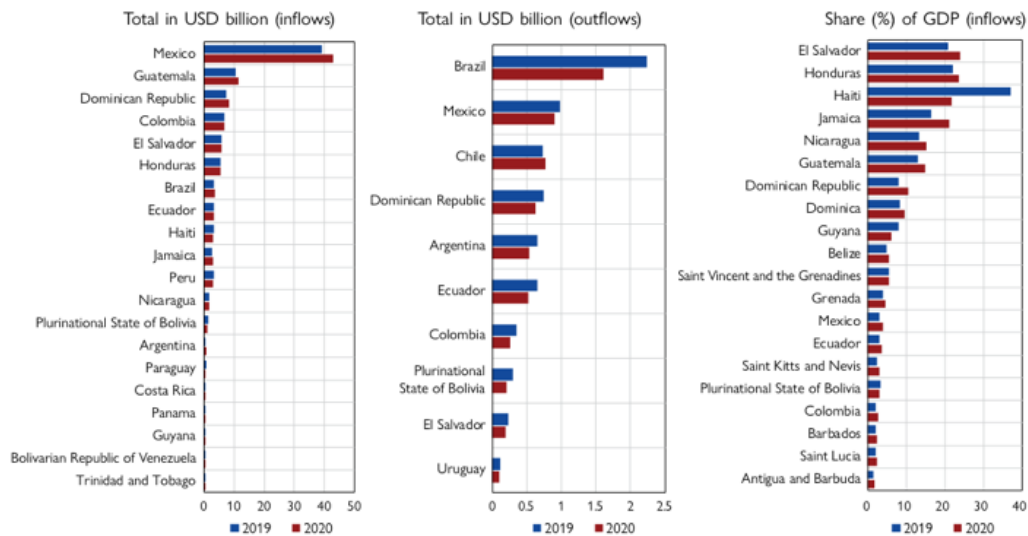
Figura 20 – Principais países migrantes da América Latina e Caribe, 2020



Fonte: McAuliffe e Triandafyllidou (2021, p. 100).

O relatório da OIM (MCAULIFFE; TRIANDAFYLLIDOU, 2021) mostra que a emigração continua a ser significativa na América Latina e Caribe. Em 2020, aproximadamente 11 milhões de pessoas da região viviam no exterior. O México continua a ser o maior emissor, seguido da Venezuela e Colômbia. Em relação ao percentual da população, Jamaica continua sendo o país com maior número de emigrados, seguido de El Salvador e Venezuela. A Argentina, em 2020, era o país com o maior número de nascidos no exterior da região, a maioria proveniente dos países vizinhos (IOM, 2020).

Figura 21 – Principais países destinatários e de origem de remessas na América Latina e no Caribe, 2019 e 2020

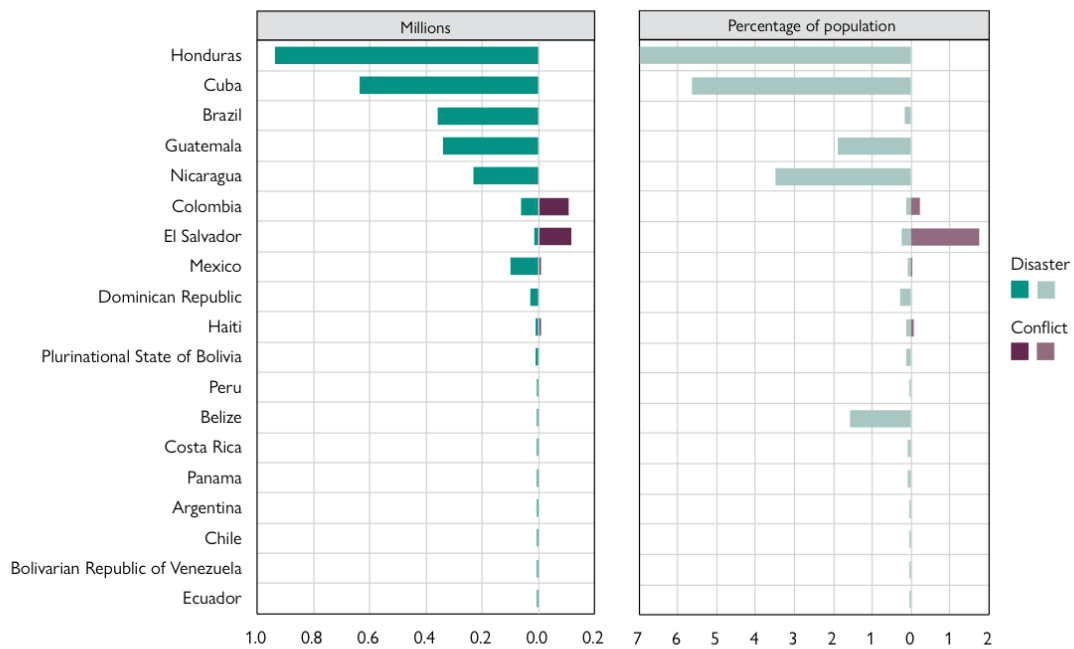


Fonte: McAuliffe e Triandafyllidou (2021, p. 103).

O relatório de McAuliffe e Triandafyllidou (2021) aponta que o caso mais significativo de migração na região, em 2020, foi de venezuelanos, que constituiu a segunda maior população de migrantes do mundo, atrás apenas dos sírios. A Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) identifica esse grupo como uma categoria à parte, “venezuelanos deslocados no exterior”, devido à gravidade da crise pela qual passa o país. No fim de 2020, havia aproximadamente 171 mil refugiados venezuelanos registrados e aproximadamente 4 milhões de deslocados sem *status* formal de refúgio. Quase 73% dos refugiados venezuelanos estão em países da região, a maioria na Colômbia (MCAULIFFE; TRIANDAFYLLIDOU, 2021).

Ainda segundo o relatório, a maioria dos novos deslocados internos na América Latina e Caribe, em 2020, eram em razão de desastres ambientais, superando largamente motivos de violência e conflitos. Honduras registrou o maior número de deslocados internos por desastres, seguido de Cuba, Brasil e Guatemala. Eventos relacionados ao clima como as furacões Laura, Eta e Iota, estão entre as principais causas (MCAULIFFE; TRIANDAFYLLIDOU, 2021).

Figura 22 – Principais países latinos e caribenhos por novos deslocamentos internos (desastres e conflitos), 2020



Fonte: McAuliffe e Triandafyllidou (2021, p. 105).

Conforme analisado por esta pesquisa, a migração das Américas ao longo das décadas teve diversos aspectos, várias motivações e múltiplos atores envolvidos, que em conjunto culminaram nos padrões migratórios que definem a região na atualidade. Esse panorama geral é fundamental para compreender os efeitos das mudanças do clima para essa dinâmica e as suas consequências para a região.

4.2 As mudanças climáticas e as migrações na região

Todas as regiões do globo estão sujeitas, de alguma maneira, aos efeitos provocados pelas mudanças climáticas que estão em curso, bem como às suas consequências para as populações locais, conforme salientado pelo IPCC. No entanto, de acordo a Organização Internacional para Migrações, no relatório “Mudanças climáticas e migrações em países vulneráveis” (IOM, 2019, tradução nossa), países menos desenvolvidos, em desenvolvimento e pequenas ilhas são desproporcionalmente afetados pelas mudanças climáticas, devido a fatores como a falta de estrutura e posição geográfica desvantajosa, apesar de serem os menores responsáveis pelas mudanças no clima.

O relatório destaca que, em 2016, todos os 15 países mais vulneráveis às mudanças do clima estão localizados nessas regiões, e que estes são os menos capazes de lidar com os

desastres e as consequências dessas mudanças provocadas pelo clima e, conseqüentemente, os maiores emissores de migrantes por razões climáticas (IOM, 2019).

No entanto, quando se analisa a amplitude das pesquisas sobre o tema e até mesmo a atenção midiática para as questões climáticas, percebe-se lacunas em relação à região da América Latina que prejudicam seriamente o entendimento e tratamento do problema. A falta de devida atenção para os efeitos dessas mudanças para os deslocamentos na região da América Latina é preocupante, pois a região reúne fatores estruturais que podem potencializar os efeitos climáticos, além de a região poder se tornar um futuro “*hot spot*” para as migrações climáticas (MAGRIN *et al.*, 2014).

Em seu artigo publicado no *Council on Hemispheric Affairs*, Deprez (2010) faz uma análise dos efeitos climáticos na região da América Latina em conjunto com essas outras condições preexistentes. Segundo a autora, essa característica deixa a região mais exposta e a população em situação de maior vulnerabilidade, gerando fluxos de deslocados que podem aumentar substancialmente nas próximas décadas. Apesar disso, a região recebe menos atenção da mídia, e da academia, em comparação com as regiões do Sudeste da Ásia, África Ocidental e as Ilhas do Pacífico por exemplo.

A América Latina já tem vivenciado nos últimos anos os efeitos das mudanças do clima e alguns já são perceptíveis em quase todos os países da região. Em artigo recente, o site *Open Democracy* (2021) elenca alguns desses efeitos mais nítidos e destaca que o Relatório da Organização Meteorológica Mundial (OMM, 2021) aponta a região como uma das mais afetadas pela crise climática e fenômenos meteorológicos extremos do mundo. Esses eventos, de acordo com o artigo, foram responsáveis pela morte de aproximadamente 312 mil pessoas e atingiram mais de 220 milhões, entre 1998 e 2020, na América Latina (OPEN DEMOCRACY, 2021).

Em seu último relatório publicado, o IPCC (2022) afirma que a região da América Central e do Sul está altamente exposta, vulnerável e fortemente impactada pelas mudanças climáticas. O relatório também destaca que alguns fatores contribuem para o aumento da vulnerabilidade da região, como a desigualdade, a pobreza, o crescimento e a densidade populacional, uso predatório da terra que causa perda da biodiversidade, degradação do solo e a alta dependência das economias da região na produção de produtos primários e *commodities* (IPCC, 2022).

O relatório do IPCC (2022) ressalta que a desigualdade econômica, racial e social, assim como elevados níveis de pobreza, acesso desigual a água potável e a falta de infraestrutura são exacerbados pelos efeitos das mudanças climáticas.

Figura 2 – Caracterização socioeconômica e biofísica da América do Sul e Central

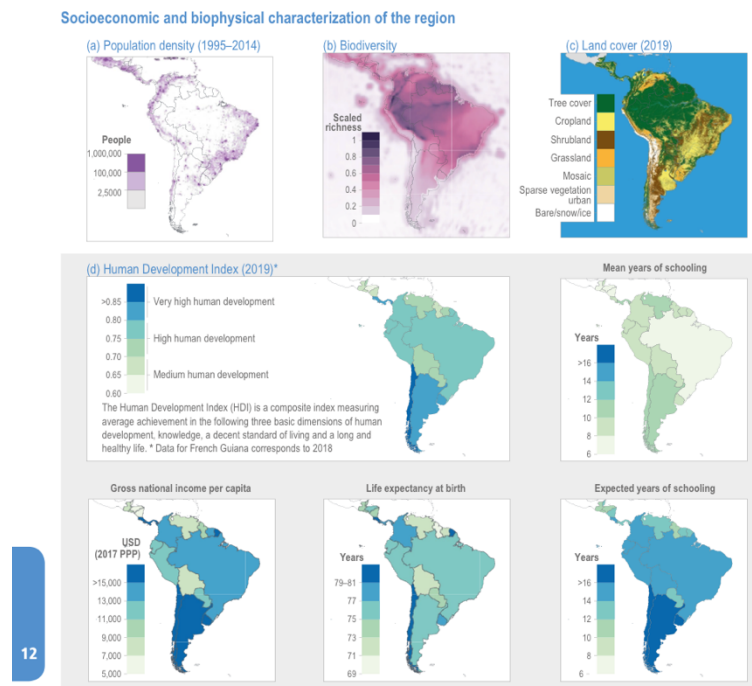


Figure 12.2 | Characterisation of the region. Population data from ISMIP (2021) after Klein Goldewijk, et al. (2017). Biodiversity expressed as marine and terrestrial species richness adapted from Gagne et al. (2020). Land cover data from ESA (2018). Human Development Index (HDI) and its components from UNDP (2020). HDI and components for French Guiana from Global Data Lab (2020).

Fonte: IPCC (2022, p. 1696)

Apesar da vulnerabilidade da região, que atinge todos os países de maneira geral, alguns têm sofrido mais intensamente os efeitos da crise climática e seus danos têm sido significativos. Por exemplo, em 2020, a América Central passou pela tempestade tropical Amanda, que reduziu drasticamente a produção agrícola de El Salvador; em 2021, a tempestade Laura, e meses depois a tempestade Grace, assolaram mais uma vez o Haiti, causando também grandes perdas na agricultura e na pecuária; Guatemala, Honduras e Nicarágua foram atingidos, em 2020, pelos furacões Eta e Iota que afetaram milhões de pessoas, danificaram milhares de hectares de plantações e destruíram milhares de cabeças de gado e outros animais. Os desastres ambientais, somados aos conflitos sociopolíticos existentes, fizeram com que um grande fluxo de população se deslocasse dessas regiões para os Estados Unidos (OPEN DEMOCRACY, 2021).

Segundo o relatório da OMM, o ano de 2020 foi um dos três anos mais quentes já registrados nas regiões do México, da América Central e do Caribe (WMO, 2022a). Assim como para a América do Sul, 2020 foi o segundo ano mais quente já registrado anteriormente, com temperaturas alcançando de 1°C, 0,8°C e 0,6°C acima da média. Devido ao aumento da temperatura média, as geleiras dos Andes têm recuado nas últimas décadas (OPEN DEMOCRACY, 2021).

As florestas na região também têm sido muito afetadas nas últimas décadas: além da seca e da mudança no padrão climático, o desmatamento continua avançando milhares de hectares todos os anos. No Brasil, por exemplo, cerca de 8.712 km² de floresta foram desmatados entre 2020 e 2021. A região da Amazônia tem presenciado as secas mais extremas dos últimos 60 anos, e o número de focos de incêndio superou a média em 2020. Além dos problemas na Amazônia, a seca generalizada em toda a região vem provocando grande impacto nas rotas de navegação interna, na produtividade das safras e na produção de alimentos, agravando a insegurança alimentar em muitos países (OPEN DEMOCRACY, 2021).

O relatório Alexandra Deprez (2010), intitulado “*Adapt or Flee: How to Face Environmental Migration*”, mostra que aproximadamente 900 mil pessoas no México já migraram de regiões áridas e semiáridas desde meados da década de 1990, devido à dificuldade de se manterem nessas regiões em função da seca extrema ou erosão do solo. O estudo também aponta que a região nordeste do Brasil, antes favorável a agricultura, devido à seca extrema passou por período de queda na colheita, que pressionou o movimento migratório para outras regiões, principalmente a região sul do país (DEPREZ, 2010; RENAUD *et al.*, 2007).

De acordo com o artigo do *Open Democracy* (2021), as mudanças nas temperaturas e as secas têm efeitos sobre os ecossistemas marinhos e litorais, prejudicando a população que deles dependem para sua sobrevivência, como os Estados insulares em desenvolvimento, devido à crescente acidificação dos oceanos, ao aumento do nível do mar e a intensidade de tempestades tropicais. Segundo Deprez (2010), um recente artigo da revista *Nature* fortalece a teoria de que a temperatura dos oceanos continua a aumentar devido ao aquecimento global e que isso tem provocado aumento da frequência e da força das tempestades que se formam nos oceanos. O artigo, segundo a autora, mostrou essa tendência principalmente na região do

Caribe, que tem sido extremamente afetada por furacões, e que as migrações têm sido usadas como estratégia de adaptação pela população das áreas afetadas.

Ainda segundo Deprez (2010), o aumento do nível do mar por efeito de mudanças climáticas tem sido identificado como uma das mais diretas e mais fortes causas para as migrações. Nas Ilhas do Pacífico, como Tuvalu, quase 30% da população já migrou para outras regiões, como Nova Zelândia. No entanto, quase sem cobertura midiática, várias Ilhas do Caribe estão também em risco de ser parcial ou completamente submergidas pelo aumento do nível do mar e, como nessas Ilhas praticamente a metade da população vive a menos de 1,5 km da costa, o impacto relativo tem o potencial de ser mais significativo. Apesar disso, a autora ressalta, a pesquisas sobre os impactos nessa Ilhas do Caribe ainda são muito esparsos e aquém da necessidade (DEPREZ, 2010).

Deprez (2010) também destaca que o derretimento das geleiras, que devido aos gases de efeito estufa na atmosfera estão ocorrendo em ritmo acelerado, é de extrema preocupação para a América do Sul por diversos motivos. Além de ser a geleira fonte de água para agricultura e consumo humano na região dos Andes, o seu derretimento aumenta a possibilidade de queimadas e altera o padrão das chuvas na região, aumentando o risco de alagamentos (BARNETT, 2009).

A autora ressalta um estudo recente que mostrou que as regiões andinas da Patagônia e Cuyo, que há apenas alguns anos atrás eram regiões de entrada de migrantes, agora estão presenciando fluxos de emigração relacionados ao temor pelos efeitos das mudanças climáticas na região (EACH-FOR, 2009). Segundo o estudo, a insegurança é principalmente em relação à possível escassez de água, o que pressiona ainda mais os setores mais pobres da sociedade, que já estão em situação de vulnerabilidade em função da privatização deste bem, fortalecendo o impulso às migrações na região (DEPREZ, 2010).

Os desastres naturais, potencializados pelas mudanças climáticas, têm aumentado sua recorrência nas últimas décadas e afetado desproporcionalmente a população mais pobre. Da década de 1980 aos anos 2000, os habitantes dos países em desenvolvimento foram 95% dos que perderam suas casas devido a desastres naturais no mundo (DEPREZ, 2010).

Diante disso, Deprez (2010) ressalta que essa desproporcionalidade no impacto dos desastres naturais nas regiões em desenvolvimento, em comparação com as regiões mais ricas, pode ter como uma de suas explicações a vulnerabilidade cada vez maior em que essa

parcela do globo vive. A autora argumenta que não somente essas regiões são mais vulneráveis a desastres devido a uma questão geográfica – geralmente se localizam na região dos trópicos –, como também sua capacidade de responder a esses desastres é menor devido a uma combinação de fatores políticos, econômicos e sociais. A baixa capacidade de resposta aos desastres naturais, além do custo humano, potencializa o efeito migratório, como o caso mais emblemático na região, o Haiti (DEPREZ, 2010).

Para ilustrar como os aspectos multidimensionais das migrações são base para entender os efeitos climáticos para os fluxos migratórios na América Latina, pode-se tomar como referência do caso do Haiti. O país possui um contexto histórico e social que pode ser ampliado, de certa forma, para a região como um todo, e pode ser parâmetro para a compreensão do processo de forma ampla e de se vislumbrar soluções.

Assim como outros países da região, o Haiti tem uma longa trajetória de migração de sua população em busca de melhores condições de vida. As dificuldades para o desenvolvimento econômico, a elevada taxa de desigualdade social e a instabilidade política têm gerado fluxos migratórios de sua população há muitas décadas, mas os eventos climáticos extremos dos últimos anos têm contribuído para o aumento desses fluxos (YATES, 2021).

De acordo com Sighn e Cohen (2014), em estudo publicado pela OXFAM, o clima do Haiti tem mudado severamente nas últimas décadas, a média da temperatura tem aumentado e estação das chuvas tem começado cada vez mais tarde. As variações climáticas têm causado mais seca e deixado o país mais vulnerável em termos ambientais, pois fragilizam a capacidade de resistência de solos e encostas aos temporais e furacões. A vulnerabilidade também se manifesta em termos econômicos, uma vez que atinge diretamente a capacidade de agricultura do país. Devido à sua estrutura política, econômica e social, os efeitos climáticos são mais devastadores ainda, pois o país não possui condições suficientes para evitar e para mitigar as suas consequências.

Estudos recentes indicam que as migrações por razões ambientais vão atingir mais intensamente regiões de países em desenvolvimento. De acordo com o *Refugee Study Center*, a maior parte da migração climática tende a acontecer em regiões ou países onde outros fatores pré-existent contribuem para pressionar a população local. A governança ineficiente, a perseguição política, a pobreza e as pressões econômicas estão entre os fatores não ligados diretamente às mudanças climáticas, mas que contribuem para aumentar a situação de

vulnerabilidade da comunidade e, portanto, pode induzir à migração. Segundo o relatório, os efeitos climáticos, de maneira isolada, têm menor capacidade de induzir migrações em locais onde esses fatores são menores e o governo é eficiente nas respostas às necessidades geradas pelas mudanças climáticas (DEPREZ, 2010).

Segundo Deprez (2010), a distribuição geográfica desigual das terras na América Latina teve início com o sistema capitalista de exploração da região durante o século XIX, cujos efeitos são hoje elencados entre as causas da degradação do meio ambiente na região e, por consequência, do deslocamento dos povos locais. A autora destaca o artigo “*Roots of Flight: Environmental Refugees in Latin America*” (GOSINE, 1996), cujo autor explica o processo de concentração fundiária e deslocamentos de populações indígenas para regiões menos ricas e mais marginalizadas desde a chegada dos europeus na região, iniciando a distribuição geográfica desigual presente em muitas regiões até hoje (DEPREZ, 2010).

O relatório do IPCC (2022) chama a atenção para o fato de que as migrações e os deslocamentos são fenômenos multicausais e que o clima está contribuindo para exacerbar os aspectos políticos, sociais, econômicos e ambientais da região, deixando essa população extremamente vulnerável. No entanto, segundo o IPCC (2022), apesar de existirem inúmeros estudos sobre as mudanças climáticas na região, não existem ainda dados concretos e suficientes para conhecimento e monitoramento específico dos efeitos das mudanças climáticas nas migrações e deslocamentos de forma ampla e completa. O relatório também destaca que Peru, Colômbia e Guatemala estão entre os países com a maior taxa de deslocados causados por variações hidro meteorológicas; e o Brasil teve 295 mil pessoas deslocadas em função de desastres em 2019 (IPCC, 2022).

Apesar de o foco de atenção para esses efeitos ter sido mais frequentemente o sudeste asiático e a África ocidental, a região da América Latina, além de já estar passando por processos ambientais e eventos climáticos, que estão sendo acelerados devido à ação antropogênica, reúne esse conjunto de fatores pré-existentes que aumenta a vulnerabilidade aos efeitos climáticos e, portanto, a potencial migração. Dessa forma, a região, se não passar a ser alvo de atenção e políticas necessárias, pode se tornar um futuro “*hot spot*” para as migrações climáticas nas próximas décadas (DEPREZ, 2010).

Apesar das inúmeras previsões, o próprio relatório do IPCC (2022) ressalta que as projeções quantitativas são altamente factíveis de mudanças, principalmente em função da

complexidade e da natureza multidimensional de ambos os fenômenos, tanto das migrações, quanto das mudanças climáticas, e da variabilidade dos fatores envolvidos. Por essa razão, conforme o objetivo dessa pesquisa, é necessário compreender como e de que maneira os efeitos climáticos podem atuar sobre as migrações.

Segundo o relatório “*Migration and global environmental change*” (GO-Science, 2011), apesar de existirem muitos relatórios que apontam grandes projeções para migrações ocasionadas por mudanças climáticas, as estimativas podem mudar significativamente para mais ou para menos. Isto porque, segundo o relatório, algumas previsões assumem uma visão determinística de que as pessoas em lugares de risco climático se deslocariam, sem considerar outros fatores envolvidos.

A deterministic approach that assumes that all or a proportion of people living in an ‘at-risk’ zone in a low-income country will migrate neglects the pivotal role that humans take in dealing with environmental change, and also ignores other constraining factors which influence migration outcomes. This is not to say that the interaction of migration and global environmental change is not important: global environmental change does have real impacts on migration, but in more complex ways than previous cause-effect hypotheses have indicated. (GO-Science, 2011).

Pelo exposto, percebe-se muitos aspectos e lacunas ainda em aberto quando se trata das pesquisas em relação às migrações e às mudanças climáticas na América Latina. De acordo com o que se propõe nessa pesquisa, essas lacunas existem pela falta de estudos suficientes que façam a correlação entre os aspectos multidimensionais que envolvem as migrações e sua relação com as mudanças do clima. Sem essa análise, tanto os estudos quanto as projeções podem ser incompletas e, portanto, pouco eficientes para lidar com a questão.

5 UM MAPEAMENTO A PARTIR DOS ASPECTOS MULTIDIMENSIONAIS DAS MIGRAÇÕES PARA COMPREENSÃO DOS EFEITOS DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NAS MIGRAÇÕES NA AMÉRICA LATINA

De acordo com o último relatório do IPCC (2022), o cenário dos próximos anos serão altamente variáveis e serão mais ou menos impactantes dependendo das políticas adotadas para adaptação e mitigação, nos âmbitos locais, nacionais e regionais. O relatório ressalta ainda que é o nível de vulnerabilidade que determina como os impactos das mudanças

climáticas serão vivenciados pelas sociedades e comunidades. Dessa forma os impactos das mudanças climáticas nas migrações estão relacionados ao contexto específico de cada país ou região e às suas condições sociais, políticas, geopolíticas e econômicas, entre outros aspectos que neste trabalho foram denominados como aspectos multidimensionais que estão relacionados com as migrações.

De acordo com o IPCC (2022):

Vulnerability to climate change is a multi-dimensional, dynamic phenomenon shaped by intersecting historical and contemporary political, economic and cultural processes of marginalization (high confidence). Societies with high levels of inequity are less resilient to climate change (high confidence). (IPCC, 2022).

Logo, quando se volta o olhar para a América Latina, objeto dessa pesquisa, região que possui aspectos sociais, econômicos e culturais, além de outros ressaltados ao longo do trabalho, envolvidos das dinâmicas das migrações, como identificar os migrantes climáticos? Quem seriam esses migrantes? Eles seriam migrantes climáticos se não houvesse todos os outros aspectos envolvidos? Seriam migrantes climáticos em situação de menor vulnerabilidade? Seria possível isolar os aspectos climáticos para lidar com esses deslocamentos, como tem feito a maioria das políticas adotadas? Se não há possibilidade de desassociar as migrações climáticas dos outros aspectos envolvendo as migrações, como então lidar com uma das maiores questões do mundo na atualidade que envolve dois campos tão complexos – migrações e mudanças climáticas –, e ao mesmo tempo tão urgentes?

Esta pesquisa não pretende responder essas perguntas, mas apontar que existem todas essas questões envolvidas quando se fala em migração climática e, portanto, para lidar com esse fenômeno é necessário buscar compreendê-las. Sem essa compreensão ampla não é possível tomar as medidas necessárias para proteger as pessoas em situação de vulnerabilidade aumentada pelas mudanças climáticas.

Para os autores do relatório intitulado “*Beyond Panic? Exploring climate mobilities*” (GIACOMELLI *et al.*, 2022), é necessário analisar as migrações relacionadas às mudanças climáticas em regiões vulneráveis, como a América Latina, não apenas como resultado de desastres naturais invisibilizando aspectos fundamentais, mas sim considerando as responsabilidades sociopolíticas e as desigualdades globais envolvidas. Giacomelli *et al.* (2022) consideram os impactos do colonialismo e da exploração tanto para mobilidade das pessoas como para os lugares, e que a capacidade de adaptação das sociedades é desigual, e

mediada por aspectos interseccionais como etnia, gênero, classe, raça etc. Por essa razão que, segundo os autores, classificar separadamente migrantes climáticos de migrantes não climáticos é complexo e de difícil execução, pela quantidade de aspectos envolvidos na decisão de migrar relacionado ao clima e pelo motivo de que ainda há insuficientes pesquisas nesse sentido, com estudos empíricos e modelos robustos para categorizar esses movimentos. Giacomelli *et al.* (2022) ainda destacam que o próprio IPCC não admite o uso do termo “refugiado climático” por ser problemático para uma questão tão complexa. Segundo os autores:

Following a review of published studies on the subject, the IPCC concludes, on the basis of the complex multicausal nature of migration, that “It is difficult to categorize any individual as a climate migrant” and that “there is widespread agreement in the scientific and legal literature that the use of the term climate refugee is scientifically and legally problematic” (2014, p. 771). (GIACOMELLI et al., 2022, p. 13).

O relatório também destaca os desafios e as dificuldades para identificar o papel das mudanças climáticas nas migrações, devido aos fatores preexistentes. Pela mesma razão, é mais difícil identificar as influências dos eventos climáticos de curto prazo do que de longo prazo, e mesmo nesse último caso as informações são limitadas e, portanto, apenas estimativas. Além disso, afirmam os autores, eles desconsideram outros padrões migratórios, sua duração e seus aspectos regionais e que, portanto, deixa muitas marcas para erro. Apesar disso, o relatório ressalta que é inegável que a crise climática tem influenciado a mobilidade humana, e seus impactos são crescentes e a falta de informações objetivas tem prejudicado solução dos problemas envolvidos e o tratamento de maneira errônea. O relatório destaca a cada vez mais crescente securitização das migrações e principalmente essas ditas “climáticas”, bem como o aumento da militarização das fronteiras (GIACOMELLI *et al.*, 2022). Segundo os autores, “*recent market research reports project the compound annual growth rate for this global border security market to be between 7.2 and 8.6 % (65 to 68 million US dollars) in 2025*” (GIACOMELLI *et al.*, 2022).

Por essa razão, afirmam (GIACOMELLI *et al.*, 2022), é necessária uma análise ampla e completa dos movimentos migratórios que sofrem influência dos câmbios climáticos, considerando multidimensionais envolvidos, mapeando quem são os migrantes e fazendo os devidos cortes necessários, principalmente geográficos. O próprio relatório usa algumas regiões como exemplo desse estudo aprofundado que leva em consideração a estrutura política, social, econômica, geográfica, entre tantos outros aspectos que envolve os motivos

que levam a população a migrar daquelas regiões, por vontade própria ou não, ou a ficar, por escolha ou incapacidade de sair (GIACOMELLI *et al.*, 2022). O que parece ser um estudo mais aprofundado com capacidade de guiar políticas nacionais e regionais para lidar com essa migração, seja ela interna, dentro dos países ou as que cruzam as fronteiras.

No caso da América Latina, alguns estudos apontam estimativas futuras tanto para os movimentos migratórios quanto para as mudanças climáticas na região, e alguns desses ressaltam o risco para essa “migração climática”. A essa altura é bastante certo que os efeitos das mudanças do clima serão sentidos em diversas esferas, inclusive nas migrações e que algumas regiões chamam a atenção pelo nível de vulnerabilidade que representa diante desses efeitos. Já é de conhecimento, além de objeto de análise de muitas pesquisas, que as regiões na América Latina mais vulneráveis às mudanças climáticas, que afetariam as migrações, são a região do chamado “Corredor Seco”, América Central, países do Caribe, como Haiti, e o Nordeste do Brasil. No entanto, o pouco conhecimento produzido é feito em estimativas, como as mencionadas aqui anteriormente, sem a devida conexão com outros aspectos que envolvem as migrações para se possa compreender cada caso especificamente. Segundo o IPCC (2014):

According to the Working Group II contribution to the IPCC Sixth Assessment Report, changes in climate and extreme events have severely affected the LAC region. The Andes, north-east Brazil and the northern countries in Central America are among the regions most sensitive to climatic-related migrations and displacements, a phenomenon that has increased in the last eight years, compared with the situation described in the IPCC Fifth Assessment Report (2014). Although the drivers and outcomes are highly context-specific, climate-related migration is expected to increase on small islands, including in the Caribbean region. (IPCC, 2014).

Em termos regionais, o Haiti é um dos casos mais emblemáticos. Já se sabe há algumas décadas, devido às catástrofes pelas quais já passaram, que o país é extremamente vulnerável às mudanças climáticas (WORLD BANK, 2022). O país tem passado por eventos nas últimas décadas que tem gerado milhares de migrações. As pesquisas relacionadas ao tema e principalmente as notícias da grande mídia tem amplamente publicado a respeito da situação dos migrantes gerados devido as catástrofes climáticas, principalmente a partir de 2010 (MURRAY, 2021). Quando se busca analisar de forma mais ampla a migração Haitiana na região, na maioria das vezes ela é relacionada a segurança, principalmente nos EUA. Um exemplo é o artigo de Murray (2021), “*US Response to Haitian climate ‘refugees’*”, que

analisa a questão dando ênfase na segurança e problemas relacionados à questão da chegada dos haitianos “migrantes climáticos” que se dirigem aos Estados Unidos.

Segundo o autor:

On 7 Oct, 2021, the Caribbean country, Haiti, was hit by a 7.2 magnitude earthquake. The earthquake affected 800,000 people and 650,000 of those people needed emergency humanitarian assistance according, to the UN System in Haiti. This natural disaster, coupled with political instability, caused a mass emigration of people from Haiti to South and Latin American, in search for refuge and political stability. Many of these migrants made their way to the Mexico-Texas border, where they were met with violence and discrimination from US Border Control, and many of the migrants that were seeking political and climate refuge were turned away from the salvation of the United States. Instead, they were sent back to different countries in Latin America. Not only does this highlight a moral flaw within the United States' border management and control but it also shows the different treatment that climate 'refugees' are receiving from the United States compared to political violence refugees from countries such as Afghanistan. (MURRAY, 2021).

A atenção que tem sido dada aos migrantes climáticos haitianos pode ser analisada como tudo, menos como atenção ao grupo mais interessado, que são os próprios haitianos. Não se faz, na proporção que o caso exige, uma análise pormenorizada da relação da pobreza e de vulnerabilidades preexistentes no país e que estão sendo potencializadas pelas mudanças climáticas de longo prazo e eventos climáticos imediatos. Não é feito, como se deveria, as devidas conexões entre os séculos de exploração do país e da região para que se possa desenhar os fatores envolvidos na busca da população haitiana por melhores condições de vida em outros países. Não se faz um mapeamento dos grupos mais e menos afetados, quem os compõem, quais os motivos, para onde vão, porque vão etc. Não se fala de ações de mitigação e adaptação para que os migrantes climáticos haitianos possam ter a escolha de se deslocarem ou não. Algumas das iniciativas implementadas, por exemplo as no âmbito da ONU, se mostraram ineficientes para soluções de longo prazo, além da vulnerabilidade da população diante do programa, vítimas de abuso, inclusive físicos e sexuais, em alguns casos (LEE; BARTELS, 2019). Ou seja, em vez de propor alternativas para ajudar a população a lidar com os aspectos que levam a população a emigrar do país, criam novas.

The UN Stabilisation Mission in Haiti (MINUSTAH) – the longest running mission by the organisation in the country (2004-2017) – was originally mandated to assist local Haitian institutions in a context of political instability and organised crime. Its mandate was then extended due to natural disasters, most notably an earthquake in 2010 and Hurricane Matthew in 2016, both of which added to the volatility of the political situation in the country. After 13 years of operation, MINUSTAH closed in October 2017, transitioning to the smaller UN Mission for Justice Support in Haiti (MINUJUSTH). MINUSTAH is one of the most controversial UN missions ever. It has been the focus of extensive allegations of sexual

exploitation and abuse. A shocking number of uniformed and non-uniformed peacekeeping personnel have been linked to human rights abuses including sexual exploitation, rape, and even unlawful deaths. (LEE; BARTELS, 2019).

O corredor seco é a região da América Central que se estende desde o sul do México, na região de Chiapas, até Guanacaste na Costa Rica. Segundo a ONU HABITAT, é umas das regiões mais vulneráveis as mudanças climáticas na região. A fragilidade socioeconômica da população gerada por séculos de exploração, violência das gangues e localização geográfica tem exposto as comunidades a danos que tem sido potencializado pelas mudanças climáticas. A ONU HABITAT ressalta que a região tem sido origem da maioria dos migrantes que se dirigem a America do Norte todos os anos:

A majority of migrants come to the U.S. southern border from Central America's Dry Corridor (CADC), the economic backbone of the region, comprising approximately 30 percent of Central America. The CADC is the most densely populated area of the region and home to a number of Indigenous groups. It is also a region with another type of convergence – one where extreme climatic events like prolonged droughts, a coffee rust outbreak, and climate-induced disasters have seriously exacerbated social, economic, environmental and political vulnerabilities. (FEMIA; WERREL, 2021).

Em estudo realizado por Lustgarten e Kohut (2020), publicado na revista *New York Times Magazine*, são analisados os denominados “hot spots” do mundo, que são regiões que estão sofrendo extremamente com as mudanças climáticas e estão impulsionando a migração regional, e que os cenários futuros, caso nada seja feito, são devastadores (LUSTGARTEN; KOHUT, 2020). O artigo destaca a região da América Central como um desse locais e a gravidade da situação para população local. Os autores usam como exemplo a região da Guatemala, que tem sofrido com grande seca nos últimos anos o que está causando a perda da fonte de renda de milhares de famílias que vivem de plantação, especialmente de milho. Os pesquisadores se dirigem a Guatemala para conhecer algumas dessas famílias extremamente afetadas e com grande potencial de se tornarem migrantes climáticos. A pesquisa levou em consideração outros aspectos que levam a decisão de migrar além das mudanças climáticas e ressalta que, com os dados levantados, da parcela dos migrantes apenas aproximadamente 5% eram relacionados apenas as questões climáticas (LUSTGARTEN; KOHUT, 2020).

Segundo Lustgarten e Kohut (2020):

We focused on changes in Central America and used climate and economic-development data to examine a range of scenarios. Our model projects that migration will rise every year regardless of climate, but that the amount of

migration increases substantially as the climate changes. In the most extreme climate scenarios, more than 30 million migrants would head toward the U.S. border over the course of the next 30 years. Migrants move for many reasons, of course. The model helps us see which migrants are driven primarily by climate, finding that they would make up as much as 5 percent of the total. (LUSTGARTEN; KOHUT, 2020).

O artigo destaca que as projeções para as migrações da região para a América do Norte, principalmente é alta, caso nada seja feito. O que já é uma crise humanitária pode se tornar ainda pior (LUSTGARTEN; KOHUT, 2020). No entanto, novamente, a maioria das pesquisas e notícias relacionadas a essa migração se concentra no tema de segurança das fronteiras, principalmente do México com os EUA. Enquanto isso, milhares de pessoas morrem ou passam dificuldades extremas na migração da América Central para a América do Norte (DEBUSSMAN JR, 2022).

Quando olhamos no sentido micro, local, o caso do nordeste brasileiro é emblemático. Estudos ressaltam que o aumento da temperatura tem prejudicado, com tendência de piora nas próximas décadas, a fonte de subsistência o abastecimento de água e a segurança alimentar. No entanto, as próprias pesquisas sobre o assunto têm ressaltado que a situação de vulnerabilidade agravada pelos efeitos das mudanças climáticas tem ligação com questões históricas e estruturais que caracterizam a região. No artigo “Vulnerabilidade à seca e (i)mobilidade no Nordeste brasileiro: partir ou resistir?”, Correia e Barbieri (2019) destacam o processo injusto de colonização, distribuição de terras, e urbanização acelerada e políticas de governo que caracterizam a região e a deixam em situação vulnerável agravada pelas mudanças climáticas.

No Nordeste brasileiro viviam em 2010 cerca de 53 milhões de habitantes, o equivalente a 27,8% da população brasileira (IBGE, 2010). Essa região é marcada por seu processo histórico de injustiças sociais desde sua colonização, com a distribuição da terra de forma desigual. As estiagens severas e prolongadas, que tendem a se agravar com as mudanças climáticas, elevam as desigualdades na região que já são superiores as demais do país. O Nordeste tem experimentado ao longo das últimas décadas um processo de urbanização¹ mais acelerado em relação às demais regiões do país, embora ainda seja a região que menos concentre população na zona urbana (73%). Nela está a maior parte dos municípios do semiárido, que apresentam índices pluviométricos abaixo de 800 mm e precipitação praticamente três vezes superior a isso (OJIMA, 2015). (CORREIA; BARBIERI, 2019).

Nessa região, movimentos migratórios são usados como estratégia para garantir fonte de renda diante dessa situação de extrema vulnerabilidade. Correia e Barbieri (2019) também

ressaltam algumas características desses movimentos relacionados a outros aspectos das migrações, como gênero e distância, por exemplo, que moldam esses padrões migratórios.

Como dito anteriormente, a previsão é que, nas próximas décadas, milhões de pessoas sejam ainda mais expostas aos impactos das mudanças climáticas de longo prazo e catástrofes imediatas. Esse contexto gerará grande insegurança alimentar, de renda, de fornecimento de água, perda de saúde e de crescimento econômico para uma parcela da população mundial (IPCC, 2022). A saída para a situação dessa vulnerabilidade extrema poderá ser por meio da migração. Esse grupo poderá recorrer à migração como adaptação ou não, isso em função dos aspectos multidimensionais das migrações, altamente dependente do contexto inserido, variando de acordo com a dinâmica política, demográfica, social, econômica entre outros. A combinação desses elementos vai determinar as migrações como resposta aos desafios causados pelas mudanças climáticas.

Logo, não se pode isolar somente o fator climático, pois não é possível confirmar a motivação direta da mudança climática para os deslocamentos da região, pois vários aspectos multidimensionais relacionados às migrações estão presentes no caso. Haveria essa migração devido aos efeitos do clima se as condições sociais, políticas e econômicas tivessem outra configuração? Seria esse o volume de deslocados se não existisse o nível de degradação ambiental que impelisse a população local a buscar outras fontes de renda? Se o processo de urbanização conseguisse se estruturar de forma mais organizada, os deslocados estariam em condições menos vulneráveis? A população foi consultada sobre seu interesse em permanecer ou se deslocar? Mesmo existindo todos esses fatores de expulsão, seriam políticas públicas mais eficientes capazes de aumentar a capacidade regional de mitigação e reduzir a vulnerabilidade da população local?

Muitas outras perguntas poderiam ser feitas tratando de todos os aspectos envolvendo migração de maneira geral e da combinação destes com as características locais. A questão é que, diante de quadro de extrema vulnerabilidade, o isolamento e a análise detalhada dos aspectos envolvidos não têm sido feitos. Os migrantes climáticos têm sido tratados baseados em números objetivos e estimativas incertas quando o fenômeno é caracterizado por deslocamento de pessoas, de direitos humanos e, portanto, extremamente subjetivo e condicionado. Fazer o desenho das migrações climáticas na América Latina, e como elas vão

se comportar nas próximas décadas, é imprescindível para ser parâmetro para as políticas de adaptação que são no momento mais do que necessárias.

No artigo “*Maps in the media make us more negative about migrants*”, Vermeulen, De Kortel e Van Houtum (2020) destacam que os mapas, seja em mapas ou textos, como conhecemos hoje, sempre representam uma visão específica de determinado ponto de vista. Dessa forma, os mapas não podem ser considerados neutros, pois eles mostram aquilo e do jeito que seus autores pretendem, ou seja, um modelo de mundo, uma representação da realidade proposta por quem os estão criando. O mesmo pode ser visto na criação politizada de muitos mapas relacionados as migrações. Para Vermeulen, De Cortel e Van Houtum (2020), essas simplificações devem ser vistas com atenção por aqueles que as estão lendo, pois retratam escolhas morais de seus autores no lugar de verdade objetiva das informações.

Dessa forma, o mapeamento necessário para retratar as migrações podem ser considerados representações de decisões políticas, econômicas, demográficas etc., do que se pretende mostrar ou analisar. Mas, também daquilo que se pretende não mostrar. Retratar os migrantes climáticos na América Latina, fazendo uma generalização e desconsiderando aspectos fundamentais envolvidos, assim como dar ênfase em apenas uma ou algumas versões dos fatos, é uma escolha do que e como se quer mostrar esse processo. Ao enfatizar, por exemplo, a questão de segurança de fronteiras quando se produz um mapeamento dos migrantes da América Central para os EUA, afirma-se que é de interesse securitizar a questão e, conseqüentemente, pode legitimar políticas.

Conforme analisado por essa pesquisa, a América Latina é uma região que deve ser observada com atenção quando se trata das mudanças climáticas e a migração na região, e a chave de análise para entender esse processo é através do olhar dos aspectos multidimensionais das migrações e sua dinâmica com as mudanças climáticas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender de que maneira as mudanças climáticas afetarão a mobilidade humana nas próximas décadas é uma das grandes questões que estudiosos, governos e organizações têm buscado nos últimos anos. Com os dados mais recentemente divulgados das alterações no

clima, bem como as projeções preocupantes, esse processo tem ganhado importância, e muitas incertezas em relação à questão tem sido apresentadas.

Como exposto nesta dissertação, e com base nas fontes acessadas, percebe-se que as pesquisas envolvendo migrações e mudanças climáticas possuem muitos desafios devido às muitas variáveis que envolvem ambos os fenômenos, mas principalmente devido aos inúmeros e complexos aspectos multidimensionais relacionados às migrações. Da perspectiva das mudanças climáticas, existem ainda dados incertos e que podem sofrer alterações, o que comprometeria as projeções divulgadas, devido tanto à própria instabilidade climática, quanto das políticas e das tecnologias que serão adotadas pelos governantes para a questão.

Da perspectiva das migrações, outras incertezas existem, pois o comportamento humano pode ser ainda mais impreciso. O número de deslocados será direta ou indiretamente influenciado tanto pela capacidade das políticas para adaptação e mitigação dos efeitos do clima, quanto por outros aspectos multidimensionais que influenciam a decisão de migrar, como interesses individuais, exposição à vulnerabilidade, oportunidade de trabalho, relações sociais, desenvolvimento econômico da origem e do destino etc. Logo, analisar as migrações isoladamente, isto é, apenas na perspectiva do clima, é complexo e muitas vezes impossível.

A região da América Latina figura entre as regiões do mundo cujas populações serão significativamente afetadas pelas mudanças climáticas e que por isso possuem projeções alarmantes quanto aos possíveis deslocados climáticos. No entanto, a região também é formada por uma estrutura social, econômica e política que criam condições que afetam diretamente nos aspectos multidimensionais determinantes para os movimentos migratórios. Dessa forma, fazer a análise da interrelação entre mudanças climáticas e migrações na região não é uma tarefa simples. Tal análise tem sido feita com muitas lacunas a serem preenchidas, principalmente no que tange à importância dos aspectos multidimensionais das migrações nesse processo.

o desenvolvimento da pesquisa possibilitou a identificação de que ao analisar a interconexão entre as mudanças climáticas e as migrações, verifica-se que os efeitos das mudanças climáticas podem atuar como um amplificador dos aspectos multidimensionais preexistentes das migrações. Padrões migratórios caracterizados pelos aspectos multidimensionais das migrações já estão sendo influenciados pelos efeitos das mudanças do

clima. Da mesma forma que esses mesmos padrões são decisivos para determinar o comportamento das populações diante das consequências das mudanças climáticas.

As fontes mobilizadas no processo de pesquisa apontaram que os efeitos das mudanças climáticas podem impactar de inúmeras maneiras os diferentes aspectos multidimensionais que envolvem as migrações, e por isso a necessidade de pesquisas mais abrangentes para compreender esse processo. Por esse motivo a pesquisa constatou a complexa interconexão entre mudanças climáticas e migrações, a qual não pode mais ser negligenciada pelos pesquisadores e pelas autoridades que buscam compreender ou lidar com os efeitos das mudança climática para os deslocamentos populacionais.

Quando se trata da América Latina especificamente, a pesquisa também apontou que ao se analisar como as mudanças climáticas vão afetar os deslocamentos populacionais na região verifica-se que essa relação entre os dois fenômenos é complexa e tem tido consequências significativas, com projeção de aumento, devido ao contexto sociopolítico e econômico da região, assim como a outros aspectos multidimensionais relacionados as migrações. Apesar disso, ainda são insuficientes as pesquisas sobre o tema direcionadas para a região, e portanto, ainda existem muitas variáveis sem as devidas considerações e observações para que seja possível a compreensão da dinâmica entre mudanças climáticas e deslocamento populacional na região.

Como destacado pela própria ONU no ultimo relatório do IPCC (2022), a região da América Central e do Sul está altamente exposta, vulnerável e será fortemente impactada pelas mudanças climáticas nas próximas décadas. E por isso um estudo aprofundado que identifique os impactos e possibilite tratar com a devida necessidade e complexidade que esse processo exige é extremamente necessário.

Por esta razão que essa dissertação analisou a necessidade de um mapeamento que permita compreender como se darão os fluxos migratórios em relação às mudanças climáticas na região da América Latina, e que este, por esse um fenômeno de alta complexidade, precisa ser analisado de forma ampla, que compreenda seus diversos aspectos multidimensionais e particularidades específicas da região.

REFERÊNCIAS

ABAZOV, Rafis. Globalization of Migration: What the Modern World Can Learn from Nomadic Cultures. **UN Chronicle**, v. 50, n. 3, pp. 37-39, 2013. Disponível em: <https://www.un.org/en/chronicle/article/globalization-migration-what-modern-world-can-learn-nomadic-cultures>. Acesso em: 21 out. 2022.

ACNUR – AGÊNCIA DA ONU PARA REFUGIADOS. Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados. **ACNUR**, [S.l.], 28 mai. 2008. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/convencao-de-1951/>. Acesso em: 20 mai. 2022.

ACNUR – AGÊNCIA DA ONU PARA REFUGIADOS. Dados sobre Refúgio: Perguntas e respostas. **ACNUR**, [S.l.], 29 jan. 2012. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/perguntas-e-respostas/>. Acesso em: 20 out. 2022.

ACNUR – AGÊNCIA DA ONU PARA REFUGIADOS. Solicitantes de asilo. **ACNUR**, [S.l.], 07 jun. 2018. Disponível em: <https://www.acnur.org/solicitantes-de-asilo.html>. Acesso em: 20 out. 2022.

BARBIERI, Alisson Flávio. Mudanças climáticas, mobilidade populacional e cenários de vulnerabilidade para o Brasil. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 19, n. 36, 2011.

BÁRCENA, Alicia *et al.* **La emergencia del cambio climático en América Latina y el Caribe: ¿Seguimos esperando la catástrofe o pasamos a la acción?**. Santiago: CEPAL, 2020. Disponível em: https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/45677/1/S1900711_es.pdf. Acesso em: 05 abr. 2023.

BARNETT, Anna. Interview: Lonnie Thompson. **Nature Climate Change**, v. 1, n. 908, p. 97-97, 2009.

BERMEO, Sarah; SPECK, Mary. How Climate Change Catalyzes More Migration in Central America. **United States Institute of Peace**, [S.l.], 21 Sep. 2022. Disponível em: <https://www.usip.org/publications/2022/09/how-climate-change-catalyzes-more-migration-central-america>. Acesso em: 05 abr. 2023.

BHAGWATI, Jagdish N. Borders beyond Control. **Foreign Affairs**, v. 82, n. 1, pp. 98-104, 2003. Disponível em: <https://academiccommons.columbia.edu/doi/10.7916/D8BV7SG6>. Acesso em: 30 mai. 2022.

BOURDIEU, Pierre. Um analista do inconsciente. *In*: SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Decreto nº592, de 6 de julho de 1992. Dispõe sobre Atos Internacionais. Pacto Internacional sobre Direitos Cíveis e Políticos. Promulgação. **Diário Oficial da União**, Brasília-DF, 07 jul. 1992.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d0592.htm. Acesso em: 18 jun. 2022.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. Great Migration. **Encyclopedia Britannica**, [S.l.], 13 Sep. 2022. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Great-Migration>. Acesso em: 20 out. 2022.

BURROWS, Kate; KINNEY, Patrick L. Exploring the climate change, migration and conflict nexus. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 13, n. 4, 2016.

BURZYŃSKIA, Michał *et al.* **Climate Change, Inequality, and Human Migration**. Bonn: IZA Institute of Labor Economics, 2019. Disponível em: <https://docs.iza.org/dp12623.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2023.

CABLE, Vince. The Tory fallacy: that migrants are taking British jobs and driving down wages. **The Guardian**, [S.l.], 08 Sep. 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2017/sep/08/tory-fallacy-migrants-british-jobs-wages-brexite>. Acessado em: 15 de jun. 2022.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA NO PARLAMENTO DO MERCOSUL: PACTO ANDINO. **Câmara dos Deputados**, [S.d]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms/historico/blocoeconomicos.html/pactoandino.html>. Acesso em: 20 out. 2022.

CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C.C.; LOBATO, Roberto (Orgs.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro, Brasil: Bertrand Brasil, 1997.

CATTANEO *et al.* **Human Migration in the Era of Climate Change**. European Institute on Economics and the Environment (EIEE), 2019. Disponível em: https://media.rff.org/documents/WP_19-13.pdf. Acesso em: 05 abr. 2023.

CHIN-YEE, Simon. Climate change and human security: case studies linking vulnerable populations to increased security risks in the face of the global climate challenge. **King's College London: EUCERS Strategy Paper**, pp. 2-31, 2019.

CLARO, Carolina de Abreu Batista. **Refugiados Ambientais: mudanças climáticas, migrações internacionais e governança global**. 2012. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11970/1/2012_CarolinadeAbreuBatistaClaro.pdf. Acesso em: 10 jun. 2022.

CLEMENT, Viviane *et al.* **Groundswell Part 2: Acting on Internal Climate Migration**. Washington, D.C.: World Bank, 2021. Disponível em <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/36248>. Acesso em: 15 jun. 2022.

CLIMATE DIPLOMACY. Extreme weather events displace more people than all the world's conflicts. **Climate Diplomacy**, [s.d.]. Disponível em: <https://climate-diplomacy.org/exhibition/migration>. Acesso em: 20 out. 2022.

COMISSÃO EUROPEIA. **Europa sem fronteiras**: o Espaço Schengen. 2020. Disponível em: https://ec.europa.eu/home-affairs/sites/default/files/e-library/docs/schengen_brochure/schengen_brochure_dr3111126_pt.pdf. Acesso em: 25 mai. 2022.

CORREIA, Isac Alves; BARBIERI, Alisson Flávio. Vulnerabilidade à seca e (i)mobilidade no Nordeste brasileiro: partir ou resistir?. **Sustainability in Debate**, v. 10, n. 2, pp. 125-141, 2019.

DANIELS, Joe Parkin; PHILLIPS, Tom. How thousands of Haitian migrants ended up at the Texas border. **The Guardian**, [S.l.], 18 Sep. 2021. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/2021/sep/18/haiti-migrants-us-texas-violence>. Acesso em: 05 abr. 2023.

DEBUSMANN JR, Bernd. 'Estamos desesperados': a cidade na fronteira dos EUA abarrotada de imigrantes a espera de mudanças na lei. **BBC News**, El Paso (Texas), 26 dez. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-64075182>. Acesso em: 05 abr. 2023.

DEPREZ, Alexandra. Climate Migration in Latin America: A Future 'Flood of Refugees' to the North? **Council of Hemispheric Affairs**, [S.l.], 22 Feb. 2010. Disponível em: <https://www.coha.org/climate-migration-in-latin-america-part-1/>. Acesso em: 12 out. 2022.

DIRKS, Gerald E. Immigration Policy in Canada. **The Canadian Encyclopedia**, [S.l.], 07 Jan. 2006. Disponível em: <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/immigration-policy>. Acesso em: 20 out. 2022.

DORAN, Amanda A. Where Should Haitians Go – Why Environmental Refugees are up the Creek without a Paddle. **Villanova Environmental Law Journal**, v. 22, n. 1, 2011.

DUNCAN, Howard. Immigration Policy as Foreign Policy. **Uluslararası İlişkiler**, v. 17, n. 68, pp. 5-20, 2020. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26980733?seq=1>. Acesso em: 12 jun. 2022.

EACH-FOR. **Environmental Change and Forced Migration Scenarios**. D.3.4. Synthesis Report. EACH-FOR, 2009. Disponível em: https://rosamartinez.org/wp-content/uploads/2015/11/Migraciones-y-Cambio-Climatico_EACHFOR.pdf. Acesso em: 20 out. 2022.

FEMIA, Francesco; WERREL, Caitilin. Central American Climate Migration is a Human Security Crisis. **The Center for Climate and Security**, [S.l.], 13 July 2021. Disponível em: <https://climateandsecurity.org/2021/07/central-american-climate-migration-is-a-human-security-crisis/>. Acesso em 05 abr. 2023.

FERREIRA, Carlos E. R. O imigrante como um subversivo prático-político, possibilidade de um “novo mundo” – o projeto universal-cosmopolita dos Direitos Humanos em contraposição à Soberania territorial. **Emancipação**, Ponta Grossa, v. 11, n. 2, pp. 253-266, 2011.

Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao>. Acesso em: 11 jun. 2022.

FLAVELL, Alex; MILAN, Andrea; MELDE, Susanne. **Migration, environment and climate change**: Literature review. First report in the “Migration, environment and climate change” series. Dessau-Roßlau: German Environment Agency, 2020. Disponível em: https://www.umweltbundesamt.de/sites/default/files/medien/1410/publikationen/2020-03-04_texte_42-2020_migration-literature-review_1.pdf. Acesso em: 05 abr. 2023.

www.umweltbundesamt.de/sites/default/files/medien/1410/publikationen/2020-03-04_texte_42-2020_migration-literature-review_1.pdf

Acesso em: 05 abr. 2023.

GIACOMELLI *et al.* **Beyond Panic?** Case Study Report Exploring Climate Mobilities in Senegal, Guatemala, Cambodia And Kenya. Climate of Change; We World, 2022. Disponível em: <https://www.imvf.org/wp-content/uploads/2022/08/beyond-panic-exploring-climate-mobilities-full-report-climate-of-change.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2023.

GONZALEZ-BARRERA. More Mexicans Leaving Than Coming to the U.S. **Pew Research Center**, [S.l.], 19 Nov. 2015. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/hispanic/2015/11/19/more-mexicans-leaving-than-coming-to-the-u-s/>. Acesso em: 20 out. 2022.

GOSINE, Andil. Roots of flight: Environmental refugees in Latin America-A response to analysis by Homer-Dixon. **Refuge: Canada's Journal on Refugees**, v. 15, n. 2, pp. 27-32, 1996.

GO-Science – The Government Office for Science. **Foresight: Migration and Global Environmental Change**. Final Project Report. London: The Government Office for Science, 2011.

GRAY, Clark; WISE, Erika. Country-specific effects of climate variability on human migration. **Climatic Change**, v. 135, p. 555-568, 2016.

HAAS, Hein; CASTLES, Stephen; MILLER, Mark J. **The age of migration**: International Population Movements. 6 ed. USA: The Guilford Press, 2020.

HEIBERT, Daniel. **The Canadian Express Entry System for Selecting Economic Immigrants**: Progress and Persistent Challenges. Washington, DC: Migration Policy Institute, 2019.

HELTON, Arthur C. People movement: the need for a World Migration Organisation. **Open Democracy**, [S.l.], 28 Sep. 2015. Disponível em: <https://www.opendemocracy.net/en/people-movement-need-for-world-migration-organisation/>. Acesso em: 15 jun. 2022.

IDCM – INTERNAL DISPLACEMENT MONITORING CENTRE. **Internal displacement in a changing climate**. Geneva: IDCM, 2021. Disponível em: <https://www.internal->

displacement.org/sites/default/files/publications/documents/grid2021_idmc.pdf. Acesso em: 16 jun. 2022.

IFRC – International Federation of Red Cross and Red Crescent Societies. **WORLD DISASTERS REPORT 2020: COME HEAT OR HIGH WATER**. Geneva: IFRC, 2021. Disponível em: https://www.ifrc.org/sites/default/files/2021-05/20201116_WorldDisasters_Full.pdf. Acesso em: 20 out. 2022.

IGARAPÉ INSTITUTE; INSTITUTO CLIMA E SOCIEDADE. **Climate and Security in Latin America and the Caribbean**. Igarapé Institute, 2019. Disponível em: <https://igarape.org.br/wp-content/uploads/2019/12/2019-12-02-publication-Clima-and-Security-EN-web.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2023.

IMMIGRATION HISTORY. IMMIGRATION ACT OF 1917 (BARRED ZONE ACT). **Immigration History**, [S.l.], 08 out. 2018a. Disponível em: <https://immigrationhistory.org/item/1917-barred-zone-act/>. Acesso em: 20 out. 2022.

IMMIGRATION HISTORY. CUBAN ADJUSTMENT ACT OF 1966. **Immigration History**, [S.l.], 22 dez. 2018b. Disponível em: <https://immigrationhistory.org/item/cuban-adjustment-act-of-1966/>. Acesso em: 20 out. 2022.

IMMIGRATION HISTORY. MARIEL BOATLIFT OF 1980. **Immigration History**, [S.l.], 20 abr. 2018c. Disponível em: <https://immigrationhistory.org/item/mariel-boatlift/>. Acesso em: 20 out. 2022.

IMMIGRATION HISTORY. The Immigration Act of 1924 (The Johnson-Reed Act). **Immigration History**, [S.l.], [S.d.]. Disponível em: <https://history.state.gov/milestones/1921-1936/immigration-act>. Acesso em: 20 out. 2022.

IMVF – INSTITUTO MARQUES DE VALLE FLÔR. Migrantes climáticos: da invisibilidade à necessária proteção. **IMVF**, [S.l.], 20 jun. 2022. Disponível em: https://www.imvf.org/2022/06/20/migrantes-climaticos-da-invisibilidade-a-necessaria-protecao/?utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=migrantes-climaticos-da-invisibilidade-a-necessaria-protecao. Acesso em: 05 abr. 2023.

INGOLD, Tim. **Lines: A Brief History**. Routledge, 2016.

IOM – INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION. 2022. **Asia–Pacific Migration Data Report 2021**. Bangkok: Asia–Pacific Regional Data Hub, 2022. Disponível em: <https://publications.iom.int/books/asia-pacific-migration-data-report-2021>. Acesso em: 05 abr. 2023.

IOM – INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION. **Climate Change and Migration in Vulnerable Countries: A snapshot of least developed countries, landlocked developing countries and small island developing States**. Geneva: IOM, 2019. Disponível em:

https://publications.iom.int/system/files/pdf/climate_change_and_migration_in_vulnerable_countries.pdf. Acesso em: 03 abr. 2023.

IOM – INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION. **Migration and Climate Change**. No. 34. Geneva: IOM, 2015. Disponível em: <https://publications.iom.int/books/mrs-no-31-migration-and-climate-change>. Acesso em: 20 out. 2022.

IOM – INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION. **Migration, Environment and Climate Change: assessing the evidence**. Geneva: IOM, 2009. Disponível em: https://publications.iom.int/system/files/pdf/migration_and_environment.pdf. Acesso em: 20 out. 2022.

IOM – INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION. **World Migration Report 2011: Communicating Effectively about Migration**. Geneva: IOM, 2011. Disponível em: <https://publications.iom.int/books/world-migration-report-2011>. Acesso em: 03 abr. 2023.

IOM – INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION. **World Migration Report 2020**. Geneva: IOM, 2020. Disponível em: https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr_2020.pdf. Acesso em: 20 out. 2022.

IOM – INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION. EURASYLUM. **Migration Policy Practice**. A Bimonthly Journal for and by Policymakers Worldwide, v. X, n. 1, January–March 2020. Disponível em: <https://publications.iom.int/system/files/pdf/mpp-40.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2023.

IPCC – INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE. **Climate Change 2014: Synthesis Report**. Geneva: IPCC, 2014. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/ar5/syr/>. Acesso em 05 abr. 2023.

IPCC – INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE. **Climate Change 2022: Impacts, Adaptation and Vulnerability**. IPCC, 2022. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg2/>. Acesso em: 09 jun. 2022.

IPCC – INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE. **Managing the Risks of Extreme Events and Disasters to Advance Climate Change Adaptation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. Disponível em: https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2018/03/SREX_Full_Report-1.pdf. Acesso em 05 abr. 2023.

IPCC – INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE. **Synthesis Report of The IPCC Sixth Assessment Report (AR6)**. IPCC, 2023. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/sixth-assessment-report-cycle/>. Acesso em 05 abr. 2023.

IRIN, Where are the Rohingya boat survivors now?. **UNHCR**, [S.l.], 15 April 2016, available at: <https://www.refworld.org/docid/57318abd4.html>. Acesso em: 20 out. 2022.

LABOTT, Elise; LIPTAK, Kevin; OPPMANN, Patrick. US ending ‘wet foot, dry foot’ policy for Cubans. **CNN**, Washington, 2017. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2017/01/12/politics/us-to-end-wet-foot-dry-foot-policy-for-cubans/index.html>. Acesso em: 20 out. 2022.

LEE, Sabine; BARTELS, Susan. ‘They put a few coins in your hands to drop a baby in you’ – 265 stories of Haitian children abandoned by UN fathers. **The Conversation**, [S.l.], 17 Dez. 2019. Disponível em: <https://theconversation.com/they-put-a-few-coins-in-your-hands-to-drop-a-baby-in-you-265-stories-of-haitian-children-abandoned-by-un-fathers-114854>. Acesso em: 05 abr. 2023.

LIBRARY OF CONGRESS. 1986: Immigration Reform and Control Act of 1986. **Library of Congress Research Guide**, [S.l., S.d.]. Disponível em: <https://guides.loc.gov/latinx-civil-rights/irca>. Acesso em: 20 out. 2022.

LUSTGARTEN, Abrahm; KOHUT, Meridith. The Great Climate Migration Has Begun. **The New York Times Magazine**, [S.l.], 23 Jul. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/interactive/2020/07/23/magazine/climate-migration.html>. Acesso em: 04 abr. 2023.

MAGRIN, G.O. Central and South America. In: BARROS, V. R. *et al.* **Climate Change 2014: Impacts, Adaptation, and Vulnerability. Part B: Regional Aspects. Contribution of Working Group II to the Fifth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014. Disponível em: https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2018/02/WGIIAR5-Chap27_FINAL.pdf. Acesso em: 02 out. 2022.

MARINUCCI, R.; MILESI, R. Migrações internacionais contemporâneas. **IMDH**, junho 2005. Disponível em: <https://www.migrante.org.br/refugiados-e-refugiadas/migracoes-internacionais-contemporaneas/>. Acesso em: 30 mai. 2022.

MCAULIFFE, M.; TRIANDAFYLLIDOU, A. (Eds.). **World Migration Report 2022**. Geneva: International Organization for Migration (IOM), 2021. Disponível em: https://www.internal-displacement.org/sites/default/files/publications/documents/grid2021_idmc.pdf. Acesso em: 15 set. 2022.

MDP – MIGRATION DATA PORTAL. Return migration. **Migration Data Portal**, [S.l.], 28 jul. 2022. Disponível em: <https://www.migrationdataportal.org/themes/return-migration>. Acesso em: 20 out. 2022.

MERCOSUL – MERCADO COMUM DO SUL. Residir no MERCOSUL. **MERCOSUL**, [S.l.], 22 nov. 2018. Disponível em: <https://www.mercosur.int/pt-br/cidadãos/residir/>. Acesso em: 20 out. 2022.

MIRALLES, Pablo Escribano; PIÑERO, Javier. **MAPEO SOBRE MIGRACIÓN, MEDIO AMBIENTE Y CAMBIO CLIMÁTICO EN AMÉRICA DEL SUR**. Buenos Aires: Conferencia Sulamericana sobre Migraciones, 2022. Disponível em:

https://environmentalmigration.iom.int/sites/g/files/tmzbd1411/files/documents/mapeo-sobre-migracion-medio-ambiente-y-cambio-climatico-en-america-del-sur_csm.pdf. Acesso em: 05 abr. 2023.

MURRAY, Delaney. US response to Haitian climate 'refugees'. **Foreign Affairs Review**, 11 Oct. 2021. Disponível em: <https://www.foreignaffairsreview.com/home/us-response-to-haitian-climate-refugees>. Acesso em: 05 abr. 2023.

NAÇÕES UNIDAS. Padrões climáticos erráticos afetam mais de 2 milhões de pessoas em Corredor Seco da América Central. **Nações Unidas**, [S.l.], 11 ago. 2019. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/08/1683101>. Acesso em: 05 abr. 2023.

NAFTA – NORTH AMERICAN FREE TRADE AGREEMENT. North American Free Trade Agreement (NAFTA). **International Trade Administration**, [S.l.], 25 jan. 2020. Disponível em: <https://www.trade.gov/north-american-free-trade-agreement-nafta>. Acesso em: 20 out. 2022.

NEWLAND, Kathleen. Global Governance of International Migration 2.0: What lies ahead. **Migration Policy Institute**, n. 8, 2019. Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/sites/default/files/publications/GlobalCompact-MigrationGovernance-Final.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2022.

OECD – ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. Chile signs up as first OECD member in South America. **OECD**, [S.l.], 11 Jan. 2010. Disponível em: <https://www.oecd.org/chile/chilesignsupasfirstoecdmemberinsouthamerica.htm>. Acesso em: 20 out. 2022.

OECD – ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. Migration. **OECD**, [S.l., S.d.], Disponível em: <https://www.oecd.org/migration/>. Acesso em: 13 mai. 2022.

OECD – ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **International Migration Outlook**. OECD, 2022. Disponível em: <https://www.oecd.org/migration/international-migration-outlook-1999124x.htm>. Acesso em: 10 jun. 2022.

OMM – ORGANIZACIÓN METEOROLÓGICA INTERNACIONAL. Em nuevo informe muestra los efectos del cambio climático y los fenómenos meteorológicos extremos em América Latina y el Caribe. **OMM**, [S.l.], 17 ago. 2021. Disponível em: <https://public.wmo.int/es/media/comunicados-de-prensa/un-nuevo-informe-muestra-los-efectos-del-cambio-clim%C3%A1tico-y-los>. Acesso em: 20 out. 2022.

OPEN DEMOCRACY. Os países mais atingidos pela crise climática na América Latina. **Open Democracy**, [S.l.], 10 nov. 2021. Disponível em: <https://www.opendemocracy.net/pt/paises-mais-afetados-crise-climatica-america-latina/>. Acesso em: 25 set. 2022.

PETERS, Anne. The Global Compact for Migration: to sign or not to sign? **Ejil Talk**, [S.l.], 21 Nov. 2018. Disponível em: <https://www.ejiltalk.org/the-global-compact-for-migration-to-sign-or-not-to-sign/>. Acesso em: 13 jun. 2022.

PODESTA, John. The climate crisis, migration and refugees. *In: Brookings Blum Roundtable on Global Poverty*, 25 July 2019. Disponível em: https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2019/07/Brookings_Blum_2019_climate.pdf. Acesso em: 05 abr. 2023.

RAMOS, Camila; MAGRINI, Leandro. O deslocamento invisível de milhões de pessoas pelas mudanças ambientais. **ComCiência**, [S.l.], 09 abr. 2020. Disponível em: <https://www.comciencia.br/o-deslocamento-invisivel-de-milhoes-de-pessoas-pelas-mudancas-ambientais/>. Acesso em: 30 jun. 2022.

RECHKEMMER, Andreas *et al.* A complex social-ecological disaster: Environmentally induced forced migration. **Disaster Health**, v. 3, n. 4, pp. 112-120, 2016.

RENAUD, Fabrice *et al.* **Control, Adapt or Flee: How to Face Environmental Migration?** Bornheim: UNU-EHS, 2007. Disponível em: <http://collections.unu.edu/eserv/UNU:1859/pdf3973.pdf>. Acesso em: 20 out. 2022.

RIGAUD, Kanta Kumari *et al.* **Groundswell: Preparing for Internal Climate Migration**. Washington, DC.: World Bank, 2018. Disponível em: <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/29461>. Acesso em: 20 out. 2022.

ROLNIK, Raquel *et al.* Mapas do coronavírus escondem informações. **LabCidade**, [S.l.], 08 mai. 2020. Disponível em: <http://www.labcidade.fau.usp.br/mapas-do-coronavirus-escondem-informacoes/>. Acesso em: 03 abr. 2023.

SHABI, Raquel. British jobs for British workers' is back, a fascist incursion into mainstream politics. **The Guardian**, [S.l.], 08 Sep. 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2017/sep/08/british-jobs-workers-fascist-government-brexit-plan>. Acesso em: 25 mai. 2022.

SINGH, Bhawan; COHEN, Marc J. **Climate change resilience: The case of Haiti**. Oxfam International, 2014. Disponível em: <https://oxfamilibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/314540/rr-climate-change-resilience-haiti-260314-en.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 out. 2022.

SOLERA, Eric. **Characterization of the Dry Corridor in Central Americas Northern Triangle**. San José: Habitat for Humanity, 2021. Disponível em: <https://www.habitat.org/sites/default/files/documents/Qualitative%20housing%20deficit%20in%20El%20Salvador%2C%20Guatemala%20and%20Honduras%20exceeds%203.9%20million%20houses.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2023.

UCLA LABOR CENTER. The Bracero Program. **UCLA Labor Center**, [S.l.], 04 nov. 2018. Disponível em: <https://www.labor.ucla.edu/what-we-do/research-tools/the-bracero-program/>. Acesso em: 20 out. 2022.

UK – UNITED KINGDOM. **The Commonwealth Immigration Act 1968**, Chapter 9. 1968. Disponível em: https://www.legislation.gov.uk/ukpga/1968/9/pdfs/ukpga_19680009_en.pdf. Acesso em: 20 out. 2022.

UN – UNITED NATIONS. Global Compact for safe, orderly an regular migration. **Global Compact for Migration**, 13 Jul. 2018. Disponível em: https://refugeesmigrants.un.org/sites/default/files/180713_agreed_outcome_global_compact_for_migration.pdf. Acesso em: 20 mai. 2022.

UNDESA – UNITED NATIONS DEPARTMENT OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS. **International Migration 2020 Highlights**. UM, 2020. Disponível em: <https://www.un.org/development/desa/pd/news/international-migration-2020>. Acesso em: 01 jun. 2022.

UNDP – United Nations Development Programme. **Overcoming barriers: Human mobility and development**. Human Development Report 2009. New York: Palgrave Macmillan, 2009. Disponível em: <https://hdr.undp.org/system/files/documents/human-development-report-2009-english.human-development-report-2009-english>. Acesso em: 05 abr. 2023.

UNITED STATES. U.S. Department of State. The Immigration Act of 1924 (The Johnson-Reed Act). **Office of the Historian**, [S.l., S.d.]. Disponível em: <https://history.state.gov/milestones/1921-1936/immigration-act>. Acesso em: 20 out. 2022.

UNITED STATES. **UNITING AND STRENGTHENING AMERICA BY PROVIDING APPROPRIATE TOOLS REQUIRED TO INTERCEPT AND OBSTRUCT TERRORISM (USA PATRIOT ACT) ACT OF 2001**. PUBLIC LAW 107-56, 26 out. 2001. Disponível em: <https://www.congress.gov/107/plaws/publ56/PLAW-107publ56.pdf>. Acesso em: 20 out. 2022.

UNITED STATES. The Spanish-American War, 1898. **Office of the Historian**, [S.l.], 04 nov. 2013. Disponível em: <https://history.state.gov/milestones/1866-1898/spanish-american-war>. Acesso em: 20 out. 2022.

UNHCR – UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES. **Global Trends: Forced Displacements in 2019**. Copenhagen: UNHCR, 2020. Disponível em: <https://www.unhcr.org/be/wp-content/uploads/sites/46/2020/07/Global-Trends-Report-2019.pdf>. Acesso em: 20 out. 2022.

UOL. Desastres climáticos afetaram 340 milhões de pessoas no Brasil em 10 anos. **UOL**, [S.l.], 20 set. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/noticias-da-floresta/2022/09/20/desastres-climaticos-afetaram-340-milhoes-de-pessoas-no-brasil-em-10-anos.htm>. Acesso em: 05 abr. 2023.

USHR – UNITED STATES HOUSE OF REPRESENTATIVES HISTORY, ART & ARCHIVES. **Immigration and Nationality Act of 1965**. Disponível em: <https://history.house.gov/Historical-Highlights/1951-2000/Immigration-and-Nationality-Act-of-1965/>. Acesso em: 20 out. 2022.

VERMEULEN, Maite; DE KORTELE, Leon; VAN HOUTUM, Henk. How maps in the media make us more negative about migrants. **The Correspondent**, [S.l.], 02 Sep. 2020. Disponível em: <https://thecorrespondent.com/664/how-maps-in-the-media-make-us-more-negative-about-migrants>. Acesso em 05 abr. 2023.

VIGIL, Saraa; TORRE, Andreea R.; KIM, Dayoon. **Exploring the environment-conflict-migration nexus in Asia**. Danish Refugee Council and Stockholm Environment Institute, 2022.

VILLEN, Patrícia; DIAS, Gustavo Dias. 2021. Migração – Abdelmalek Sayad. *In*: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/conceito/migracao-abdelmalek-sayad>. Acesso em: 02 jun. 2022.

WILLIAMS, Lindy. How Unequal Resources Shape Flood Migration. **Migrations**, 15 Nov. 2020. Disponível em: <https://migrations.cornell.edu/how-unequal-resources-shape-flood-migration>. Acesso em 05 abr. 2023.

WMO – World Meteorological Organization. **State of the Global Climate 2021**. Geneva: WMO, 2022a. Disponível em: https://library.wmo.int/doc_num.php?explnum_id=11178. Acesso em: 20 out. 2022.

WMO – World Meteorological Organization. **State of the Climate in Latin America and the Caribbean**. Geneva: WMO, 2022b. Disponível em: <https://public.wmo.int/en/our-mandate/climate/wmo-statement-state-of-global-climate/LAC>. Acesso em: 05 abr. 2023.

WORLD BANK. **Haiti**: Pathways to responding to recurrent crises and chronic fragility. Washington, D.C.: World Bank Group, 2022. Disponível em: <https://openknowledge.worldbank.org/server/api/core/bitstreams/ee4a9a98-d046-5c28-82d2-31d5945186c9/content>. Acesso em 04 abr. 2023.

YATES, Caitlyn. Haitian Migration through the Americas: A Decade in the Making. **Migration Policy Institute**, 30 Sep. 2021. Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/haitian-migration-through-americas>. Acesso em: 20 out. 2022.